

ERNESTO CHE GUEVARA

Sá
editora

**De moto pela
América do Sul**

O livro que inspirou o filme

**DIARIOS DE
MOTOCICLETA**

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



DE MOTO
PELA AMÉRICA DO SUL
Diário de viagem

ERNESTO CHE GUEVARA

DE MOTO PELA AMÉRICA DO SUL

Diário de viagem

Tradução
Diego Ambrosini



Título do original em espanhol: *Notas de Viaje*

© 2001 by Giangiacomo Feltrinelli Editore, Milano

Tradução feita com base na edição publicada em inglês: *The Motorcycle Diaries*, Verso Books, Londres, 1995 e na edição italiana: *Latinoamericana - Due diari per um viaggio in motocicletta*, Feltrinelli, Milão, 1993.

O original *Notas de viaje* de Ernesto Guevara de la Serna é parte do seu arquivo pessoal, guardado pelo Centro Latino-americano “Che Guevara”, em Havana, Cuba, sob a curadoria de sua viúva, Aleida March de la Torre. O prólogo e o epílogo de autoria de Ernesto Guevara Lynch foram extraídos do livro *Mi hijo, el Che* - Editorial Arte y Literatura, La Havana, 1988.

Coordenação editorial:

Eliana Sá

Capa:

Manu

Fotos de capa:

Ernesto Che Guevara no balcão de sua casa na Rua Arsoz, em Buenos Aires - Ernesto Guevara Lynch La Poderosa, a moto - arquivo pessoal Pescadores - Ernesto Che Guevara

Preparação de texto:

Márcia Menin

Diagramação:

Eveline Albuquerque

Catálogo na Fonte
do Departamento Nacional do Livro

G939d

Guevara, Ernesto Che, 1928 - 1967.
De moto pela América do Sul - Diário de Viagem /
Ernesto Che Guevara - São Paulo: Sá / Rosari, 2001.
192 p. ; 14x21cm.

ISBN 85-88193-06-X (broch.)

1. Guevara, Ernesto, 1928 -1967. I. Título.

CDD: B869.3

Todos os direitos reservados.
Direitos mundiais em língua portuguesa
para o Brasil cedidos à
SÁ EDITORA
Tel./Fax: (11) 5051-9085 / 5052-9112
E-mail: atendimento@saeeditora.com.br
www.saeeditora.com.br

SUMÁRIO

ITINERÁRIO DA VIAGEM

PRÓLOGO

DIÁRIO DE VIAGEM

ESCLARECENDO AS COISAS...

PRÓDOMOS

DESCOBRINDO O OCEANO

...UM INTERLÚDIO ROMÂNTICO

CORTANDO OS ÚLTIMOS LAÇOS

REMÉDIO PARA A GRIPE: CAMA

SAN MARTÍN DE LOS ANDES

EXPEDIÇÃO CIRCULAR

A CAMINHO DE BARILOCHE: CARTA DE ERNESTO PARA SUA MÃE, JANEIRO DE 1952

A ESTRADA DOS SETE LAGOS

“SINTO MINHAS RAÍZES FLUTUANDO LIVRES, NUAS E...”

OBJETOS DA CURIOSIDADE

OS ESPECIALISTAS

AS DIFICULDADES AUMENTAM

O FIM DA LINHA PARA LA PODEROSA II

BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS, TRABALHADORES VOLUNTÁRIOS E COISAS DO GÊNERO

O SORRISO DO LA GIOCONDA

PASSAGEIROS CLANDESTINOS

DESTA VEZ, FRACASSO

CHUQUICAMATA

QUILÔMETROS E QUILOMETROS DE ARIDEZ

CHILE, O FIM

CHILE EM RETROSPECTO

TARATA, O NOVO MUNDO

NOS DOMÍNIOS DE PACHAMAMA

O LAGO DO SOL

VIAGEM AO CENTRO DA TERRA

O CENTRO DO MUNDO

A TERRA DOS INCAS

NOSSO SENHOR DOS TERREMOTOS

LAR DOS VENCEDORES

CUZCO EM RESUMO

HUAMBO

AINDA EM DIREÇÃO AO NORTE

ATRAVÉS DO PERU CENTRAL

NOSSAS ESPERANÇAS SÃO FRUSTRADAS

A CIDADE DOS VICE-REIS

DESCENDO O UCAYALI

CARTA DE ERNESTO A SEU PAI: QUITOS, 4 DE JUNHO DE 1952

A COLÔNIA DE LEPROSOS DE SAN PABLO

DIA DE SÃO GUEVARA

NOSSO PEQUENO KONTIKI

CARTA DA COLÔMBIA: BOGOTÁ, 6 DE JULHO DE 1952

PARA CARACAS

ESSE ESTRANHO SÉCULO XX

REFLETINDO MELHOR

EPÍLOGO

ERNESTO VAI PARA MIAMI E VOLTA A BUENOS AIRES

RESUMO BIOGRÁFICO

Os diários de viagem de Ernesto Guevara de la Serna, transcritos do Arquivo Pessoal de Che Guevara em Havana, recontam as experiências, as vicissitudes e a grande aventura que foi a jornada de descobrimento de um jovem percorrendo a América Latina. Ernesto começou a escrever esse diário quando, em dezembro de 1951, partiu com seu amigo Alberto Granado na tão esperada viagem desde Buenos Aires, descendo pela costa atlântica da Argentina, passando através dos Pampas, atravessando os Andes para chegar ao Chile, e depois rumo ao norte, em direção ao Peru e à Colômbia, para finalmente alcançar a capital venezuelana, Caracas.

Os acontecimentos foram depois reescritos pelo próprio Ernesto, em forma narrativa, e oferecem ao leitor uma visão mais aprofundada da vida do Che, especialmente nesse momento tão pouco conhecido. O relato revela detalhes da personalidade do Che, de sua bagagem cultural e de suas habilidades narrativas – a gênese de um estilo que seria desenvolvido por ele em seus escritos posteriores.

O leitor deste livro testemunhará também as extraordinárias mudanças que aconteceram com o narrador enquanto descobria a América Latina. Mudanças que atingiram o Che no fundo do coração e o fizeram desenvolver um crescente senso de “latino-americanidad” e transformando-o em um dos precursores de uma nova história da América.

ARQUIVO PESSOAL DE CHE GUEVARA
Centro Latino-Americano Che Guevara
Havana, Cuba



Mapa da América do Sul mostrando a rota seguida por Ernesto Guevara e Alberto Granado

ITINERÁRIO DA VIAGEM

Argentina

- Córdoba, dezembro de 1951
- Saída de Buenos Aires, saída em 4 de janeiro de 1952
- Villa Gesell, 6 de janeiro
- Miramar, 13 de janeiro
- Necochea, 14 de janeiro
- Bahía Blanca, chegada em 16 de janeiro, partida no dia 21
- Caminho para Choele Choel, 22 de janeiro
- Choele Choel, 25 de janeiro
- Piedra del Águila, 29 de janeiro
- San Martín de los Andes, 31 de janeiro
- Nahuel Huápi, 8 de fevereiro
- Bariloche, 11 de fevereiro

Chile

- Peulla, 14 de fevereiro
- Temuco, 18 de fevereiro
- Lautauro, 21 de fevereiro
- Los Angeles, 27 de fevereiro
- Santiago do Chile, 1.º de março
- Valparaíso, 7 de março
- A bordo do *San Antonio*, 8-10 de março
- Antofogasta, 11 de março
- Baquedano, 12 de março
- Chuquicamata, 13-15 de março
- Iquique, 20 de março. (Companhias de extração de nitrato Toco, La Rica Aventura e Prosperidad.)
- Arica, 22 de março

Peru

- Tacna, 24 de março
- Tarata, 25 de março
- Puno, 26 de março

- Velejam o lago Titicaca no dia 27 de março
- Juliaca, 28 de março
- Sicuani, 30 de março
- Cuzco, 31 de março a 3 de abril
- Machu Picchu, 4-5 de abril
- Cuzco, 6-7 de abril
- Abancay, 11 de abril
- Huancarama, 13 de abril
- Huambo, 14 de abril
- Huancarama, 15 de abril
- Andahuaylas, 16-19 de abril
- Huanta
- Ayacucho, 22 de abril
- Huancayo
- La Merced, 25-26 de abril
- Entre Oxapampa e San Ramón, 27 de abril
- San Ramón, 28 de abril
- Tarma, 30 de abril
- Lima, 1-17 de maio
- Cerro de Pasco, 19 de maio
- Pucallpa, 24 de maio
- A bordo do *La Cenepa*, descem o rio Ucayali, afluente do Amazonas, 25-31 de maio
- Iquitos, 1-5 de junho
- A bordo do *Cisne*, dirigem-se para a colônia de leprosos de San Pablo, 6-7 de junho
- San Pablo, colônia de leprosos, 8-20 de junho
- A bordo do *Mambo-Tango*, navegam no Amazonas, 21 de junho

Colômbia

- Leticia, 23 de junho a 1º de julho. Partem de avião no dia 2 de julho
- Em trânsito em Tres Esquinas, 2 de julho
- Madri, aeroporto militar a 30 km de Bogotá
- Bogotá, 2-10 de julho
- Cúcuta, 12-13 de julho

Venezuela

- San Cristóbal, 14 de julho
- Entre Barquisimento e Corona, 16 de julho
- Caracas, 17-26 de julho

PRÓLOGO

A JORNADA DE ERNESTO E ALBERTO GRANADO

POR ERNESTO GUEVARA LYNCH

Alberto Granado, um bioquímico irmão dos amigos de escola de Ernesto, Tomás e Gregório, sugeriu que meu filho o acompanhasse em uma viagem através da América do Sul. Isso foi em 1951. Naquela época, Ernesto namorava uma jovem simpática de Córdoba. Minha família e eu estávamos convencidos de que ele iria se casar com ela.

Um dia, ele anunciou: “Estou partindo para a Venezuela, pai”.

Pode-se imaginar minha surpresa quando lhe perguntei quanto tempo ficaria longe, ao que ele respondeu: “Por um ano”.

“E quanto a sua namorada?”, perguntei.

“Se ela me ama, vai esperar”, veio a resposta.

Eu já estava acostumado com os entusiasmos repentinos de meu filho, mas sabia também que ele gostava muito da jovem e pensei que isso faria diminuir sua sede por novos horizontes. Fiquei intrigado. Não conseguia entender Ernesto. Havia coisas sobre ele que eu não conseguia penetrar. Coisas que só se tornaram mais claras com o passar do tempo. Eu não compreendia na época que sua obsessão por viagens era apenas outro lado de seu zelo pelo estudo. Ele sabia que, para conhecer realmente as necessidades dos pobres, tinha de viajar pelo mundo não apenas como turista, parando aqui e ali para tirar belas fotos e apreciar a paisagem, mas da maneira como ele fez, compartilhando o sofrimento humano encontrado em cada curva da estrada e procurando as causas daquela miséria. Suas viagens foram uma espécie de pesquisa social, saindo para ver o mundo com os próprios olhos, mas tentando, ao mesmo tempo, aplacar um pouco do sofrimento humano, sempre que pudesse.

Somente com esse tipo de determinação e de empatia, com um coração sem amargura e com disposição para sacrificar-se pelos outros é que ele poderia mergulhar naquela condição destituída de humanidade que, tristemente, é o fardo da maioria dos pobres deste mundo. Alguns anos mais tarde, refletindo sobre suas constantes viagens, eu percebi quanto elas o convenceram de seu verdadeiro destino.

Algum tempo depois da partida de Ernesto para a Venezuela, eu estava almoçando com uma de minhas irmãs e um amigo dela, padre Cuchetti, um sacerdote bastante conhecido na Argentina por suas ideias liberais. Contei-lhe da viagem de Ernesto, a parte em que ele e Granado atravessaram a selva amazônica e o que fizeram na colônia de leprosos na vila de San Pablo. Ele ouviu atentamente minha descrição da vida terrível que os leprosos levavam e disse: “Meu amigo, eu me sinto capaz de fazer qualquer sacrifício pelo meu próximo, mas posso garantir que viver em meio a leprosos, em condições pouco higiênicas nos trópicos, é

algo que eu não conseguiria fazer. Eu simplesmente não seria capaz. Tiro meu chapéu para a integridade humana de seu filho e do amigo dele, porque, para fazer o que eles estão fazendo, é preciso algo mais do que coragem: uma vontade de ferro e uma alma cheia de compaixão e enormemente caridosa. Seu filho irá longe”.

Devo confessar que estava tão acostumado a acompanhar Ernesto em suas viagens por minha imaginação que ainda não havia parado para ponderar seriamente sobre o que o motivava a empreendê-las. Particularmente, acho que me deixei enganar pela maneira casual como ele contava suas histórias, como se fossem uma coisa simples, que qualquer um faria. Ele as narrava sem muito drama e, talvez para não preocupar a nós, da família, fingia ser impelido a fazê-las por mera curiosidade.

Só bem depois, em suas cartas, passamos a entender que seguia um verdadeiro impulso missionário, que não o abandonaria jamais. Suas histórias, sempre muito vivas e interessantes, tinham um ar irônico que confundia o ouvinte e o impedia de saber se ele estava brincando ou falando sério.

Lembro-me de quando ele nos escreveu do Peru, avisando que seguiria para o norte. Era algo mais ou menos assim: “Se vocês não receberem notícias nossas durante um ano, procurem por nossas cabeças encolhidas em algum museu ianque, porque nós vamos cruzar o território dos índios jíbaros, conhecidos por serem caçadores de cabeças”. Nós sabíamos quem eram os jíbaros, e sabíamos também que, durante séculos, mantinham a tradição de encolher a cabeça de seus inimigos. Dessa vez, as coisas eram ditas de maneira um pouco diferente: já não era mais uma piada; havia uma boa dose de verdade ali.

Eu sofria em silêncio todas as vezes que Ernesto decidia explorar o mundo. Quando ele me contou da viagem planejada com Granado, puxei-o para um lado e disse: “Você vai ter de enfrentar experiências muito difíceis agora. Como eu poderia ser contra que você faça algo que eu mesmo sempre sonhei fazer? Mas lembre-se: se você se perder na selva e eu não ouvir notícias suas por um intervalo razoável, vou procurá-lo, vou seguir seus passos, e não vou sossegar enquanto não encontrá-lo”. Ele sabia que eu faria mesmo isso, e eu imaginava que esse motivo talvez pudesse inibir sua louca busca pelo perigo. Pedi que ele sempre deixasse sinais de onde pudesse estar e nos enviasse seus itinerários. Ele fez isso por meio de suas cartas. Foi também por elas que nós viemos a perceber a verdadeira natureza da vocação de nosso filho. Elas nos traziam uma análise econômica, política e social de todos os países pelos quais ele passou e incluíam também pensamentos que sugeriam as crescentes ideias comunistas dele.

Não se tratava de nenhum passatempo para Ernesto, e nós sabíamos disso. Começamos então, pouco a pouco, a apreciar a magnitude da tarefa da qual ele se incumbia. Ele tinha potencial para fazer o que quer que desejasse, mas potencial nem sempre é o suficiente; transformar, de fato, os sonhos, os planos e as esperanças em realidade é a parte mais difícil de tudo. Ernesto tinha fé em si mesmo, assim como a perseverança de um vencedor e uma enorme determinação para alcançar os objetivos que impunha a si mesmo. Junte-se a isso uma inteligência da qual deu todas as evidências necessárias e pode-se entender como ele pôde realizar tanto em tão pouco tempo.

Ele agora partia com Alberto Granado para seguir as pegadas de tantos e lendários exploradores das Américas. Como estes, eles deixaram para trás o conforto, os laços emocionais e as famílias para seguir em busca de novos horizontes: Granado, talvez, para descobrir novos mundos; Ernesto, com a mesma meta, mas também com uma certeza mística de seu próprio destino. E assim, Ernesto e seu amigo foram caminhar na trilha dos “conquistadores”; mas enquanto estes últimos tinham sede de conquista, os dois primeiros seguiram com um propósito bem diferente.

DIÁRIO DE VIAGEM

ESCLARECENDO AS COISAS...

Este não é um conto de aventuras nem tampouco alguma espécie de “relato cínico”; pelo menos, não foi escrito para ser assim. É apenas um pedaço de duas vidas que correram paralelas por algum tempo, com aspirações em comum e com sonhos parecidos. Durante o transcorrer de nove meses, um homem pode pensar em muitas coisas, desde o mais alto conceito filosófico até o desejo mais abjeto por um prato de sopa – tudo de acordo com o estado de seu estômago. E se, ao mesmo tempo, esse homem for do tipo aventureiro, ele poderá viver experiências que talvez interessem às demais pessoas e seu relato casual se parecerá com este diário.

Assim, a moeda foi lançada e girou no ar; às vezes apareciam caras, às vezes, coroas. O homem, que é a medida de todas as coisas, fala através de mim e reconta por minhas palavras o que meus olhos viram. De dez caras possíveis, eu talvez só tenha visto uma única coroa, ou vice-versa: não há desculpa; minha boca fala o que meus olhos lhe disseram para falar. Teria nossa visão sido estreita demais, preconceituosa demais ou apressada demais? Teriam nossas conclusões sido muito rígidas? Talvez, mas é assim que a máquina de escrever interpreta os impulsos desbaratados que me fizeram pressionar as teclas, e esses impulsos fugazes já estão mortos. Além disso, ninguém pode responder por eles. A pessoa que tomou estas notas morreu no dia em que pisou novamente o solo argentino. A pessoa que está agora reorganizando e polindo estas mesmas notas, eu, não sou mais eu, pelo menos não sou o mesmo que era antes. Esse vagar sem rumo pelos caminhos de nossa Maiúscula América me transformou mais do que me dei conta.

Qualquer manual de técnicas de fotografia pode mostrar uma paisagem noturna com a lua brilhando no céu e um texto ao lado que revele os segredos dessa escuridão iluminada. Mas o leitor deste livro não sabe que espécie de fluido sensitivo recobre minha retina, eu próprio não o sei com certeza, então não é possível examinar os negativos para encontrar o exato momento em que minhas fotos foram tiradas. Se eu mostrar uma foto noturna, você, leitor, é obrigado a aceitá-la ou recusá-la por inteiro, não importa o que pense. A menos que você conheça as paisagens que eu fotografei em meu diário, será obrigado a aceitar minha versão delas. Agora, eu o deixo em companhia de mim, do homem que eu era...

PRÓDOMOS

Era uma manhã de outubro. Me aproveitei do feriado do dia 17¹ e fui para Córdoba.

Estávamos então sob as parreiras da casa de Alberto Granado, tomando nosso chimarrão, conversando sobre os últimos acontecimentos em nossas “vidas miseráveis” e mexendo no motor de “La Poderosa II”² de Alberto. Ele estava resmungando qualquer coisa sobre ter sido obrigado a desistir de seu emprego na colônia de leprosos em San Francisco del Chañar e sobre como estava recebendo pouco agora, no Hospital Español. Como ele, eu também tinha saído de meu antigo emprego, mas, ao contrário dele, estava feliz por isso. Mesmo assim, eu também andava inquieto, em grande parte porque era um sonhador e um espírito livre e não aguentava mais a escola de medicina, os hospitais e as provas que tinha de fazer.

Nossas fantasias nos levavam a lugares distantes, a mares tropicais, a viagens através da Ásia. E, de repente, escorregando como se fizesse parte de uma dessas fantasias, veio a pergunta: “Por que nós não vamos para a América do Norte?”

“América do Norte? Como assim?”

“Com La Poderosa, cara.”

E foi assim que surgiu a ideia da viagem, que aliás nunca se desviou do princípio-geral estabelecido naquela manhã: a improvisação. Os irmãos de Alberto se juntaram a nós e uma roda de mate selou nosso pacto de não desistir até que nosso sonho fosse realidade. Depois, veio o cansativo trabalho de correr atrás dos vistos, certificados e documentos necessários e de saltar todos os obstáculos com os quais as nações modernas tentam impedir a passagem de pretensos viajantes. Para disfarçar, só por precaução, decidimos dizer a todos que estávamos indo para o Chile. Minha principal obrigação antes da partida foi fazer as provas em todas as disciplinas possíveis na faculdade; a de Alberto, aprontar a moto para a longa jornada e estudar nossa rota de viagem. Naquele momento, ainda não imaginávamos o esforço que teríamos de fazer para cumprir nossos objetivos, tudo o que enxergávamos era a estrada poeirenta à nossa frente. Tudo o que víamos era nós dois em nossa moto, devorando os quilômetros rumo ao norte.

DESCOBRINDO O OCEANO

A lua cheia refletindo no mar pinta as ondas com faíscas prateadas. Sentados em uma duna, observando o vai-e-vem contínuo da maré, nós dois estamos envoltos em nossos pensamentos. Para mim, o mar sempre foi uma espécie de confidente, um amigo que absorve tudo o que eu lhe conto sem trair meus segredos e que sempre me dá os melhores conselhos – seu som pode ser interpretado como se preferir. Para Alberto, é um espetáculo novo e estranhamente perturbador, refletido na intensidade com a qual ele contempla cada onda que morre na praia. Com quase trinta anos de idade, Alberto vê o Atlântico pela primeira vez na vida, e está inundado por uma descoberta que abre rotas infinitas para todos os pontos do globo. A brisa que sopra enche nossos sentidos com o poder que vem do mar e transforma tudo o que toca; até mesmo Come-back³ observa, com seu pequeno focinho apontando para a frente, a faixa de prata que se desenrola várias vezes a cada minuto. Come-back é um símbolo e um

sobrevivente: um símbolo do laço que exige meu retorno; e um sobrevivente dos percalços da viagem – duas batidas, nas quais a bolsa onde ele estava caiu da moto, tendo sido uma das vezes quase pisoteado por um cavalo, e uma persistente diarreia.

Estamos em Villa Gesell, ao norte de Mar del Plata, sendo acolhidos por um tio meu e contabilizando nossos primeiros 1.200 quilômetros – supostamente os mais fáceis, mas que já nos ensinaram um respeito saudável pelas distâncias. Consigamos ou não ir até o final, não vai ser nada fácil, e isso já é óbvio agora. Alberto ri de seus planos detalhadíssimos para a viagem, de acordo com os quais nós já deveríamos estar na última volta da corrida, quando, na verdade, mal estamos no começo.

Deixamos Gesell bem providos de verduras e carne enlatada “doadas” por meu tio. Ele nos pediu para enviar-lhe um telegrama caso cheguemos a Bariloche, porque quer comprar um bilhete de loteria com os números do telegrama; um pouco de exagero, pensamos. Outros disseram que “a moto é uma boa desculpa para um passeio” e coisas assim. Nós estamos determinados a provar que todos estão errados, mas uma apreensão natural nos impede de propagandear nossa confiança mútua.

Na estrada que acompanha a costa, Come-back continua com sua afinidade pela aviação, mas sai ileso de mais uma queda de cabeça no chão. A moto está muito difícil de controlar, porque o peso extra no bagageiro, atrás do centro de gravidade, levanta a roda da frente ao menor lapso de concentração e nos manda para os ares. Paramos em um açougue e compramos alguma carne para assar e leite para o cachorro, que não quer bebê-lo. Eu começo a me preocupar mais pela saúde do animal do que pelo dinheiro que paguei por ele. Descobrimos que a carne que compramos é de cavalo. É doce demais, e não conseguimos comer. Cheio, eu jogo um pedaço para longe e o cão o devora em questão de segundos. Espantado, jogo outro pedaço e a mesma coisa acontece. A dieta do leite tem então decretado o seu fim. Em Miramar, em meio à barulheira dos admiradores de Come-back, eu entro em...

...UM INTERLÚDIO ROMÂNTICO

O propósito deste diário não é o de contar os dias em Miramar, onde Come-back encontrou um novo lar, um lar em particular, a quem o nome do cãozinho era dirigido. Mas a viagem oscilava em uma balança, dormia em um casulo, subordinada à palavra que poderia consentir ou amarrar.

Alberto percebia o perigo e já começava a se imaginar sozinho pelas estradas e caminhos da América, mas não disse nada. A queda-de-braço era entre mim e ela. Por um momento, o poema de Otero Silva⁴ soou em meus ouvidos quando saí, como pensava, vitorioso:

*Yo escuchaba chapotear en el barco
los pies descalzos
y presentía los rostros anochecidos de hambre.*

*Mi corazón fue un péndulo entra ella y la calle.
Yo no sé con qué fuerza me libré de sus ojos
me zafé de sus brazos.
Ella quedó nublando de lágrimas su angustia
tras de la lluvia y el cristal
pero incapaz para gritarme: ¡Espérame,
yo me marchó contigo!*⁵

Depois, eu não tive mais certeza se uma madeira que flutua na maré tem o direito de dizer “sobrevivi” quando alguma onda a joga finalmente na praia que ela tanto procurava; mas isso foi depois. E o depois não interessa por ora. Os dois dias que eu tinha planejado ficar ali alongaram-se até se tornarem oito e, com o gosto doce-amargo da despedida misturando-se a meu hálito obstinado, eu finalmente me vi flutuando para longe, nos ventos da aventura. Flutuando em direção a mundos que eu imaginava mais estranhos do que realmente eram, em situações que eu fantasiava como muito mais normais do que se mostraram depois.

Lembro-me do dia em que meu amigo, o mar, decidiu vir ajudar-me e me resgatar do limbo onde eu estava. A praia estava deserta e uma brisa fria soprava. Minha cabeça estava deitada no colo que me amarrava a este porto. Todo o universo flutuava ritmicamente, obedecendo a impulsos de minha voz interior, que era ninada por tudo à minha volta.

De repente, um sopro mais forte do vento trouxe uma voz diferente vinda do mar; levantei minha cabeça, surpreso, mas não era nada, um alarme falso. Deitei novamente minha cabeça, voltei outra vez meus sonhos para o colo carinhoso, apenas para ouvir o aviso do mar mais uma vez. Seu ritmo discordante martelava a fortaleza dentro de mim e ameaçava minha serenidade imposta. Nós ficamos com frio e deixamos a praia, fugindo da presença perturbadora que se recusava a me deixar. Naquela pequena faixa de areia, o mar quebrava indiferente à sua lei eterna e semeava uma nota de cautela, um aviso. Mas um homem apaixonado (Alberto costumava usar uma palavra mais apimentada, menos literária) não está em condições de dar ouvidos a esses tipos de aviso; dentro da grande barriga da baleia, o lado burguês de meu universo ainda estava sendo construído.

O primeiro mandamento de todo grande explorador é: uma expedição tem sempre dois pontos – o de partida e o de chegada. Se se deseja fazer o segundo ponto em teoria coincidir com o ponto real, não se deve hesitar a respeito dos meios (a expedição é um espaço hipotético que termina onde termina, então devem existir tantos meios para chegar ao ponto final quanto existem meios para se alcançar um fim dado. Quer dizer, os meios são infinitos).

Lembrei-me então da provocação de Alberto: “A pulseira, ou então você não é tudo isso o que você diz”.

Suas mãos desapareceram no vazio das minhas.

“Chichina, essa pulseira... posso levá-la comigo, para me guiar e me lembrar de você?”

Pobre criatura! Eu sei que não era o ouro que importava, apesar do que as pessoas dizem: os dedos dela estavam apenas medindo o amor que me fez pedir aquilo. Ao menos, é isso que eu honestamente penso. Alberto costuma dizer (com uma pitada de maldade, acho) que não é

preciso dedos muito sensíveis para pesar os 29 quilates do meu amor.

CORTANDO OS ÚLTIMOS LAÇOS

Nossa próxima parada foi em Necochea, onde um velho colega de faculdade de Alberto trabalhava. O trajeto não foi difícil, levamos apenas uma manhã e chegamos lá bem na hora do almoço. Recebemos uma cordial acolhida do amigo de Alberto e uma não tão cordial assim de sua mulher, que antevia o perigo escondido em nossos modos decididamente boêmios.

“Você se forma na escola de medicina dentro de um ano e está partindo? E você não tem a menor ideia de quando volta? Por quê?”

Não conseguir arrancar uma resposta precisa para todos os seus porquês desesperados arrepiou todos os seus cabelos. Ela nos tratou com cortesia, mas sua hostilidade era clara, apesar do fato de que ela sabia (ou pelo menos eu pensava que ela sabia) que a vitória era sua, que seu marido estava muito além de qualquer “salvação”.

Em Mar del Plata, nós havíamos visitado um médico amigo de Alberto que tinha ingressado no Partido⁶ com todos os privilégios envolvidos. Esse outro, aqui em Necochea, permanecia fiel ao seu partido – os Radicais – ainda que nós estivéssemos tão distantes de um quanto do outro. O Radicalismo, que nunca havia sido uma posição política defensável para mim, também começava a perder seu encanto para Alberto, que durante uma época tinha respeitado alguns dos líderes do partido. Quando subimos outra vez em nossa moto, depois de agradecer ao casal por haver nos brindado com três dias de boa vida, seguimos para Bahía Blanca, nos sentindo um pouco entristecidos, mas bastante mais livres. Alguns amigos nos aguardavam ali também, dessa vez amigos meus, e eles também nos ofereceram uma hospitalidade generosa e cordial.

Passamos alguns dias nessa cidade portuária, consertando a moto e conhecendo o lugar. Estes foram os últimos dias em que nós não tivemos de nos preocupar com dinheiro. Uma dieta rígida de carne, polenta e pão deveria ser seguida à risca para esticar nossos patéticos fundos monetários. O pão agora tinha gosto de aviso: “Eu não vou ser tão fácil de conseguir daqui para a frente, amigo”. E nós o mastigávamos ainda com mais gosto. Como camelos, queríamos estocar reservas para o que viria mais à frente.

Na noite anterior à nossa partida, eu comecei a sentir uma febre relativamente alta, o que nos fez ficar em Bahía Blanca mais um dia. Finalmente deixamos a cidade às três horas da tarde, sob um sol escaldante que ficou ainda mais quente quando alcançamos as dunas perto de Médanos. A moto, com sua carga mal distribuída, continuava difícil de controlar e a roda da frente girava em falso. Alberto entrou em um duelo ingrato com a areia, no qual até agora ele insiste em dizer ter sido o vencedor. A verdade é que nós acabamos com nossas costas descansando confortavelmente na areia umas seis vezes, antes de conseguir sair andando daquelas dunas. Mas terminamos saindo, entretanto, e este é o principal argumento de meu camarada para reivindicar a vitória sobre Médanos.

Na estrada outra vez, eu assumi o comando e acelerei ao máximo para descontar o tempo perdido. Uma fina camada de areia cobria um pedaço da curva, e blam! A pior batida de toda a expedição. Alberto não teve nenhum arranhão, mas o cilindro quente encostou em meu pé e eu me queimei, o que me deixou um souvenir pouco agradável durante um bom tempo, já que o ferimento não cicatrizou.

Um aguaceiro fortíssimo nos obrigou a procurar abrigo em uma estância⁷, mas para chegar até lá nós tivemos de subir cerca de trezentos metros em uma estradinha enlameada, o que nos mandou pelos ares mais umas duas vezes. As boas-vindas foram excelentes, porém o saldo de nossa primeira experiência em caminhos não-pavimentados foi alarmante: nove quedas em um só dia. Mesmo assim, deitados naquelas camas de campanha, aliás o único tipo de cama que veríamos dali para a frente, exceto por La Poderosa, nosso lar móvel, olhávamos para o futuro com uma alegria impaciente. Parecíamos respirar mais livremente, um ar mais leve, um ar de aventura. Países distantes, feitos heroicos e belas mulheres davam voltas e voltas em nossas imaginações turbulentas. Mas, em meus olhos cansados que, no entanto, se recusavam a dormir, um par de pontos verdes que representavam o mundo que eu havia deixado zombava da liberdade que eu buscava, atando sua imagem a meus voos de fantasia através das terras e dos mares do mundo.

REMÉDIO PARA A GRIPE: CAMA

A moto roncava com tédio pela longa estrada livre de acidentes, e nós roncávamos de fadiga. Dirigir em uma estrada coberta de cascalho havia se transformado de uma farra divertida em uma tarefa exaustiva. E um dia inteiro de trocas de turnos na direção tinha, quando a noite caiu, nos deixado com uma vontade bem maior de dormir logo do que de fazer um esforço para chegar a Choele Choel, uma cidade um pouco maior, onde havia uma chance de conseguirmos alojamento grátis. Paramos então em Benjamin Zorrilla e nos instalamos confortavelmente em um quarto na estação de trem. Dormimos como pedras.

Na manhã seguinte, levantamos cedo, mas, quando eu fui ferver água para nosso mate, uma sensação estranha percorreu meu corpo, logo seguida por um calafrio. Dez minutos depois, eu estava tremendo incontrolavelmente, como um homem possuído. Meus tablets de quinina não adiantaram muito, minha cabeça parecia um tambor gigante marcando ritmos estranhos, cores esquisitas passeavam disformes pelas paredes, e logo não pude evitar um vômito verde. Passei o resto do dia naquele estado, incapaz de comer qualquer coisa, até o começo da noite, quando me senti forte o suficiente para subir na moto e, cochilando no ombro de Alberto, chegar a Choele Choel. Fomos direto ver o Dr. Barrera, diretor do pequeno hospital local e deputado. Ele nos recebeu amigavelmente e nos cedeu um quarto para dormir. E, para mim, ministrou uma dose de penicilina que baixou minha temperatura em apenas quatro horas. No entanto, toda vez que nós mencionávamos qualquer coisa a respeito de partir, o médico balançava a cabeça e dizia: “Para gripe: cama”. (Era esse o diagnóstico, na falta de algo

melhor.) Então, tivemos de passar vários dias ali, sendo cuidados como se fôssemos parte da realeza. Alberto tirou uma foto de mim em meu uniforme do hospital. Eu estava horrível: abatido, com olhos enormes e com uma barba cuja aparência ridícula não mudou muito nos meses seguintes. É uma pena que a tal foto não tenha ficado boa; ela registrou nossa mudança de circunstância, nossos novos horizontes, livres das algemas da “civilização”.

Até que, uma manhã, o doutor não balançou sua cabeça como de hábito e isso foi o suficiente. Partimos em menos de uma hora, seguindo para o oeste, na direção dos lagos, nosso próximo destino. Nossa moto lutava, dando sinais de que estava sentindo o peso do esforço, especialmente na carroceria, que nós tínhamos constantemente de consertar com uma das peças sobressalentes preferidas de Alberto – arame. Não sei bem onde ele arranhou esse ditado, que atribuía a Oscar Gálvez⁸: “Sempre que um pedaço de arame puder substituir um parafuso, eu fico com o arame, é mais seguro”. Nossas calças e mãos imundas eram as provas de que estávamos do mesmo lado de Gálvez, pelo menos no quesito arame.

A noite havia caído e estávamos tentando alcançar algum lugar habitado por seres humanos: não tínhamos luz, e passar a noite ao relento não é muito agradável. Nós andávamos bem devagar, levando uma tocha acesa, quando ouvimos um barulho estranho na moto, que não conseguimos identificar. A tocha não fornecia luz suficiente para descobrir a causa do barulho, então tivemos de acampar ali mesmo. Nos arrumamos para a noite da melhor maneira possível, armando nossa barraca e engatinhando para dentro dela, com esperança de esquecer nossa fome e nossa sede (não havia água corrente por perto, e nós também não tínhamos nada para comer) com nosso sono dos justos. Só que, em pouco tempo, a brisa da noite se transformou em um vendaval violento, que derrubou nossa barraca e nos expôs ao rigor do tempo, ao frio mais gelado. Tivemos de amarrar a moto a um poste de telégrafo, cobrindo-a com a barraca para protegê-la melhor, e nos deitamos atrás dela. O semifuracão nos impediu de usar nossas camas de campanha. Não foi uma noite nada agradável, mas o sono finalmente triunfou sobre o frio, o vento e tudo o mais, e nós acordamos às nove da manhã, com o sol reluzindo sobre nossas cabeças.

À luz do dia, descobrimos que o tal barulho tinha sido provocado pelo quadro da roda dianteira da moto se partindo. Agora, tínhamos de consertar aquilo da melhor maneira possível, para tentar encontrar uma cidadezinha onde pudéssemos soldar a barra quebrada. Nosso amigo, o arame, resolveu o problema provisoriamente. Arrumamos nossas coisas e partimos, sem saber muito bem onde encontraríamos ajuda. Imagine nossa surpresa quando, logo depois da próxima curva, vimos uma casa. Os moradores nos receberam muito bem e aplacaram nossa fome com um delicioso cabrito assado. Dali, nós percorremos uns vinte quilômetros até um lugar chamado Piedra del Águila, onde soldamos a peça defeituosa. Mas, na hora de partir, já estava um pouco tarde, então decidimos passar a noite na casa do mecânico.

Exceto por duas ou três pequenas quedas, que não avariaram muito a moto, nós continuamos calmamente a caminho de San Martín de los Andes. Já estávamos quase lá, e eu estava dirigindo, quando tomamos nosso primeiro tombo no Sul, em uma bela curva coberta com cascalho que contornava um riacho barulhento. Dessa vez, o chassi de La Poderosa ficou

avariado o suficiente para nos obrigar a parar e, para completar, chegou o momento que nós mais temíamos: nosso pneu traseiro estava furado. Para poder consertar o furo, tivemos de tirar toda a nossa bagagem, desamarrar todo o arame que segurava o bagageiro e depois lutar com a câmara do pneu, que desafiava nossa chave-de-boca. Esse pneu furado (um serviço bastante malfeito, admito) nos custou quase duas horas. Algum tempo depois, paramos em uma estância cujos donos, uns alemães bem receptivos, já haviam, alguns anos antes, acolhido um tio meu, um velho e inveterado viajante, exemplo que eu agora seguia. Eles nos permitiram pescar no rio que cortava a estância. Alberto então jogou sua linha e, antes que ele pudesse saber o que estava acontecendo, tinha uma forma esguia pulando de um lado para o outro e brilhando sob a luz do sol, presa ao seu anzol. Era uma truta arcoíris, um belo peixe, suculento e bem gordo (ou pelo menos assim pareceu, quando nós o assamos e o temperamos com nossa fome). Eu preparei o peixe enquanto Alberto jogou novamente sua linha, e mais uma vez, mas não conseguiu nenhuma outra mordida, apesar das horas de insistência. Depois disso, anoiteceu, então tivemos de passar a noite na cozinha dos empregados da fazenda.

Às cinco da manhã, o forno gigante que ocupa o centro desse tipo de cozinha tinha sido aceso, e o lugar ficou completamente inundado de fumaça. Os empregados da fazenda estavam bebendo seu mate amargo e começaram a gozar de nosso mate de “mariquinhas”, como eles chamam o mate-doce naquela região. Eles não eram muito comunicativos, no geral, o que é típico da subjugada raça araucana, ainda desconfiada do homem branco que lhe trouxe tanto infortúnio no passado e que ainda a explora. Quando inquirimos a respeito da terra e de seu trabalho, eles responderam encolhendo os ombros e falando coisas como “não sei” ou “talvez”, o que pôs um fim à conversa.

Também tivemos chance de nos empanturrar com cerejas, tanto que, quando mudamos para as ameixas, eu já tinha comido o suficiente e fui me deitar para digerir aquilo tudo. Alberto comeu algumas, para não parecer rude. Em cima das árvores, nós comemos como porcos, como se estivéssemos apostando uma corrida para ver quem acabava primeiro. Um dos filhos do dono pareceu achar aqueles “médicos” mal vestidos e aparentemente famintos um tanto quanto estranhos, mas não disse nada, e nos deixou comer até ficarmos felizes, até termos de andar devagar para não acabar chutando nossos próprios estômagos.

Consertamos então a ignição da moto e alguns outros defeitinhos e partimos outra vez, chegando em San Martín de los Andes logo antes do anoitecer.

SAN MARTÍN DE LOS ANDES

A estrada serpenteia ao pé da grande cordilheira dos Andes e depois desce bruscamente até chegar a uma pequena cidade feia e triste, mas rodeada por montanhas maravilhosamente cobertas de árvores. San Martín fica nos declives verde-amarelados que terminam nas profundezas azuis do lago Lacar, uma poça de água com quinhentos metros de largura e 35 quilômetros de comprimento. Os problemas de clima e de transporte da cidade foram

resolvidos no dia em que ela foi “descoberta” como um paraíso turístico e teve seu pão com manteiga assegurado.

Nossa primeira tentativa, na clínica local, falhou miseravelmente, mas fomos aconselhados a tentar a mesma tática na sede do Parque Nacional. O superintendente do parque nos deu permissão para ficar em um dos depósitos de ferramentas. O vigia-noturno chegou então, um homem gordo, pesando 140 quilos mais ou menos, e com uma cara duríssima. Mas ele foi muito gentil conosco e nos deixou cozinhar em sua cabana. Aquela primeira noite foi ótima; dormimos em um monte de palha no galpão, macio e quentinho. Com certeza, essas coisas são necessárias nos lugares onde as noites são geladas.

Compramos um pedaço de carne e saímos para andar na beira do lago. Ali, à sombra de umas árvores gigantescas, onde a imensidão da natureza tinha impedido o avanço da civilização, fizemos planos de montar um laboratório quando voltássemos de nossa viagem. Imaginamos janelas enormes, voltadas para o lago, enquanto o inverno pintaria o chão todo de branco; um helicóptero para nos locomover de um lado para o outro; pescar em um bote; excursões sem fim para dentro da floresta quase virgem.

Muitas vezes durante a viagem, desejamos ficar em alguns dos lugares maravilhosos que vimos, mas só a floresta amazônica teve o mesmo poder sobre nossa faceta sedentária como esse lugar teve. Eu sei agora, por conta dos fatos, que estou destinado a viajar, ou melhor, nós estamos, porque Alberto é igualzinho a mim. Ainda assim, existem momentos em que eu recorro com uma saudade intensa aquelas paragens no sul da Argentina. Talvez um dia, quando estiver cansado de errar por aí, eu volte para a Argentina e me assente nos lagos andinos, se não indefinidamente, pelo menos em trânsito para outra concepção de mundo.

Começamos a voltar para o galpão ao pôr-do-sol e estava tudo escuro antes que chegássemos lá. Tivemos uma surpresa agradável quando descobrimos que Don Pedro Olate, o vigia, estava nos preparando um churrasco. Nós contribuímos com vinho como forma de agradecer o gesto e comemos como leões, só para não perder o hábito. Ao falarmos de quanto a carne estava saborosa e sobre como nós logo, logo não poderíamos comer tão bem como na Argentina, Don Pedro nos contou que tinha sido convidado para organizar um churrasco no domingo seguinte para os pilotos de uma corrida de carros que aconteceria no autódromo local. Ele disse também que iria precisar de dois ajudantes para fazer o serviço. “Vocês podem até não receber pagamento em dinheiro, mas podem pegar toda a carne que quiserem.”

Parecia uma boa ideia, e nós aceitamos então os cargos de Assistente Número Um e Número Dois do “Rei do Churrasco do Sul da Argentina”.

O domingo foi aguardado com dedicação quase religiosa por nós dois, os assistentes. Às seis da manhã, começamos a carregar com lenha um caminhão que ia para o local do churrasco e continuamos a trabalhar até as onze horas, quando foi dado o sinal e todo mundo se jogou vorazmente em cima das costelas suculentas.

Quem dava as ordens era uma pessoa bastante estranha, que eu tratava respeitosamente por “Senhora” toda vez que lhe dirigia a palavra, até que um dos outros ajudantes me puxou de lado e disse: “Ei, garoto, não exagere assim com Don Pendón, ele vai se irritar.”

“Quem é Don Pendón?”, eu indaguei, com um gesto que pode ser considerado, digamos,

rude. A resposta, de que Don Pendón era a tal “Senhora”, me deixou sem jeito, mas não por muito tempo.

Como sempre acontece em qualquer churrasco, havia carne demais para o número de convidados, logo nós tivemos carta branca para seguir nossa vocação de camelos. Também pusemos em ação um plano cuidadosamente concebido. Eu fingi ficar cada vez mais bêbado e, a cada ataque de náusea, ia correndo na direção do riacho com uma garrafa de vinho tinto escondida sob minha jaqueta de couro. Tive cinco ataques desses, e o mesmo número de litros de vinho tinto foi escondido embaixo de um galho de salgueiro, gelando na água fria. Quando a festança acabou e chegou o momento de empacotar tudo outra vez no caminhão e voltar para a cidade, eu, fiel a meu papel, trabalhei com má vontade, discuti com Don Pendón e, finalmente, fui deitar na grama, sem condições de dar mais um único passo. Alberto, como o bom amigo que é, pediu desculpas ao chefe pelo inconveniente e ficou para cuidar de mim, depois que o caminhão partiu. Quando o barulho do motor desapareceu na distância, nós dois saímos em disparada para pegar o vinho que iria nos garantir alguns dias de comida irrigada oligarquicamente. Alberto chegou lá primeiro e se jogou embaixo do salgueiro. A cara que ele fez daria um quadro. Não havia uma garrafa sequer lá. Alguém não havia sido enganado pelo meu estado alterado, ou tinha me visto pegar as garrafas de vinho. O fato é que nós estávamos de volta à estaca zero, revirando em nossas lembranças os sorrisos que testemunharam minha travessura beberona para tentar encontrar algum traço de ironia que revelasse o ladrão, mas foi em vão. Carregando os pedaços de pão e de queijo que nos deram e uns poucos quilos de carne para passar a noite, tínhamos de andar de volta para a cidade, bem alimentados, é verdade, mas bem deprimidos também; não tanto por causa da história do vinho, mas por termos sido feitos de idiotas. Acho que dá para imaginar...

O dia seguinte amanheceu frio e chuvoso. Nós achamos que a corrida iria ser suspensa e estávamos esperando a chuva ceder um pouco para ir assar um pedaço de carne na beira do lago quando ouvimos a narração da corrida através dos alto-falantes. Por termos ajudado no churrasco, tínhamos ingressos de graça, então fomos assistir a um bom racha de pilotos argentinos, confortavelmente instalados.

Depois disso, nós bebíamos mate na entrada do galpão onde estávamos alojados e discutíamos a respeito das diferentes rotas que podíamos tomar para seguir nossa viagem quando encostou um jipe, de onde saltaram alguns amigos de Alberto, moradores da distante e quase mística Villa Concepción del Tío. Os velhos amigos se abraçaram efusivamente e nós logo saímos para celebrar, enchendo nossas barrigas com líquidos fortes, como é tão comum em tais ocasiões.

Eles nos convidaram para visitá-los na cidade onde estavam trabalhando, Junín de los Andes, e nós partimos, deixando nosso equipamento no galpão do Parque Nacional para diminuir o peso da moto.

Junín de los Andes, menos afortunada do que sua vizinha San Martín, vegeta afastada da civilização. As tentativas de reativar a cidade e pôr fim à monotonia de sua existência sonolenta construindo o quartel onde nossos amigos estavam trabalhando falhou clamorosamente. Eu digo nossos amigos porque rapidamente eles se tornaram meus amigos também.

Passamos a primeira noite relembrando o passado distante em Villa Concepción, ajudados por um estoque inesgotável de vinho tinto. Tive de abandonar a partida pelo meio, devido à minha falta de treinamento, mas dormi como um anjo, em honra da melhor cama que eu havia visto nos últimos dias.

O dia seguinte foi gasto consertando-se alguns problemas com a moto, na oficina dos nossos amigos. E, naquela noite, eles nos presentearam com uma magnífica festa de despedida da Argentina: um churrasco de cabrito acompanhado de saladas e umas torradas excelentes. Assim, depois de alguns dias de festa, nos despedimos em meio a muitos abraços na estrada que vai para Carrué, um outro lago da região. A estrada era horrorosa e nossa moto roncava cada vez que eu tentava tirá-la da areia. Os primeiros cinco quilômetros levaram uma hora e meia para serem percorridos, mas depois disso a estrada ficou um pouco melhor e nós chegamos sem problemas a Carrué Chico, um pequeno lago verde cercado de montes cobertos de bosques, e logo depois avistamos Carrué Grande, um lago muito maior, mas inacessível para a moto, porque só possui um caminho de pedra que os contrabandistas locais utilizam para cruzar para o Chile.

Deixamos então a moto na cabana de um guarda-florestal, que por sinal não estava lá, e fomos escalar o pico próximo, de onde poderíamos ver o lago. Era perto da hora do almoço e nossas provisões consistiam de um pedaço de queijo e algumas conservas. Um pato sobrevoou o lago. Alberto calculou rapidamente a ausência do guarda-florestal, a distância do pássaro, a possibilidade de uma multa etc., e atirou. Por um incrível golpe de sorte (não para o pato, é claro), o bicho caiu no lago. Começamos imediatamente uma discussão sobre quem iria pegar a presa. Eu perdi e tive de mergulhar na água. Senti como se dedos gelados agarrassem com força todo o meu corpo, de maneira que eu não conseguisse me mexer. Alérgico como eu sou ao frio, nadar os vinte metros de ida e de volta para pegar o pato de Alberto me fez sofrer como um beduíno. Mas, no fim, o pato assado, temperado por nossa fome, como sempre, compôs uma refeição savorosíssima.

Revigorados por nosso almoço, iniciamos entusiasmados a escalada. Só que, junto conosco, também começaram a subir umas moscas-varejeiras que nos cercaram e passaram a nos morder a cada chance que tinham. A escalada foi difícil, porque não possuíamos nem equipamento nem experiência, mas depois de algumas horas cansativas chegamos ao topo. Para nosso desapontamento, não havia vista panorâmica: as montanhas vizinhas bloqueavam tudo; em qualquer direção que olhássemos havia um pico mais alto no caminho.

Depois de alguns minutos nos divertindo na neve que cobria o pico, começamos a dura tarefa de descer, apressados pelo fato de que logo seria noite.

A primeira parte foi bem fácil, mas logo o riacho que nós estávamos acompanhando tornou-se um rio de corredeiras, com laterais lisas e pedras escorregadias, o que tornou difícil a

passagem. Tivemos de escalar através da mata de salgueiros na beira do rio até que, finalmente, chegamos a uma área cheia de juncos, grossos e traiçoeiros. Já era noite então, e com a escuridão vieram milhares de sons misteriosos e uma sensação estranha de vazio, a cada passo que dávamos no escuro. Alberto perdeu seu binóculo e os fundos de minha calça ficaram em frangalhos. Finalmente alcançamos uma fileira de árvores e cada passo tinha de ser dado com o mais absoluto cuidado, porque naquela ausência total de luz nosso sexto sentido ficou tão aguçado que víamos abismos por todos os lados.

Depois de uma eternidade pisando no chão enlameado, reconhecemos o riacho que nos guiou até o Carrué, as árvores desapareceram e nós chegamos ao sopé da montanha. A forma inconfundível de um veado lançou-se através do riacho e seu corpo, prateado sob a luz da lua cheia, desapareceu atrás dos arbustos. Esse relance da natureza fez nossos corações baterem rapidamente. Nós diminuímos o passo, para não perturbar ainda mais a paz daquele santuário selvagem, da qual nós agora comungávamos.

Atravessamos com dificuldade o curso d'água, o que deixou nossas canelas formigando por causa daqueles tais dedos gelados que eu tanto odeio, e fomos nos abrigar na cabana do guarda-florestal. Ele foi muito receptivo, nos ofereceu uma cuia de mate quente e algumas peles de carneiro para dormir até a manhã seguinte. Era meia-noite e meia.

Voltamos para San Martín devagar, passando por lagos de uma beleza híbrida, se comparados com Carrué, e chegamos finalmente a nosso destino. Lá, Don Pendón deu dez pesos a cada um de nós por nosso trabalho no churrasco, antes que continuássemos nossa viagem mais para o sul.

A CAMINHO DE BARILOCHE: CARTA DE ERNESTO PARA SUA MÃE, JANEIRO DE 1952

Querida mamãe,

Eu sei bem que você não tem tido notícias minhas, mas, do mesmo modo, eu também não tive nenhuma sua, e estou preocupado. Contar-lhe tudo o que tem acontecido a nós dois ultrapassaria o propósito destas poucas linhas; digo apenas que, logo depois de deixarmos Bahía Blanca, dois dias depois, na verdade, eu tive uma febre de 40 graus que me jogou na cama por um dia. Consegui me levantar no dia seguinte e acabei no hospital regional de Choele Choel, onde me recuperei depois de quatro dias e de uma dose de um remédio pouco conhecido: penicilina.

Depois disso, atacados por milhares de problemas, que nós resolvemos com nossa usual abundância de recursos, chegamos a San Martín de los Andes, um lugar maravilhoso com um lago lindíssimo no meio de uma floresta virgem. A senhora deve ir vê-lo, com certeza vale a pena. Nossos rostos estão adquirindo a textura do bronze. Temos pedido comida, alojamento e tudo o mais em qualquer casa com um jardim que encontremos pela estrada. Acabamos indo parar na estância da família Von Putnamers, amigos de Jorge, especialmente o peronista, que está sempre bêbado e é o melhor dos três. Tive diagnosticado um tumor na região occipital, provavelmente de origem hidática. Vamos ver o que acontece. Dentro de dois ou três dias nós vamos para Bariloche, nos locomovendo em um passo mais relaxado. Se sua carta puder chegar lá por volta de 10/12 de fevereiro, escreva-me na agência dos correios. Bem, mãe, a próxima página é para Chichina. Muitos carinhos a todos, e me diga se papai está aqui no Sul ou não. Um abraço afetuoso de seu filho,

Ernesto.

A ESTRADA DOS SETE LAGOS

Decidimos ir para Bariloche pela estrada dos Sete Lagos, assim chamada por causa dos lagos que a estrada margeia antes de chegar à cidade. La Poderosa percorreu os primeiros quilômetros com apenas alguns defeitinhos menores até que, já quase noite, nós usamos o velho truque da lanterna quebrada para poder dormir na cabana de um mineiro. Essa, aliás, foi uma decisão inteligente, porque estava particularmente frio naquela noite. Tão frio que um estranho logo apareceu para pedir um cobertor emprestado, porque ele e sua mulher, acampados na beira do lago, estavam congelando. Fomos então dividir uma cuia de mate com esse par estóico, que já morava nesses lagos há algum tempo, só com uma barraca e com o conteúdo de suas mochilas. Eles fizeram a gente se sentir como dois ingênuos.

Continuamos depois por nossa trilha, rodeando lagos de diferentes tamanhos e passando por florestas ancestrais, com os aromas da natureza acariciando nossas narinas. Mas logo a visão de lagos, bosques e casinhas solitárias com belos jardins começou a rarear. Observar o cenário superficialmente só permite capturar sua uniformidade entediante e não entrar de fato no espírito do campo; para tanto é preciso passar diversos dias em um mesmo lugar.

Finalmente, nós atingimos a extremidade norte do lago Nahuel Huápi, e dormimos em sua margem, felizes e estufados, depois de um bom assado. Mas, quando pegamos a estrada novamente, notamos que o pneu traseiro estava murcho outra vez, e uma cansativa batalha com a câmara interna do pneu começou. Cada vez que nós consertávamos um furo de um lado, outro aparecia do lado oposto, até que acabaram nossos remendos e nós tivemos de pernoitar ali mesmo. Um austríaco que trabalhava como caseiro e que tinha sido piloto de corrida de motos em sua juventude nos deixou dormir em um galpão abandonado, dividido entre seu desejo de ajudar companheiros de motocicleta e o medo de seu patrão.

Com seu espanhol confuso ele nos avisou que havia um puma nas redondezas. “Pumas são malvados. Não têm medo de atacar pessoas e têm uma grande juba loira.”

Quando fomos fechar a porta do galpão, descobrimos que apenas a metade de baixo fechava; era como a porta de um estábulo. Coloquei nosso revólver ao lado de minha cabeça, para o caso de o leão da montanha que preenchia nossos medos decidir fazer uma visita noturna sem ser chamado. Estava já amanhecendo quando eu acordei ao som de garras arranhando a porta. Alberto estava em um apreensivo silêncio. Minha mão, tensa, segurava o revólver. Dois olhos luminosos me olhavam da sombra das árvores. Eles saltavam para a frente como um gato feroz, enquanto a massa negra de seu corpo escorregava através da porta. Foi instintivo: os freios da inteligência falharam e meu instinto de preservação puxou o gatilho. O estampido ressoou como um trovão pelas paredes do lugar por um momento e então parou em uma tocha acesa na porta, com gritos desesperados vindo em nossa direção. Nosso tímido silêncio sabia a razão, ou pelo menos a adivinhou por conta dos resmungos pouco amigáveis do caseiro e da choradeira histérica de sua mulher, ajoelhada ao lado do corpo de Bobby, o cachorro nervoso dos dois.

Alberto tinha ido até Angostura para consertar o pneu, e eu pensei que ia ter de dormir ao relento, porque não poderia pedir uma cama em uma casa onde nós éramos considerados assassinos. Por sorte, nossa moto estava perto da casa de outro mineiro, e ele me colocou na cozinha, com um amigo dele. À meia-noite ouvi o barulho da chuva e me levantei para cobrir a moto com uma lona. Com os pulmões irritados pela pele de carneiro que nos servia de travesseiro, decidi tomar umas baforadas de meu inalador para asma. Quando fui fazê-lo, meu companheiro de guarida acordou. Ao ouvir o ruído da inalação, ele fez um movimento rápido e depois ficou em silêncio. Eu percebi que seu corpo estava rígido sob o cobertor, segurando uma faca e a respiração. Depois da experiência da noite anterior, decidi ficar imóvel, com medo de ser esfaqueado no caso de as miragens serem contagiosas naquelas paragens.

Chegamos a San Carlos de Bariloche na noite do dia seguinte, e dormimos na delegacia de polícia, esperando o *Modesta Victoria* para navegar até a fronteira com o Chile.

“SINTO MINHAS RAÍZES FLUTUANDO LIVRES, NUAS E...”

Nós estávamos na cozinha da delegacia de polícia, abrigando-nos da tempestade que caía do lado de fora. Eu lia e relia a inacreditável carta. De repente, todos os meus sonhos de casa, amarrados aos olhos que me viram partir lá em Miramar, foram estremecidos. Aparentemente, sem razão alguma. Um cansaço terrível se abateu sobre mim e, meio dormindo, eu ouvia a narrativa viva de um viajante tecendo milhares de tramas exóticas, seguro de si ante a ignorância de sua audiência. Eu podia ouvir as palavras sedutoras enquanto os rostos ao redor dele se inclinavam para a frente, para melhor ouvir o relato de suas histórias. Podia ver também, como que através de uma neblina distante, um médico norte-americano que nós conhecemos em Bariloche ponderando: “Você vai para onde sua cabeça apontar, você é corajoso. Mas eu acho que você vai ficar no México. É um belo país”.

Eu me peguei então velejando com o marinheiro para terras distantes, muito longe do meu drama atual. Uma sensação de desconforto profundo se abateu sobre mim; aquele drama não me afetava. Comecei a me preocupar comigo mesmo e tentei escrever uma carta chorosa, mas não conseguia, não adiantava nada tentar.

À meia-luz, figuras mágicas pairavam no ar, mas “ela” não aparecia. Eu imaginava amá-la até esse momento, quando percebi que não a sentia, e tinha de me forçar a pensar nela para lembrar. Eu tinha de lutar por ela, ela era minha, minha, m... caí no sono.

Um sol cáldo anunciou o novo dia, o dia de nossa partida, nosso último dia em solo argentino. Conseguir colocar a moto dentro do *Modesta Victoria* não foi nada fácil, mas nós conseguimos por fim. E tirá-la de dentro do barco depois também foi um tanto difícil. De todo modo, lá estávamos nós naquele pequeno vilarejo do outro lado do lago, que atendia pelo nome pomposo de Puerto Blest. Percorremos uns poucos quilômetros, três ou quatro no máximo, e voltamos para a água, um lago esverdeado e sujo dessa vez, laguna Frías. Mais um pequeno trecho antes de finalmente chegar à fronteira e passar pelo posto de imigração chileno do outro lado da cordilheira, que por sinal tem uma altitude muito menor nesta latitude. Depois, a estrada cruza ainda outro lago, onde deságua o rio Tronador, que nasce do majestoso vulcão homônimo. Contrastando com os lagos argentinos, a água neste aqui, lago Esmeralda, é quente e torna a tarefa de banhar-se um pouco mais agradável; muito mais ao nosso gosto, devo dizer. Subindo as montanhas, em um lugar chamado Casa Pangué, fica um mirante de onde se pode ter uma vista panorâmica do Chile. É uma espécie de encruzilhada, ou pelo menos o foi para mim naquele momento em particular. Eu olhava para o futuro, para cima da faixa estreita do Chile, e também para o que ficava para trás, murmurando os versos do poema de Otero Silva.

O velho barco que levava nossa moto escorria água por todos os poros. Minha imaginação voava enquanto eu, ritmicamente, me inclinava sobre a bomba com a qual tinha de tirar a água. Um médico, que voltava de Peulla na lancha de passageiros que fazia a travessia do lago Esmeralda, passou ao lado da enghoca à qual nossa moto estava amarrada e cujas passagens nós estávamos pagando com o suor de nossas fronteiras. Sua cara era de espanto, olhando nossa luta para manter o barco boiando, os dois quase nus e totalmente cobertos com aquela água oleosa da parte mais baixa do barco.

Nós conhecemos muitos médicos em nossa viagem pelo Chile, com os quais discutimos bastante o tema da leprologia, enfeitando um pouquinho aqui e ali. Nossos colegas do outro lado dos Andes ficavam impressionados porque, como não tinham esse problema em seu país, eles não sabiam nada sobre a lepra ou sobre leprosos e admitiam jamais haver visto um. Eles nos falaram de uma colônia de leprosos que havia na Ilha de Páscoa, que tinha um pequeno número de leprosos; é uma ilha belíssima, eles disseram, e nossos apetites científicos ficaram excitados. Esse médico em particular nos ofereceu, generosamente, qualquer ajuda que pudéssemos precisar em nossa “jornada extremamente interessante”. Mas, durante aqueles dias bem-aventurados no sul do Chile, antes que nossos estômagos fossem esvaziados e o sol queimasse nossas epidermes, nós apenas pedimos que ele nos apresentasse ao presidente da Associação dos Amigos da Ilha de Páscoa, que morava próximo a Valparaíso. Obviamente, ele ficou muito satisfeito em fazê-lo.

A travessia do lago terminou em Petrohué, onde nos despedimos de todos; mas não sem antes posar para um monte de fotografias, com umas negras brasileiras muito simpáticas que, com certeza, nos colocaram em seu álbum de recordações do sul do Chile e com um ou outro naturalista deste ou daquele país europeu que, cerimoniosamente, anotou nossos endereços para enviar depois as cópias das fotos.

Um louco de Petrohué precisava que seu caminhão fosse levado para Osorno, que era para onde nós estávamos indo, e me pediu para dirigi-lo até lá. Alberto me deu umas aulas rápidas sobre a troca de marchas, e eu assumi, solenemente, meu posto. Como em um desenho animado, eu saí literalmente aos trancos e barrancos, seguindo Alberto, que estava na moto. Cada curva era um tormento: freio, embreagem, primeira, segunda, ajudem!, vru-um... A estrada passeava pela belíssima paisagem que contornava o lago Osorno, com o vulcão do mesmo nome montando guarda ao longe, mas eu, nessa estrada acidentada, não estava em condições de elogiar o cenário. O único acidente que tivemos, entretanto, aconteceu quando um porquinho passou correndo na frente do caminhão, antes que eu estivesse dominando bem essa história toda de freio e embreagem.

Depois que chegamos a Osorno, deixamos nossa carga e saímos de Osorno, continuamos seguindo para o norte através do interior chileno, sempre dividido em pequenos lotes de terra cultivada, em contraste com nosso sul árido.

Os chilenos, um povo extremamente hospitaleiro e amigável, nos davam as boas-vindas em todo lugar a que chegávamos. Um domingo, por fim alcançamos o porto de Valdivia. Passeando pela cidade, passamos pelo jornal local, o *Correo de Valdivia*, que escreveu um artigo muito gentil a nosso respeito. Valdivia estava celebrando o quarto centenário de sua

fundação, e nós dedicamos nossa jornada à cidade, como uma homenagem ao grande explorador que dá nome ao lugar.

Eles nos convenceram a escrever uma carta para Molinas Luco, prefeito de Valparaíso, preparando-o para nossa excursão à Ilha de Páscoa.

As docas, repletas de mercadorias que nunca havíamos visto antes, o mercado onde eram vendidas as comidas mais variadas, as casas de madeira tipicamente chilenas, as roupas dos guasos⁹, tudo parecia totalmente diferente do que nós tínhamos em casa; havia algo de genuinamente americano, de indígena, intocado pelo exotismo que havia invadido os nossos pampas. Isso, talvez, pelo fato de os imigrantes anglo-saxões no Chile não terem se misturado à população, preservando, assim, a pureza da raça indígena que, hoje em dia, é praticamente inexistente na Argentina.

Mas, com todas as diferenças de costumes e de falares que distinguem a Argentina do nosso magro irmão do outro lado dos Andes, um grito em particular me parece internacional: o “abram-alas” com que todos me cumprimentavam ao ver minhas calças com a barra na altura do tornozelo, não por causa de alguma moda minha, mas por terem sido herdadas de um amigo generoso, mas um pouco baixinho demais.

OS ESPECIALISTAS

A hospitalidade chilena, como eu não me canso de repetir, é uma das coisas que tornou a viagem através de nosso vizinho tão agradável. E nos divertimos muito, como só nós podemos saber. Eu acordei preguiçosamente sob os lençóis, refletindo sobre o valor de uma boa cama e calculando a quantidade de calorias do jantar da noite anterior. Relembrei os acontecimentos recentes: o furo traiçoeiro no pneu de La Poderosa, que nos deixou empacados na estrada, debaixo da chuva; a ajuda generosa de Raúl, dono da cama na qual nós dormíamos agora; e a entrevista que concedemos a *El Austral*, em Temuco. Raúl era um estudante de veterinária, aparentemente não muito sério, e dono do caminhão onde nós metemos nossa pobre moto para chegar a esta cidadezinha pacata no meio do Chile. A bem da verdade, nosso amigo pode, em algum momento, ter desejado jamais ter nos conhecido, já que nós lhe presentamos com uma noite maldormida, mas foi ele quem cavou sua própria cova, ao se vangloriar do dinheiro que gastava com as mulheres e ao nos convidar para uma noitada em um “cabaré”; tudo pago por ele, naturalmente. Isso levou a uma animada discussão, que durou horas e que foi a causa de nossa estada na terra de Pablo Neruda ter sido prolongada. Ao fim da discussão, é claro, veio o problema inescapável de que nós teríamos de adiar nossa visita àquela casa de espetáculos tão atraente, mas, para compensar, conseguimos hospedagem e alimentação grátis. À uma da manhã, lá estávamos nós, tranquilos como se pode imaginar, devorando tudo o que havia na mesa, o que não era pouco, e mais um tanto que chegou depois. Em seguida, nos apropriamos da cama de nosso hospedeiro, já que seu pai estava se mudando para Santiago e não havia quase nenhum móvel na casa.

Alberto, ainda morto para o mundo, desafiava o sol da manhã a penetrar seu sono pesado quando eu comecei a me vestir. Essa tarefa não era assim tão difícil, já que a diferença entre nossos trajes diurno e noturno era basicamente o sapato. O jornal local tinha um número considerável de páginas, tão diferente de nossos pobres diários, mas eu estava interessado somente em um pequeno pedaço das notícias locais, o qual eu encontrei com letras grandes na seção dois: DOIS ARGENTINOS ESPECIALISTAS EM LEPROLOGIA VIAJAM PELA AMÉRICA DO SUL DE MOTOCICLETA. E mais abaixo, em letras menores: “Eles estão em Temuco e querem visitar Rapa Nui”.

Em poucas palavras, era assim que nossa ousadia era descrita: nós, os especialistas, figuras-chave do campo da leprologia nas Américas, com uma vasta experiência, já tendo curado mais de três mil pacientes, familiarizados com todos os centros importantes do continente e com suas condições sanitárias, tínhamos nos dignado a visitar esta cidadezinha pitoresca e melancólica. Nós imaginamos que eles iriam apreciar bastante nosso respeito pela cidade, mas não sabíamos com certeza. Logo, toda a família estava reunida ao redor do artigo e todos os outros itens do jornal eram tratados com um desprezo olímpico. E assim, deleitados com a admiração de nossos anfitriões, demos adeus a essas pessoas de quem hoje não lembramos nada, nem mesmo os nomes. Tínhamos pedido permissão para deixar a moto na garagem de um homem que morava na saída da cidade e nos dirigimos para lá. Só que, agora, não éramos mais um par de quase-mendigos com uma moto a reboque. Não, agora nós éramos “os especialistas”, e era assim que nos tratavam. Passamos o dia consertando a moto, e uma empregada mestiça vinha sempre nos oferecer os mais variados petiscos. Às cinco da tarde, depois de um lanche suntuoso oferecido por nosso anfitrião, nos despedimos de Temuco e seguimos para o norte.

AS DIFICULDADES AUMENTAM

Nossa saída de Temuco transcorreu sem dificuldades, até que, já na estrada, notamos que o pneu traseiro estava mais uma vez furado e tivemos de parar para consertá-lo. Demos duro, mas tão logo colocamos o estepe para rodar percebemos que ele também tinha um furo. Parecia então que nós teríamos de passar a noite ao relento, já que não era mais possível consertar o pneu àquela hora da noite. Entretanto, não éramos mais meros forasteiros, agora éramos “os especialistas”, e logo encontramos um ferroviário que nos levou para sua casa, onde fomos tratados como reis.

Bem cedo na manhã seguinte, levamos o estepe e o pneu a uma borracharia, para retirar alguns pedaços de metal encravados na borracha e remendar o pneu mais uma vez. Era já perto do anoitecer quando terminamos o serviço, mas, antes de deixar a casa do ferroviário, fomos convidados para um banquete tipicamente chileno: tripas e outra coisa parecida, bastante apimentado, tudo bem irrigado com um delicioso vinho seco. Como sempre, a hospitalidade chilena nos deixou com as pernas bambas.¹⁰

Naturalmente, nós não conseguimos ir muito longe, e menos de oitenta quilômetros depois tivemos de parar e passar a noite na casa de um guarda-florestal que queria uma gorjeta em troca de sua hospitalidade. Como não conseguiu o que tanto queria, ele não nos ofereceu café na manhã seguinte, então partimos de mau humor, com a intenção de parar para acender uma fogueira e preparar um mate depois de rodar alguns quilômetros. Já tínhamos andado um pouco e eu estava procurando algum lugar para parar quando, sem nenhum aviso, a moto subitamente mudou de direção e nos jogou no chão. Alberto e eu, ilesos, nos levantamos e fomos examinar a moto. Descobrimos que uma das colunas de direção havia se partido e, o que era ainda mais sério, a caixa de marchas estava amassada. Era impossível continuar. Tudo o que podíamos fazer era esperar pacientemente um caminhoneiro prestativo que pudesse nos levar para a cidade mais próxima.

Um carro que vinha na direção contrária parou, e seus ocupantes desceram para ver o que havia ocorrido, oferecendo seus serviços. Disseram que teriam todo o prazer em ajudar os dois eminentes cientistas em tudo o que fosse possível. “Reconheci você da foto no jornal”, disse um deles. Não havia nada que quiséssemos, exceto uma carona na outra direção. Nós agradecemos e voltamos a tomar nosso mate quando o dono de um barraco próximo veio até onde estávamos e nos convidou para sua casa, onde bebemos mais alguns bons litros de chimarrão. Ele nos apresentou seu charango, um instrumento musical composto por três ou quatro cordas de cerca de dois metros de comprimento, esticadas sobre duas latas vazias coladas a uma tábua. O músico tinha uma espécie de palheta de metal com a qual ele fazia soar as cordas, um som que se parecia com o de um violão de brinquedo. Por volta do meio-dia, uma caminhonete passou por ali e, depois de muita insistência, o motorista concordou em nos levar para a próxima cidade, Lautauro. Lá chegando, conseguimos ser atendidos na melhor oficina da cidade, e o soldador, um homenzinho simpático chamado Luna, nos convidou para almoçar em sua casa duas vezes. Tivemos de passar alguns dias na cidade, dividindo nosso tempo entre consertar a moto e mendigar por alguma comida nas casas dos muitos curiosos que vinham nos ver na oficina. Ao lado do estabelecimento morava uma família de alemães ou, pelo menos, de origem alemã, que nos tratou muito bem. Dormimos no quartel da cidade.

Como a moto estava mais ou menos remendada e já nos preparávamos para deixar o lugar no dia seguinte, decidimos aceitar o convite para uns drinques que alguns de nossos novos amigos nos fizeram. O vinho chileno é muito bom e eu o estava consumindo a uma taxa impressionante. Assim, quando decidimos ir até o baile na prefeitura, eu me sentia pronto para encarar qualquer coisa. Estava uma noite muito aconchegante e nós não paramos de encher nossas barrigas e mentes com vinho. Um dos mecânicos da oficina, um cara particularmente simpático, me pediu para dançar com sua esposa, porque tinha misturado as bebidas e não se sentia muito bem. Sua mulher era um pouco vulgar, e estava obviamente animada, então eu, lotado de vinho chileno, peguei-a pela mão e fui saindo do salão onde todos estavam. Ela me seguiu docemente, mas logo percebeu que seu marido a estava olhando e mudou de ideia. Meu estado não me permitia ouvir a voz da razão e nós começamos a discutir no meio do salão, o que me fez puxá-la na direção de uma das portas, sob olhares atônitos. Ela tentou me chutar e, enquanto eu a puxava, perdeu o equilíbrio e se esborrachou com tudo no chão. Eu e Alberto

tivemos de fugir correndo e, conforme desabávamos na direção da cidade, perseguidos por um enxame de dançarinos enraivecidos, ele se lamentava por causa do vinho que o marido da moça poderia ter pago para a gente, não fosse o ocorrido.

O FIM DA LINHA PARA LA PODEROSA II

Levantamos cedo para dar os retoques finais na moto e deixar aquele que já não era um lugar muito hospitaleiro, mas não sem antes aceitar um último convite para um lanche da família vizinha à oficina.

Alberto teve uma premonição e não quis dirigir, por isso eu assumi os controles. Rodamos uns bons quilômetros antes de ter de parar para consertar a caixa de marchas. Não muito tempo depois, quando fazíamos uma curva fechada a uma velocidade um pouco alta, o parafuso que prende o freio traseiro se soltou, a cabeça de uma vaca apareceu do outro lado da curva, depois muitas outras, e eu acionei o freio manual, que, soldado de maneira exemplar, quebrou também. Por um momento, não vi nada além de vacas passando rápido por todos os lados, enquanto a pobre Poderosa ganhava velocidade ladeira abaixo. Por um absoluto milagre, tudo o que tocamos foi a perna da última vaquinha. No entanto, mais ao longe, havia um rio onde cairíamos com certeza. Eu consegui jogar a moto para a lateral da pista e ela subiu cerca de dois metros, terminando alojada entre duas pedras. Nós, felizmente, saímos ilesos desta.

Ainda colhendo os benefícios da carta de recomendação que a imprensa havia feito para nós, fomos socorridos por um grupo de alemães que nos tratou muito bem. Durante a noite, eu tive uma dor de barriga repentina e, sem querer deixar uma “lembrancinha” no pote debaixo de minha cama, me posicionei na janela e livreime do conteúdo que me incomodava na escuridão, lá fora. Na manhã seguinte, olhei pela janela para observar o resultado de minha ação e o que vi, dois metros mais abaixo, foi um grande telhado de metal com vários pêssegos secando ao sol; o toque adicionado por mim ao espetáculo era, digamos, impressionante. Saímos dali rapidamente.

Ainda que, a princípio, o acidente não tivesse parecido muito grave, era claro agora que nós o havíamos subestimado. A moto fazia barulhos estranhos toda vez que subíamos uma ladeira. Começamos a subir em direção a Malleco, onde existe uma ponte ferroviária que os chilenos costumam dizer ser a maior das Américas. A moto morreu na metade da subida e nós desperdiçamos o resto do dia esperando que alguma alma caridosa em forma de caminhoneiro nos levasse até o topo. Dormimos na cidade de Cullipulli (depois que a carona apareceu) e saímos de lá bem cedo, já esperando pela catástrofe. Na primeira subida mais íngreme – a primeira de muitas outras na estrada – La Poderosa finalmente deu seu último suspiro. Um caminhão nos levou até Los Angeles, onde deixamos a moto no Corpo de Bombeiros, e dormimos na casa de um tenente do exército chileno que parecia bastante honrado pela maneira como havia sido tratado na Argentina e fez tudo para nos agradar. Foi nosso último

dia como “vagabundos motorizados”; o próximo passo, o de “vagabundos não-motorizados”, parecia que ia ser um pouco mais difícil.

BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS, TRABALHADORES VOLUNTÁRIOS E COISAS DO GÊNERO

No Chile não existem (até onde eu sei) brigadas não-voluntárias de combate a incêndios, mas, ainda assim, é um serviço muito bom, porque assumir o posto de capitão de uma brigada é uma honra perseguida pelos homens mais capazes de cada vila ou cidade onde ela opera. E não pensem que é um trabalho apenas em teoria: no sul do país, pelo menos, acontece um número considerável de incêndios. Não sei se isso se deve ao fato de que a maioria das construções é feita de madeira, ou se é porque as pessoas são pobres e pouco educadas, ou por algum outro fator, ou por todos eles juntos. Tudo o que sei é que, nos três dias em que estivemos hospedados no quartel dos bombeiros, houve dois incêndios de grandes proporções e outro menor. (Não quero dizer com isso que este último foi de tamanho médio, estou apenas relatando os fatos.)

Tenho de explicar que, depois de passar a noite na casa do tal tenente, nós decidimos ir para o Corpo de Bombeiros, atraídos pelas três filhas do zelador, exemplos acabados do charme da mulher chilena, que, seja bonita ou feia, tem certa espontaneidade e frescor que são imediatamente cativantes. Mas estou divagando... Armamos nossas barracas em uma sala e dormimos nosso usual sono dos mortos, o que quer dizer que nós não ouvimos a sirene. Os voluntários de serviço não sabiam que nós estávamos lá e saíram apressados com os caminhões de bombeiro, enquanto nós continuamos dormindo até o meio da manhã. Só quando acordamos é que soubemos o que aconteceu, e os fizemos prometer que nos acordariam da próxima vez. Nós já tínhamos arranjado um caminhão para nos levar com a moto até Santiago dali a dois dias por uma pequena taxa, com a condição de que ajudássemos a carregar o caminhão com os móveis que eles tinham de transportar.

Éramos uma dupla bastante popular e sempre tínhamos bastante coisa para conversar com os voluntários e com as filhas do zelador, de modo que os dias em Los Angeles passaram voando. A meus olhos, entretanto, que insistem em rotular e classificar o passado, a cidade é simbolizada pelas chamas furiosas de um incêndio. Foi no último dia de nossa estada, e depois de beber copiosamente para demonstrar nossa alegria pela despedida. Estávamos enrolados em nossos lençóis, dormindo, quando a sirene (aquela pela qual nós tínhamos estado esperando) rasgou a noite chamando os voluntários – e Alberto pulou da cama como um foguete. Nós logo tomamos nossas posições no caminhão de bombeiros com a gravidade apropriada. O “Chile-Espanha” (esse era o nome do caminhão) deixou o quartel sem alarmar ninguém com o longo lamento de sua sirene, todo mundo estava muito acostumado com aquilo para que fosse alguma novidade.

A casa de pau-a-pique tremia com cada jorro de água em seu esqueleto flamejante,

enquanto a fumaça acre da madeira queimada desafiava o trabalho estóico dos bombeiros, que, rugindo e gargalhando, protegiam as casas vizinhas com jatos d'água e outros meios. Da única parte da casa que as chamas não tinham alcançado veio o miado de um gato, que, aterrorizado pelo fogo, se recusava a fugir pelo pequeno espaço livre. Alberto viu o perigo, mediu tudo em um piscar de olhos e, com um salto ágil, passou por cima dos vinte centímetros de fogo e salvou a pequena vida ameaçada para entregá-la a seus donos. Ao receber os cumprimentos efusivos por sua coragem inigualável, os olhos dele brilharam de prazer atrás do capacete emprestado.

Mas tudo tem sempre de chegar a um fim e Los Angeles finalmente nos deu adeus. O Grande Che e o Pequeno Che (Alberto e eu)¹¹ apertamos as últimas mãos amigas no caminhão que partia para Santiago carregando o cadáver de La Poderosa II.

Chegamos a Santiago em um domingo e fomos direto para a oficina Austin. Tínhamos uma carta de recomendação para o dono, mas descobrimos, para nossa decepção, que a oficina estava fechada. No entanto, nós conseguimos fazer com que o zelador aceitasse receber a moto e fomos pagar por nossa viagem com o suor de nossos rostos.

Nosso trabalho de carregador tinha estágios diferentes: o primeiro, muito interessante, tomou a forma de dois quilos de uvas para cada um, consumidos em tempo recorde, ajudado pela ausência dos donos da casa; o segundo foi a chegada destes últimos e o subsequente pegar no pesado; o terceiro, a descoberta que Alberto fez de que o companheiro do motorista tinha uma opinião a respeito de si mesmo tão exagerada quanto fora de lugar; o coitado ganhou todas as apostas que nós fizemos com ele, carregando mais móveis do que nós e o dono da casa juntos (este se fez de bobo com grande elegância).

Depois do serviço, finalmente conseguimos encontrar nosso cônsul na cidade. Sem expressão alguma no rosto (o que era bastante compreensível em um domingo), ele apareceu no que parecia ser um escritório e nos deixou dormir no pátio. Depois de fazer um longo discurso sobre nossos deveres como cidadãos etc., ele se excedeu em generosidade nos oferecendo duzentos pesos, que nós, do alto de nossa soberba, recusamos. Se ele nos tivesse oferecido a quantia três meses mais tarde, a história teria sido diferente. Que desperdício!

Santiago se parece bastante com Córdoba. O ritmo da vida é mais rápido e o trânsito é muito mais pesado, mas os prédios, as ruas, o clima e até mesmo as pessoas trazem à mente nossa cidade interiorana. Não chegamos a conhecer a cidade muito bem, porque só estivemos lá uns poucos dias e tínhamos um monte de coisas urgentes para fazer antes de partirmos outra vez.

O consulado peruano se recusou a nos dar um visto sem uma carta de seu homólogo argentino. Este último se recusava a escrever a tal carta porque dizia que a moto provavelmente não aguentaria a viagem e nós teríamos de pedir ajuda à embaixada (mal sabia ele que a moto já tinha virado um defunto), mas, por fim, ele teve piedade e nós conseguimos o visto para entrar no Peru, ao custo de quatrocentos pesos chilenos, uma soma bem pesada para nosso orçamento.

Naqueles dias, estava visitando Santiago o time de polo aquático do Suquía, de Córdoba, e muitos dos integrantes eram nossos amigos. Então, nós fizemos um telefonema de cortesia para

eles e fomos convidados para um daqueles jantares chilenos do tipo “coma mais presunto, experimente um pouco de queijo, beba um pouco mais de vinho” de onde você levanta – se *conseguir* – esticando todos os músculos do tórax que puder juntar. No dia seguinte, subimos a Santa Lucía, uma formação rochosa no centro da cidade com uma história toda peculiar, e estávamos tranquilamente tirando algumas fotos da cidade quando um grupo de membros do Suquíá chegou acompanhado por algumas beldades do clube anfitrião. Os pobres caras ficaram bem embaraçados, porque não sabiam direito se nos apresentavam para as “distintas damas da sociedade chilena”, como acabaram fazendo, ou se fingiam não nos conhecer (lembrem-se de nossas vestes idiossincráticas). Mas eles conseguiram manejar a situação com a melhor autoconfiança possível, e foram bastante amigáveis – tanto quanto pessoas de mundos tão distantes como o deles e o nosso naquele momento particular de nossas vidas podem ser.

O grande dia finalmente chegou e duas lágrimas escorreram simbolicamente pelo rosto de Alberto quando, com um último aceno, nós deixamos La Poderosa na oficina e partimos em direção a Valparaíso. Viajamos por uma magnífica estrada nas montanhas, uma das maiores maravilhas que a civilização pode oferecer em comparação com as naturais (intocadas pela mão humana, quero dizer), em um caminhão que subiu a cordilheira bastante rápido, apesar da carga extra (nós).

O SORRISO DO LA GIOCONDA

Este era um novo estágio de nossa aventura. Nós estávamos acostumados a atrair a atenção das pessoas com nossas roupas estranhas e com a prosaica figura de La Poderosa II, cujo ronco asmático inspirava pena em nossos anfitriões. Ainda assim, nós tínhamos sido, pode-se dizer, cavalheiros da estrada. Tínhamos pertencido a uma honrada aristocracia de viajantes, portando nossos diplomas como cartões de visitas para impressionar as pessoas. Não mais. Agora nós éramos apenas dois vagabundos com mochilas nas costas, a poeira da estrada nos cobrindo, apenas sombras de nossos antigos egos aristocráticos. O caminhoneiro nos deixou na parte alta da cidade, e começamos a andar carregando nossas mochilas pelas ruas, seguidos pelos olhares espantados ou indiferentes dos transeuntes. Ao longe, barcos brilhavam sedutoramente no porto, enquanto o mar, negro e convidativo, chamava por nós com um cheiro forte que preenchia nossas narinas. Compramos pão que parecia caro, mas que se mostrou barato quando fomos mais para o norte, e continuamos a caminhar, descendo a ladeira. Alberto estava obviamente cansado, e eu, ainda que tentasse esconder, também estava, quando chegamos a um estacionamento de caminhões. Assediamos o atendente com os detalhes horrendos das dificuldades que havíamos passado no caminho desde Santiago e ele nos deixou dormir em cima de umas tábuas. Dormimos na companhia de uns parasitas cujos nomes terminam em *hominis*, mas pelo menos tínhamos um teto sobre nossas cabeças. Sem pensar em outra coisa, capotamos no sono. A notícia de nossa chegada, entretanto, chegou aos ouvidos de

um patrício nosso em um café imundo próximo ao estacionamento, e ele queria nos ver. Encontrar-se no Chile significa hospitalidade e nós não estávamos em posição de recusar esse maná vindo dos céus. Nosso compatriota provou estar profundamente imbuído do espírito da terra irmã e foi extremamente generoso. Fazia séculos que eu não comia peixe, e o vinho estava tão delicioso, e nosso anfitrião tão atencioso... de todo jeito, nós nos alimentamos bem e ele nos convidou para ir à sua casa no dia seguinte.

O La Gioconda abriu as portas bem cedo e nós começamos a tomar nosso mate, conversando com o dono do estabelecimento, que se interessou bastante por nossa jornada. Depois disso, saímos para explorar a cidade. Valparaíso é bem pitoresca. Construída debruçada sobre uma larga baía, ao crescer a cidade escalou os montes que descem até o mar. Sua estranha arquitetura de ferro enrugado, disposta em uma série de fileiras ligadas por lances de escadas serpenteantes e por teleféricos, tem sua beleza de museu da loucura ressaltada pelo contraste das casas de cores diferentes misturando-se com o azul-acinzentado da baía. Como se estivéssemos pacientemente dissecando a cidade, bisbilhotamos as escadarias imundas e os pátios escuros, conversando com a multidão de mendigos; medimos as profundezas da cidade, os miasmas que nos puxavam. Nossas narinas dilatadas inalavam a pobreza com uma intensidade sádica.

Fomos até as docas para saber se havia algum barco partindo para a Ilha de Páscoa, mas as notícias não eram muito encorajadoras: não havia navios para a ilha nos próximos seis meses. Pegamos alguns detalhes vagos sobre voos que faziam a rota uma vez por mês.

A Ilha de Páscoa! Nossa imaginação alça voo, depois para e anda em círculos: “Lá, ter um ‘namorado’ branco é uma honra”; “Você não precisa trabalhar, as mulheres fazem tudo – você só come, dorme, e as faz felizes”. Aquele lugar maravilhoso, onde o clima é ideal, as mulheres são ideais, a comida é ideal, o trabalho é ideal (na sua abençoada inexistência). Quem se importa se nós ficarmos lá um ano, quem se importa com os estudos, o trabalho, a família etc.? Na vitrine de uma loja, uma lagosta enorme pisca para nós e, de sua cama feita com alfaces, todo seu corpo nos fala: “Eu vim da Ilha de Páscoa, onde o clima é ideal, as mulheres são ideais...”

Nós aguardávamos pacientemente que nosso compatriota aparecesse na porta de entrada do La Gioconda quando o dono nos convidou para entrar e nos ofereceu um daqueles almoços incríveis, com peixe frito e sopa. Nunca mais vimos o tal argentino durante nossa estada em Valparaíso, mas nos tornamos amigos do dono do bar. Ele era um cara meio estranho, indolente e enormemente generoso com todos os tipos esquisitos que apareciam por lá, porém fazia os clientes normais pagarem os olhos da cara pelas imundícies que servia. Nós não pagamos um único centavo durante todo o tempo em que estivemos lá e ele gastava sua hospitalidade conosco. “Hoje é a sua vez, amanhã será a minha” era seu ditado preferido; não é muito original, mas funciona bem.

Tentamos contatar os médicos de Petrohué, mas, de volta ao trabalho e sem tempo para desperdiçar, eles não concordaram em nos receber formalmente. Pelo menos, tínhamos alguma ideia de onde eles estavam. Naquela tarde, nós nos separamos: Alberto foi perseguir os tais médicos, e eu fui ver uma velha senhora asmática, uma freguesa do La Gioconda. A pobre

coitada estava em um estado lastimável, respirando o odor de suor velho e de pés sujos que enchia seu quarto, misturado com a poeira de um par de poltronas, os dois únicos luxos da casa. Além da asma, ela tinha um coração fraco. É em casos como esses, quando um médico percebe que não pode fazer nada, que ele deseja a mudança; uma mudança que impedisse a injustiça de um sistema no qual até um mês atrás essa pobre mulher tinha de ganhar seu sustento trabalhando como garçoneiro, respirando com dificuldade, ofegando, mas encarando a vida com dignidade. Nestas circunstâncias, as pessoas de famílias pobres que não podem se sustentar são rodeadas por uma atmosfera de aspereza mal disfarçada; deixam de ser pais, mães, irmã ou irmão para tornar-se apenas um fator negativo na luta pela sobrevivência e, por extensão, fonte de amarguras para os membros sadios da comunidade, que se ressentem de sua doença como se fosse um insulto pessoal contra aqueles que têm de apoiá-los. É aí, no final, para as pessoas cujos horizontes nunca ultrapassam o dia de amanhã, que nós percebemos a profunda tragédia que circunscreve a vida do proletariado em todo o mundo. Nesses olhos moribundos existe um humilde apelo por perdão e também, muitas vezes, um pedido desesperado de consolação que se perde no vácuo, da mesma maneira como seu corpo desaparecerá logo em meio ao vasto mistério que nos cerca. Quanto tempo mais esta ordem atual, baseada na ideia absurda de classes sociais, vai durar eu não sei, mas é chegada a hora em que o governo gaste menos tempo propagandeando suas próprias virtudes e comece a gastar mais dinheiro, muito mais dinheiro, financiando projetos úteis para a sociedade. Não havia muito que eu pudesse fazer por aquela mulher doente. Eu simplesmente aconselhei-a quanto a sua dieta e receitei um diurético e algumas pílulas para asma. Eu ainda tinha alguns tablets de dramamina e deixei-os com ela. Quando saí, fui seguido pelas palavras de agradecimento da pobre velha e pelo olhar indiferente dos familiares.

Alberto havia conseguido encontrar os médicos. Tínhamos de estar no hospital às nove horas da manhã seguinte. Enquanto isso, na sala imunda do La Gioconda que serve como cozinha, restaurante, lavanderia, sala de jantar e mictório para gatos e cachorros, um estranho grupo de pessoas estava reunido: o dono, com sua filosofia caseira; Dona Carolina, uma senhora muito prestativa, que era surda, mas que deixou a chaleira de nosso mate novinha em folha; um índio mapuche bêbado e ruim das ideias, que parecia um criminoso; dois clientes mais ou menos normais; e a estrela da reunião, Dona Rosita, que não estava sentada em sua cadeira de balanço. A conversa girava em torno de um acontecimento macabro que Rosita tinha testemunhado; aparentemente, ela tinha sido a única pessoa a ver um homem esfaquear sua pobre vizinha com uma enorme faca.

“E a sua vizinha gritou, Dona Rosita?”

“É claro que ela gritou, o homem a estava esfolando viva! E não é só isso, depois ele a levou até a praia e a jogou na água, para que o mar levasse o corpo embora. Senhor, ouvir aquela mulher gritando foi de rasgar o coração, o senhor deveria ter visto.”

“Por que você não contou à polícia, Rosita?”

“Para quê? Você não se lembra de quando seu primo foi esfaqueado? Eu fui fazer a denúncia e eles me disseram que eu estava louca e que, se eu não parasse de inventar coisas, eles me trancariam na prisão, imaginem só. Não, senhor, eu não vou contar mais nada para

aqueles lá.”

A conversa então passou para o “mensageiro de Deus”, o homem da vizinhança que usa os poderes que o Senhor lhe deu para curar surdez, burrice, paralisia etc. e depois passa o chapéu. É um negócio tão bom quanto qualquer outro. Os panfletos são extraordinários, assim como a credulidade das pessoas, mas todos alegremente gozam das coisas que Dona Rosita vê.

A recepção dos médicos não foi muito amigável, mas nós conseguimos o queríamos: ser apresentados a Molinas Luco, o prefeito de Valparaíso. Saímos de lá com todas as formalidades requeridas e fomos para a prefeitura. Lá chegando, nossa aparência imunda não impressionou o homem da recepção, mas ele tinha recebido ordens para nos deixar entrar. O secretário nos mostrou uma carta em resposta à nossa, a qual explicava que nosso projeto era impossível, uma vez que o único navio para a Ilha de Páscoa já havia partido e não haveria outro até o próximo ano. Nós fomos conduzidos ao suntuoso escritório do Dr. Molinas Luco, onde fomos cordialmente recebidos pelo próprio. Ele dava a impressão, entretanto, de estar participando de uma peça teatral e tomava muito cuidado com cada palavra que dizia. Só ficou entusiasmado quando falou a respeito da Ilha de Páscoa, que ele havia arrancado dos ingleses ao provar que pertencia ao Chile. Ele recomendou que nós nos mantivéssemos a par dos acontecimentos e prometeu levar-nos lá no ano seguinte. “Posso não estar exatamente aqui, mas ainda sou presidente da Sociedade dos Amigos da Ilha de Páscoa”, disse, admitindo tacitamente a futura vitória eleitoral de González Videla. Quando saímos, o homem na recepção nos falou para levarmos o cachorro conosco e, para nosso espanto, nos mostrou um cãozinho que havia feito seu “serviço” no carpete e estava roendo a perna de uma poltrona. O cachorro provavelmente havia nos seguido, atraído, talvez, por nossa aparência de vagabundos, e o porteiro tinha imaginado que ele fazia parte de nossa indumentária extraterrestre. De qualquer forma, o animal, depois de ser privado do elo que o ligava a nós, ganhou um bom chute no traseiro e foi posto para fora ganindo. Mesmo assim, foi bom ficar sabendo que o bem-estar de alguma coisa viva ainda dependia de nosso patrocínio.

Como estávamos determinados a evitar o deserto no norte do Chile fazendo essa parte do trajeto de barco, fomos visitar as companhias de navegação para tentar conseguir uma passagem de graça para algum dos portos setentrionais. Em uma delas, o capitão prometeu nos levar se as autoridades marítimas nos dessem permissão para trabalhar a bordo, pagando pela passagem. A resposta, é claro, foi negativa, e nós voltamos à estaca zero. Alberto então me informou de sua decisão heróica: nós iríamos entrar escondidos no barco. Seria melhor fazê-lo à noite, persuadir o marinheiro de serviço e ver o que acontecia. Aprontamos nossas mochilas, em quantidade claramente exagerada para esse plano em particular. Depois de nos despedirmos com grande pesar de nossos amigos, atravessamos o portão principal do porto e partimos em nossa aventura marítima.

PASSAGEIROS CLANDESTINOS

Passamos pela alfândega sem problemas e seguimos corajosamente em direção ao nosso alvo. O barco que nós tínhamos escolhido, o *San Antonio*, estava no centro da atividade febril do porto, mas, como era muito pequeno, não precisava encostar nas docas para que os guindastes o alcançassem, de forma que havia um vão de alguns metros entre ele e o atracadouro. Nós não tínhamos opção a não ser esperar até que o barco chegasse mais perto para conseguirmos embarcar; assim, sentamos nossos traseiros no chão e esperamos filosoficamente pelo momento certo. À meia-noite, com a troca de turno, o barco atracou, mas o supervisor do porto, um senhor com cara de poucos amigos, ficou o tempo todo parado na prancha checando os homens. Nós tínhamos feito amizade com o operador do guindaste enquanto esperávamos, e ele nos aconselhou a aguardar por um momento melhor, porque o supervisor não era flor que se cheirasse. Então, nós iniciamos uma longa espera que durou a noite inteira, aquecidos no guindaste, uma velha máquina que funcionava a vapor. O sol nasceu e nós ainda estávamos com nossas coisas nas docas. Nossas esperanças de entrar no barco já tinham praticamente desaparecido quando o capitão surgiu com uma rampa que estava sendo soldada e o *San Antonio* ficou permanentemente ligado à terra. Com o sinal de positivo do operador, nós escorregamos para dentro do barco sem problema algum e nos trancamos com nossas mochilas em um banheiro no alojamento dos oficiais. Dali em diante, tudo o que nós tivemos de fazer foi dizer, com uma voz anasalada, “tem gente” ou “está ocupado” na meia dúzia de vezes em que alguém tentou usar o sanitário.

Ao meio-dia, o barco tinha acabado de partir, mas nosso bom humor estava desaparecendo rápido porque o banheiro, que aparentemente tinha alguma espécie de defeito, fedia como o inferno e estava inacreditavelmente quente. À uma, Alberto já tinha esvaziado todo o conteúdo de seu estômago e, às cinco, famintos e sem terra alguma à vista, nós nos apresentamos ao capitão como passageiros clandestinos. Ele ficou bastante surpreso em nos ver novamente, e naquelas circunstâncias, mas, para não deixar os outros oficiais perceberem que ele nos conhecia, ele nos fez um sinal e começou um sermão: “Vocês acham que tudo o que têm de fazer para viajar é pular no primeiro barco que veem? Não pensaram nas consequências?” A verdade é que nós não tínhamos pensado nelas nem por um minuto.

Ele chamou o comissário de bordo e disse a ele para nos dar trabalho e algo para comer. Nós engolimos alegremente nossas rações, mas, quando eu fiquei sabendo que teria de limpar o famoso banheiro, a comida entalou em minha garganta. Quando desci resmungando, seguido pelo riso forçado de Alberto, que tinha sido mandado descascar batatas, confesso que fiquei tentado a esquecer tudo o que já foi escrito sobre as regras da amizade e pedir para trocar as tarefas. Onde está a justiça? Ele adiciona uma bela quantidade à podridão acumulada e sou eu quem tem de limpar!

Depois que nós obedientemente cumprimos nossos deveres, o capitão nos intimou para uma conversa. Desta vez, ele nos disse para não mencionarmos nosso encontro anterior, e ele cuidaria para que nada nos acontecesse quando chegássemos a Antofogasta, para onde o barco

se dirigia. Ele nos deu a cabina que pertencera a um oficial aposentado e nos convidou para jogarmos canastra e tomar um drinque ou dois. Depois de um sono rejuvenescedor, levantamos e demonstramos a verdade do velho ditado: “Vassouras novas varrem melhor.” Começamos a trabalhar com energia, determinados a pagar o preço de nossa passagem com juro. No entanto, ao meio-dia nós começamos a pensar que estávamos exagerando e, lá pelo fim da tarde, nos convencemos definitivamente de que devíamos ser a mais inveterada dupla de preguiçosos que já existiu. Tudo o que queríamos era uma boa cama para nos prepararmos para pegar no pesado no dia seguinte, para não mencionar o fato de que tínhamos de lavar nossas roupas sujas; mas o capitão nos convidou outra vez para jogarmos cartas e isso fez desaparecer nossas boas intenções.

No dia seguinte, o comissário, um cara desagradável, levou quase uma hora para conseguir nos pôr de pé e trabalhando. Minha tarefa era limpar o convés com querosene; levei o dia inteiro e não consegui terminar. Alberto, o esperto, continuou na cozinha, comendo mais e melhor, sem reclamar a respeito do que estava colocando dentro do estômago.

À noite, depois do exaustivo jogo de canastra, nos inclinamos no corrimão e ficamos olhando o mar imenso brilhando em verde e branco, um ao lado do outro, mas cada um perdido em seus próprios pensamentos, em seu próprio voo para a estratosfera dos sonhos. Ali, nós descobrimos que nossa vocação, nossa verdadeira vocação, era a de perambular pelas estradas e mares do mundo para sempre. Curiosos, investigando tudo o que nossos olhos virem, bisbilhotando cada canto e cada rachadura; mas sempre soltos no mundo, sem raízes em lugar algum, sem demorar tempo o suficiente para descobrir o que se esconde por baixo das coisas; a superfície nos basta. Enquanto o nonsense sentimental do mar levava nossa conversa, as luzes de Antofagasta começaram a brilhar na distância, a nordeste do barco. Era o final de nossa aventura como clandestinos, ou pelo menos o fim desta aventura, já que nosso barco iria voltar para Valparaíso.

DESTA VEZ, FRACASSO

Ainda posso vê-lo, claro como o dia: o capitão bêbado, ao lado de todos os seus oficiais e do dono do outro barco, aquele homem de bigode. Os gestos grosseiros, apenas produto de um vinho ruim. E a risada áspera, enquanto relembra nossa odisséia. “Eles são como tigres, sabe, aposto que eles estão no seu barco agora, e você só vai descobrir quando estiver no mar.” O capitão deve ter deixado escapar esta ou outra frase parecida para seu amigo. Nós não sabíamos disso, é claro; uma hora antes da partida estávamos confortavelmente instalados no barco do bigodudo, enterrados em toneladas de melões doces e enchendo nossos estômagos com eles. Estávamos exatamente comentando quanto os marinheiros eram boa gente, pois um deles havia nos ajudado a embarcar naquele barco e a nos esconder em um lugar tão agradável. Então, ouvimos aquela voz raivosa, e o bigode atrás dela, maior do que tudo o que eu já havia visto, saído ninguém sabe de onde e nos empurrando para as profundezas da

confusão. Várias cascas de melão flutuavam em fila indiana no mar calmo. O que se seguiu foi uma afronta. O marinheiro que nos ajudou falou conosco depois que a história terminou: “Eu poderia tê-lo feito mudar de ideia, caras, mas ele viu os melões flutuando e então entrou em uma espécie de rotina de ‘levantem as pranchas, não deixem ninguém escapar’. E bem...” – ele parecia estar bastante embaraçado – “vocês não deviam ter comido aqueles melões, caras!”

Um de nossos amigos do *San Antonio* resumiu sua sensível filosofia de vida com estas palavras elegantes: “Vocês estão no meio dessa merda toda porque vocês são uns merdas. Por que vocês não param de fazer merda por aí e vão embora para sua terra de merda?”¹² Bom, foi mais ou menos isso o que fizemos; pegamos nossas mochilas e partimos para Chuquicamata, a famosa mina de cobre chilena.

Mas não imediatamente. Tivemos de esperar um dia para conseguir a permissão das autoridades para visitar a mina e, enquanto isso, participamos de uma despedida devidamente apropriada com os marinheiros bacantes.

Deitados sob a luminosidade pálida de dois postes de luz na estrada deserta que leva para as minas, nós passamos um bom pedaço do dia gritando coisas um para o outro, cada um em um dos postes, até que vimos ao longe o veículo que iria nos levar até a metade do caminho, uma cidadezinha chamada Baquedano.

Ali, nós fizemos amizade com um casal de operários chilenos que eram comunistas¹³. À luz de uma vela, tomando mate e comendo pão com queijo, o homem, com uma expressão encolhida, nos revelou uma nota trágica e misteriosa. Com um linguajar simples mas expressivo, ele nos contou a respeito dos três meses que passou na prisão, de sua mulher, que, mesmo passando fome, o seguiu com uma lealdade exemplar, de seus filhos deixados sob os cuidados de um vizinho prestativo, de sua peregrinação infrutífera à procura de trabalho e de seus camaradas que haviam desaparecido misteriosamente e que, dizia-se, deviam estar em algum lugar bem no fundo do mar.

O casal, paralisado pelo frio, aconchegando-se para se esquentar na noite do deserto, era um símbolo vivo do proletariado de todo o mundo. Eles não tinham sequer um lençol para dormir à noite, então nós lhes demos um dos nossos e nos cobrimos como possível com o que sobrou. Era uma das noites mais frias que eu já havia passado; mas também uma noite que me fez sentir um pouco mais próximo dessa estranha, para mim pelo menos, raça humana.

Às oito horas da manhã seguinte, pegamos carona em um caminhão que nos levou até Chuquicamata. Demos adeus ao casal, que estava indo para uma mina de enxofre nas montanhas, onde o clima é tão horroroso e as condições de trabalho tão insalubres que você não precisa de um documento trabalhista e ninguém lhe pergunta qual é sua opção política. A única coisa que conta é o entusiasmo com o qual você arruína sua saúde em troca de umas poucas e magras migalhas.

Mesmo já perdendo o casal de vista no horizonte, a expressão determinada do homem continuou conosco e relembramos seu convite simples: “Venham, camaradas, venham e comam conosco. Eu também sou um errante”, o que demonstra que ele basicamente não considerava nossa viagem sem rumo como parasitária.

É realmente revoltante pensar que se usam medidas repressivas contra pessoas assim. Deixando de lado a questão sobre se a “canalha comunista” é perigosa ou não para a saúde de uma sociedade, o que havia florescido nele era nada mais do que o desejo natural por uma vida melhor, um protesto contra a fome permanente que se transformou em amor por essa estranha doutrina, cujo significado real ele não podia sequer imaginar, mas que, traduzida em “pão para os pobres”, tornou-se algo que ele entende e que o enche de esperança.

Um dos chefes, loiro, eficiente e arrogante, nos disse em um espanhol primitivo: “Isso aqui não é uma cidade turística. Vou conseguir um guia para lhes acompanhar durante meia hora aqui na mina e, depois disso, por favor, façam a gentileza de partir, nós temos muito trabalho a fazer”. Uma greve estava programada. Mesmo assim, o guia, o cãozinho adestrado dos chefes ianques, nos disse: “Gringos estúpidos, perdem milhares de pesos por dia a cada greve, apenas para não dar alguns centavos extras para cada operário. Isso tudo vai acabar quando o General Ibañez subir ao poder”.¹⁴ E o poeta-capataz: “Aqui nestes famosos campos cada pedaço de cobre pode ser minerado. Gente como vocês me faz um monte de perguntas técnicas, mas raramente perguntam quantas vidas isso aqui custou. Eu não sei a resposta, senhores, mas muito obrigado por perguntar”.

Uma fria eficiência e um ressentimento impotente andam de mãos dadas na grande mina, ligados, a despeito do ódio, pela necessidade comum de sobreviver, por um lado, e de especular, por outro... Talvez um dia algum mineiro pegue sua picareta e vá envenenar seus pulmões com um sorriso no rosto. Dizem que é assim que funciona lá, de onde vem a chama vermelha que deslumbra o mundo. É o que dizem. Eu não sei.

CHUQUICAMATA

Chuquicamata é como o cenário de uma peça teatral moderna. Não se pode dizer que não tem beleza, mas é uma beleza imposta, sem charme e fria. Ao se aproximar da mina, toda a paisagem em volta cria uma sensação de sufocamento. Há um ponto, depois de duzentos quilômetros, em que o tom esverdeado da cidade de Calama interrompe o cinza monótono e é comemorado com a mesma alegria que um oásis no deserto merece. E que deserto! É considerado pelo observatório climático de Moctezuma, próximo a “Chuqui”, o mais seco do mundo. As montanhas, destituídas de uma única lâmina de grama no solo de nitrato, sem defesa ante o ataque do vento e da água, mostram sua espinha dorsal cinzenta, prematuramente envelhecida na batalha contra os fatores climáticos, com suas rugas camuflando sua verdadeira idade geológica. E quantas das montanhas que circundam a irmã famosa têm riquezas similares em suas entranhas, esperando que os braços áridos das pás mecânicas devorem seus intestinos, temperados com as inevitáveis vidas humanas – as vidas dos pobres heróis anônimos destas batalhas, que morrem mortes miseráveis em alguma das muitas armadilhas que a natureza prega para defender seus tesouros, quando tudo o que querem é ganhar seu pão de cada dia.

Chuquicamata é essencialmente uma grande montanha de cobre com campos de escavação de vinte metros de altura seccionados em seus lados, de onde se extrai o mineral, que é facilmente transportado por trem. A forma única da veia possibilita uma extração totalmente aberta, o que permite uma exploração em larga escala do corpo mineral, oferecendo um por cento de cobre a cada tonelada de minério. A montanha é dinamitada toda manhã e pás mecânicas gigantescas carregam o material nos vagões de trem que levam o material até o moedor, onde é triturado. A trituração é feita em três estágios, que transformam a matéria bruta em uma pedra de tamanho médio. Depois, a pedra é colocada em uma solução de ácido sulfúrico, que extrai o cobre na forma de sulfato e forma também o cloreto de cobre, que, aliás, se transforma em cloreto de ferro ao entrar em contato com o ferro. Dali, o líquido é levado para a chamada “casa verde”, onde a solução de sulfato de cobre é colocada em grandes recipientes e recebe uma corrente de trinta volts durante uma semana, o que faz ocorrer uma eletrólise do sal: o cobre se gruda a uma folha fina do mesmo metal, já formado anteriormente em outros recipientes com soluções mais concentradas. Após cinco ou seis dias, as folhas ficam prontas para seguir para a caldeira; a solução já perdeu de oito a dez gramas de sulfato por litro e está enriquecida com novas quantidades do material extraído. As folhas são então colocadas em fornalhas, onde, depois de doze horas a dois mil graus centígrados, produzem lingotes de 350 libras. Toda noite, 45 vagões seguem em comboio para Antofagasta, carregando mais de vinte toneladas de cobre cada, o resultado de um dia de trabalho.

Este é um pequeno resumo do processo de manufatura que emprega uma população flutuante de três mil almas em Chuquicamata; mas esse processo extrai apenas minério de óxido. A Companhia de Exploração do Chile está construindo outra planta para explorar o minério de sulfato. Essa planta, a maior do tipo no mundo, tem duas chaminés de 96 metros de altura e vai passar a ser responsável por quase toda a produção futura, uma vez que a planta antiga será lentamente desativada, pois o minério de óxido está perto de se esgotar. Já existe, no entanto, um enorme estoque de matéria-prima para abastecer a nova caldeira, que começará a ser processado em 1954, quando a nova planta for aberta.

O Chile produz vinte por cento do cobre mundial, e o cobre tem adquirido uma importância vital nestes tempos incertos de conflitos potenciais, porque é um componente essencial de diversos tipos de arma de destruição. Portanto, uma batalha político-econômica tem sido travada no país entre uma coalizão de nacionalistas e grupos de esquerda que advogam a nacionalização das minas e aqueles que, em nome da livre empresa, preferem uma mina bem gerida (mesmo que em mãos estrangeiras) à possibilidade de uma administração menos eficiente do Estado. Acusações seríssimas têm sido feitas no Congresso contra as companhias que atualmente exploram as concessões, o que é sintomático do clima de inspiração nacionalista que cerca a produção de cobre.

Qualquer que seja o resultado dessa batalha, seria muito bom tentar não esquecer as lições ensinadas pelos cemitérios das minas, que contêm apenas uma fração do enorme número de pessoas devoradas pelas escavações, pela silicose e pelo clima infernal das montanhas.

QUILÔMETROS E QUILÔMETROS DE ARIDEZ

Havíamos perdido nosso cantil de água, o que tornou o problema de cruzar o deserto a pé ainda pior. Mesmo assim, tomando cuidado com o vento, nós partimos, deixando para trás a divisa da cidade de Chuquicamata. Mantivemos um passo acelerado à vista dos habitantes do local, mas, depois, a vasta solitude dos Andes, o sol martelando nossas cabeças e o peso mal distribuído em nossas mochilas nos trouxeram de volta à realidade. Até onde nossas ações eram, como afirmou um policial, “heroicas” eu não tenho certeza, mas começamos a suspeitar, e com boas razões, acredito, que o adjetivo apropriado estava em algum lugar próximo da “estupidez”.

Depois de duas horas de caminhada e no máximo uns dez quilômetros percorridos, nós paramos à sombra de uma placa onde estava escrito sei-lá-o-quê, mas que era a única coisa capaz de nos oferecer o mínimo de abrigo contra os raios solares. E ficamos ali o dia inteiro, trocando de lugar sempre, para ficar com a sombra do poste pelo menos em nossos olhos.

O litro de água que nós havíamos levado conosco foi consumido rapidamente e, à noite, com nossas gargantas ressecadas, partimos em direção ao posto policial na divisa da cidade, uma derrota vil.

Passamos a noite ali, no abrigo da pequena sala, onde um fogo baixinho mantinha a temperatura minimamente agradável, apesar do frio do lado de fora. O vigia-noturno dividiu sua comida conosco, com a proverbial hospitalidade chilena, um magro banquete após o jejum do dia, mas melhor do que nada.

Ao amanhecer do dia seguinte, um caminhão de uma companhia de cigarros passou por ali e nos levou um pouco mais adiante na direção em que estávamos indo; mas como ele seguiria para o porto de Tocopilla e nós queríamos ir mais para o norte, para a cidade de Iquique, ficamos na encruzilhada das duas estradas. Começamos a caminhar rumo a uma casa que, nós já sabíamos, ficava a oito quilômetros de distância dali. Porém, no meio do caminho, nós nos cansamos e decidimos tirar uma soneca. Estendemos nossos lençóis entre um poste telegráfico e uma placa de trânsito e nos deitamos neles, com nossos corpos tomando uma sauna turca e nossos pés, banho de sol.

Duas ou três horas depois, quando já havíamos perdido cerca de três litros de água cada um, um forcinho passou pela estrada, com três nobres cidadãos bêbados e cantando *cuecas*¹⁵ no mais alto volume. Eram trabalhadores grevistas da mina de Magdalena, comemorando prematuramente a vitória da causa do povo com um alegre porre. Os beberões nos deram uma carona até uma estação de trem próxima. Ali, nós encontramos um grupo de caminhoneiros treinando para um jogo de futebol contra um time rival. Alberto tirou um par de tênis de sua mochila e começou seu discurso. O resultado foi espetacular: fomos contratados para a partida do domingo seguinte; em troca ganharíamos soldo, alojamento, comida e transporte para Iquique.

Dois dias depois veio o domingo, marcado por uma esplêndida vitória do nosso time e por alguns cabritos assados por Alberto, de modo a maravilhar a assistência com a arte culinária

argentina. Naqueles dois dias, nós visitamos algumas das muitas plantas de purificação de nitrato daquela região do Chile.

Não é muito difícil para essas companhias extrair a riqueza mineral daquela parte do mundo. Tudo o que têm de fazer é lixar a camada superficial do terreno, que é onde está o mineral, e transportá-la para grandes recipientes onde passa por um processo de separação não muito complicado, extraíndo nitratos, salitre e lama. Parece que os alemães receberam as primeiras concessões, mas suas plantas foram expropriadas e agora a maioria delas é de ingleses. As duas maiores, tanto em produção como em pessoal empregado, estavam em greve quando nos dirigíamos para a região, então nós decidimos não visitá-las. Fomos, em vez disso, para uma planta até bastante grande, La Victoria, que tem uma placa na entrada marcando o local onde morreu Héctor Supicci Sedes, um grande piloto de rali uruguaio que foi atingido por outro competidor ao sair dos boxes depois de abastecer seu carro.

Uma sucessão de caminhões nos levou através da região até que chegamos a Iquique, enrolados em um lençol de alfafa, que era a carga do caminhão que nos deu a última carona. Nossa chegada, com o sol nascendo atrás de nós, refletido no puro azul do mar da manhã, parecia saída de uma história das *Mil e Uma Noites*. O caminhão apareceu como um tapete mágico nos rochedos acima do porto e, no nosso voo contorcido e difícil até embaixo, com a primeira marcha segurando nossa descida, nós pudemos ver a cidade inteira vir ao nosso encontro.

Em Iquique não havia um único barco, argentino ou de qualquer outra nacionalidade; como não havia por que ficarmos no porto, nós decidimos pegar uma carona no primeiro caminhão até Arica.

CHILE, O FIM

Os longos quilômetros entre Iquique e Arica sobem e descem morros o tempo inteiro. A estrada nos levou de planaltos áridos a vales com pequenos riachos, grandes o suficiente apenas para que algumas árvores atrofiadas crescessem a seu redor. Durante o dia, estes planaltos áridos são opressivamente quentes, mas ficam consideravelmente mais frios à noite, como todo clima de deserto. É surpreendente pensar que Valdívía passou por aqui com seu punhado de homens e viajou cerca de cinquenta ou sessenta quilômetros sem encontrar uma gota d'água sequer, ou mesmo um arbusto para se proteger da hora mais quente do dia. Quando se vê com os próprios olhos o terreno que os conquistadores cruzaram, automaticamente se eleva o feito de Valdívía e de seus homens ao posto de um dos mais notáveis de toda a colonização espanhola. Com certeza, mais notável do que aqueles que sobrevivem na história da América porque os homens em questão foram afortunados o suficiente para conquistar reinos imensamente ricos, que transformaram o suor de sua aventura belicosa em ouro. A realização de Valdívía simboliza o inegável desejo do homem de encontrar um lugar onde possa exercitar controle absoluto. As palavras atribuídas a César, quando ele disse que

preferia ser o número um em uma vila humilde dos Alpes a ser o número dois em Roma, encontram eco, ainda que menos bombasticamente, mas não com menos efetividade, na conquista do Chile. Se, ao encarar a morte nas mãos do invencível Caupolicán dos araucanos, os últimos momentos do conquistador não tivessem sido nublados pela fúria de um animal acuado, não tenho dúvidas de que, ao relembrar sua vida, Valdívia teria encontrado ampla justificação para que sua morte fosse decretada pelo governante supremo de uma nação guerreira, porque ele próprio pertencia àquela espécie singular de homens que são produzidos muito raramente, homens para quem o sofrimento parece um preço natural a pagar por sua, às vezes inconsciente, busca do poder infinito.

Arica é uma agradável e pequena cidade-porto que ainda mostra traços de seus antigos donos, os peruanos, e que age como uma espécie de casa no meio do caminho entre esses dois países tão diferentes, apesar do contato geográfico e do passado em comum.

O cabo, orgulho da cidade, é formado por cem metros de pedra nua mar adentro. As palmeiras, o calor e as frutas subtropicais nas feiras dão ao lugar certo ar de cidade do Caribe, bastante diferente de suas companheiras mais ao sul.

Um médico, que nos tratou com todo o desdém que um burguês sério e financeiramente sólido pode sentir por uma dupla de mendigos (ainda que fôssemos mendigos com diplomas), nos deixou dormir no hospital local. Nós deixamos aquele lugar não muito hospitaleiro logo cedo na manhã seguinte e nos dirigimos para a fronteira com o Peru. Mas, antes, decidimos dar adeus ao Pacífico com um último banho (com sabão e tudo), que despertou em Alberto um desejo adormecido: comer frutos do mar. Então nós pacientemente procuramos por moluscos e outros mariscos na praia, entre algumas pedras. Comemos alguma coisa viscosa e salgada, mas que nem desviou nossas mentes da fome que sentíamos nem acalmou o desejo de Alberto. Para ser sincero, aquele bicho não teria feito sequer um condenado feliz, porque o lodo nele não era nada agradável e, sem qualquer coisa para temperar, era ainda pior.

Finalmente conseguimos comer algo na delegacia de polícia, e depois seguimos ao longo da costa até atingir a fronteira. Pegamos uma carona em uma caminhonete e chegamos ao posto da alfândega com toda a pompa. Ali conhecemos um agente que já havia trabalhado na fronteira com a Argentina e que reconheceu e entendeu nossa paixão pelo mate, dando-nos água quente, biscoitos e, melhor ainda, uma carona até Tacna. Com um aperto de mãos e com o monte de superficialidades pomposas sobre os argentinos no Peru, com as quais o chefe de polícia amigavelmente nos recebeu na fronteira, nós nos despedimos da hospitaleira terra chilena.

CHILE EM RETROSPECTO

Quando escrevi essas notas, no calor de meu entusiasmo inicial e de minhas primeiras impressões, o que narrei incluía algumas poucas e loucas incorreções e, geralmente, não estava redigido com o devido espírito científico. De todo modo, não creio que deva expressar

minhas ideias atuais sobre o Chile agora, mais de um ano depois de ter tomado estas notas; prefiro fazer um pequeno resumo do que escrevi então.

Começamos por nossa especialidade médica: a saúde pública no Chile deixa muito a desejar (ainda que eu tenha percebido depois que é muito melhor do que a que existe nos outros países que eu visitei). Os hospitais totalmente gratuitos são extremamente raros e muitas vezes se vê a seguinte placa: “Como é que você pode reclamar do tratamento que recebe deste hospital se não contribui para sua manutenção?”

Não obstante, o atendimento médico no Norte é geralmente gratuito, mas deve-se pagar pelas instalações do hospital, quantias que vão desde as irrisórias até virtuais monumentos à roubalheira institucionalizada. Na mina de Chuquicamata, os trabalhadores doentes ou acidentados recebem tratamento por cinco escudos chilenos o dia, mas os pacientes que não são operários da planta pagam entre 300 e 500 escudos por dia. Os hospitais são, em geral, muito pobres e sofrem da falta de medicamentos e de instalações adequadas. Nós vimos salas de operações mal iluminadas e mesmo sujas, não apenas nas cidades pequenas, mas até em Valparaíso. Não existe instrumental suficiente. Os sanitários são sujos. Aliás, a consciência sanitária no Chile é deficitária. Os chilenos têm o costume (que eu depois observei em toda a América do Sul) de não jogar o papel higiênico usado na privada, mas no chão ou em alguma lata fornecida para esse fim.

O nível de vida dos chilenos é inferior ao da Argentina. No sul do país, os salários são muito baixos, o desemprego é alto e os trabalhadores recebem pouquíssima proteção das autoridades (melhor, entretanto, do que a que é fornecida no norte do continente). Tudo isso causa ondas de imigração chilena para a Argentina, à procura das lendárias ruas pavimentadas com ouro com que a hábil propaganda política tem iludido os habitantes a oeste dos Andes. Na região norte, os trabalhadores das minas de cobre, nitrato e enxofre são mais bem pagos, mas o custo de vida é muito mais alto; faltam diversos bens de consumo essenciais e o clima nas montanhas é muito duro. Eu me lembro da eloquente encolhida de ombros com a qual um gerente da mina de Chuquicamata respondeu à minha indagação sobre compensações para as famílias dos dez mil ou mais trabalhadores que estão enterrados no cemitério local.

O cenário político é confuso (este capítulo foi escrito antes das eleições vencidas por Ibañez). Existem quatro candidatos a presidente, dos quais Carlos Ibañez del Campo parece ser o vencedor mais provável. Ele é um militar aposentado com tendências ditatoriais e ambições políticas parecidas às de Perón, visto pelo povo como uma espécie de caudilho. Sua base de poder é o Partido Popular Socialista, apoiado por várias facções menores. Em segundo lugar, creio, vem Pedro Enrique Alfonso, o candidato oficial da situação. Sua política é ambígua; parece amigável com relação aos norte-americanos e flerta com todos os outros partidos. O porta-bandeira da direita é Arturo Matte Larraín, um empresário influente que é genro do ex-presidente Alessandri e tem o apoio de todos os setores reacionários da população. E, por fim, há Salvador Allende, o candidato da Frente Popular. Ele é apoiado pelo Partido Comunista, mas seus votos foram reduzidos em cerca de 40 mil, que é o número de pessoas impedidas de votar por serem afiliadas ao partido.

Ibañez provavelmente seguirá uma política de latino-americanismo e jogará com o ódio que

a população tem dos Estados Unidos para ganhar popularidade, nacionalizar as minas de cobre e de outros minerais (conhecendo os enormes depósitos que os EUA têm no Peru, prontos para começar a produzir, eu não acredito muito que a nacionalização dessas minas será algo possível, pelo menos a curto prazo), continuar a nacionalizar as ferrovias e aumentar substancialmente o comércio com a Argentina.

Como país, o Chile oferece muitas possibilidades econômicas para qualquer um que queira trabalhar aqui, desde que não pertença ao proletariado, ou seja, desde que seja alguém com certo nível de educação e de conhecimento técnico. A terra pode manter gado suficiente (principalmente ovino) para alimentar a população, assim como cereais. O país tem recursos minerais que podem torná-lo fortemente industrial: ferro, cobre, carvão, estanho, ouro, prata, manganês e nitratos. A principal tarefa que o Chile tem agora é sacudir seu cansativo amigo ianque de suas costas, uma tarefa hercúlea, pelo menos por enquanto, dados os gigantescos investimentos norte-americanos no país e a facilidade com que os EUA podem fazer pressão econômica sempre que seus interesses são ameaçados.

TARATA, O NOVO MUNDO

Nós estávamos a apenas alguns metros do posto da Guarda Civil que marcava o fim da vila, mas nossas mochilas já pareciam pesar uma tonelada. O sol estava a pino e, como sempre, nós tínhamos roupas demais para aquela hora do dia, mesmo que, mais tarde, fôssemos sentir frio. A estrada subia íngreme e nós logo passamos pela pirâmide que havíamos visto da vila, um monumento aos peruanos que morreram na guerra com o Chile há um século¹⁶. Decidimos que aquele era um bom lugar para fazer nossa primeira parada e tentarmos nossa sorte com os caminhões que passavam. Na direção que queríamos ir, não havia nada a não ser montes nus, quase sem vegetação. A sonolenta Tacna, com suas ruas sujas e estreitas e com seus telhados de terracota, parecia ainda menor de longe. Nós ficamos emocionados ao avistar o primeiro caminhão. Timidamente, estendemos nossos dedos e, para nossa surpresa, o motorista parou do nosso lado. Alberto se encarregou das negociações, explicando com aquelas palavras para mim já tão familiares o propósito de nossa viagem e pedindo uma carona; o motorista pareceu concordar e indicou que nós deveríamos subir na carroceria, ao lado de um monte de índios.

Satisfeitos, pegamos nossas mochilas e estávamos prontos para subir a bordo quando ele gritou: “Cinco soles¹⁷ até Tarata, o.k.?”

Furioso, Alberto perguntou por que ele havia concordado quando nós lhe pedimos para nos dar uma carona gratuita. Ele não sabia exatamente o que “gratuita” queria dizer, mas até Tarata custava cinco soles...

“E vão ser todos iguais”, disse Alberto, descarregando sua raiva em mim com aquelas palavras, já que tinha sido ideia minha vir procurar carona na estrada, em vez de esperar por algum caminhão na cidade de Tacna, como ele havia sugerido. A escolha agora era simples.

Ou nós voltávamos, o que significava admitir a derrota, ou continuávamos, viesse o que viesse. Optamos pela última alternativa e começamos a andar. Que essa não foi uma decisão totalmente sábia ficou logo aparente: o sol estava prestes a se pôr e não havia absolutamente nenhum sinal de vida próximo. Mesmo assim, nós imaginamos que deveria haver alguma cabana ou coisa parecida perto da vila e, sustentados por essa esperança, seguimos em frente.

Logo ficou escuro e não tínhamos visto qualquer sinal de habitação. Pior ainda, não tínhamos água nem para cozinhar nem para nosso mate. O frio ficou mais forte; as condições do deserto e a altitude fizeram sua parte. Nós estávamos muito cansados. Decidimos estender nossos lençóis no chão e dormir até o amanhecer. A noite, sem lua, estava muito escura; tateamos no breu para nos deitar e nos cobrimos da melhor maneira possível.

Cinco minutos depois, Alberto reclamou que estava duro de frio e eu concordei. Como nós não estávamos competindo para saber quem sentia mais frio, decidimos encarar a situação e arranjar alguns galhos para fazer uma fogueira. O resultado foi, como se pode prever, patético. Conseguimos apenas um punhado de galhos que fizeram uma fogueirinha tímida, que não fornecia calor algum. A fome era problema, mas o frio era ainda pior. Tão ruim que nós não conseguíamos mais ficar deitados ali olhando para nossos quatro palitos em brasa. Tivemos de arrumar nossas mochilas e andar no escuro. Partimos depressa para nos manter aquecidos, mas logo estávamos ofegantes e sem ar. Eu podia sentir o suor escorrendo sob a minha jaqueta, porém meus pés estavam formigando de frio e o vento cortava nossos rostos como se fosse uma faca. Depois de algumas horas, nós estávamos exaustos; e no meu relógio eram apenas 12h30. O cálculo mais otimista nos dava ainda umas cinco horas antes do amanhecer. Deliberamos um pouco mais, e fizemos mais uma tentativa de dormir em nossos lençóis. Cinco minutos depois, estávamos andando outra vez. Algumas horas mais tarde, uma luz apareceu no horizonte; não adiantava ficar muito excitado com a possibilidade de conseguir uma carona, mas pelo menos nós podíamos ver a estrada agora. E, como imaginávamos, o caminhão passou por nós, indiferente aos nossos gritos histéricos, enquanto seus faróis revelavam uma desolação desabitada, sem uma única árvore ou casa. Depois disso, tudo ficou meio brumoso: os minutos começaram a passar cada vez mais devagar até que começaram a se parecer com horas. Duas ou três vezes, o latido distante de um cachorro ofereceu alguma esperança, mas nós não conseguimos ver nada na escuridão negra como piche e os cães silenciaram, ou estavam na direção contrária.

Às seis da manhã, iluminadas pelo cinza do amanhecer, nós vimos duas cabanas ao lado da estrada. Percorremos os últimos metros em um piscar de olhos, como se não tivéssemos nada pesando em nossas costas. Nossa sensação era a de nunca termos tido uma acolhida tão amigável, o pão que eles nos venderam com um pedaço de queijo era o mais delicioso de todos, e nem mesmo o mate já tinha sido tão revigorante. Para aquelas pessoas simples, para quem Alberto exibiu seu certificado de médico, nós éramos uma espécie de semideuses, vindos de nada mais nada menos do que da Argentina, aquele país maravilhoso onde Perón e sua mulher, Evita, vivem, onde os pobres têm tanto quanto os ricos e o índio não é explorado nem tratado caluniosamente como o é aqui nesse país. Tivemos de responder a milhares de perguntas sobre nosso país e sobre a vida lá. Com o frio da noite ainda abraçando nossos

ossos, a Argentina foi transformada em uma visão sedutora de um passado cor-de-rosa. Com o coração tocado pela gentileza tímida daqueles “*cholos*”¹⁸, estendemos nossos lençóis em uma parte seca da margem do rio que corria ao lado da casa e dormimos, acariciados pelo calor do sol nascente.

Ao meio-dia, nós partimos novamente, com os espíritos altivos e a dureza da noite anterior totalmente esquecida, seguindo os conselhos do velho Vizcacha¹⁹. A estrada, entretanto, era bem longa, e nossas pausas logo se tornaram claramente frequentes. Às cinco da tarde, paramos para descansar, notando a silhueta de um caminhão que se aproximava com indiferença; como sempre, estava carregado de gado humano, no que parece ser o negócio mais lucrativo por aqueles lados. Para nossa surpresa, o caminhão parou e nós vimos o guarda civil de Tacna nos acenando amigavelmente e nos convidando para subir a bordo; obviamente, nós não precisamos que ele convidasse uma segunda vez. Os índios aimarás que estavam na carroceria do caminhão nos encararam com curiosidade, mas não tiveram coragem de perguntar nada. Alberto tentou conversar com alguns deles, porém o espanhol que falavam era muito fraco. O caminhão continuou a subir através daquela paisagem de absoluta desolação, onde apenas alguns poucos arbustos espinhosos davam a marca da vida. Então, de repente, o lamento trabalhoso do caminhão subindo a montanha deu lugar a um suspiro de alívio quando nós atingimos um planalto.

Chegamos à pequena cidade de Estaque e a vista era maravilhosa; contemplamos, encantados, a paisagem à nossa frente e passamos a querer saber os nomes e as devidas explicações de tudo o que víamos. Os aimarás mal nos entendiam, mas a pouca informação que conseguiram nos dar em seu espanhol confuso só aumentou o impacto causado pelo que víamos à nossa volta. Estávamos em um vale encantado onde o tempo havia parado alguns séculos antes, e o qual nós, mortais afortunados, até ali presos ao século XX, tivemos a dádiva de conhecer. Os canais de irrigação – construídos pelos incas para o benefício de seus súditos – corriam para o fundo do vale, formando mais de mil quedas-d’água que ziguezagueavam ao redor da estrada, enquanto esta descia a montanha em espiral. À nossa frente, nuvens baixas encobriam o topo da cordilheira, mas através de intervalos aqui e ali podia-se ver a neve caindo nos picos mais altos, pintando-os gradualmente de branco. Plantações de vegetais variados, cultivados organizadamente pelos índios em desníveis do terreno, abriram toda uma nova seção da botânica para nós: *oca*, *quinua*, *canihua*, *rocoto*, milho. As pessoas que víamos pareciam estar em seu hábitat natural, vestidas como os índios que dividiam o caminhão conosco, com ponchos coloridos feitos de lã, calças justas que iam até a altura da batata da perna e sandálias feitas de corda ou de pneus velhos.

Bebendo avidamente daquela vista, nós continuamos a descer o vale, em direção a Tarata. No idioma aimará, Tarata quer dizer entroncamento, local de confluência, e foi assim batizada porque fica no vértice de um grande “V” formado pelas cadeias de montanhas que a protegem. É uma cidadezinha milenar e pacífica, onde a vida segue da mesma maneira como tem sido por séculos. Sua igreja colonial deve ser uma gema arqueológica, porque, além de bastante antiga, combina a arte européia importada com o espírito dos índios locais. Ruas estreitas em diversos níveis, pavimentadas com pedras tiradas de lá mesmo, mulheres nativas carregando

seus filhos nas costas... Resumindo, com tantas cenas típicas, a cidade relembra os dias anteriores à conquista espanhola.

Mas o povo não é mais a mesma raça orgulhosa que, era após era, resistiu à dominação dos incas, forçando estes a manter um exército permanente na fronteira; estas pessoas que nos observam caminhar pelas ruas da cidade formam uma raça derrotada. Elas nos olham servilmente, quase que com medo, completamente indiferentes ao mundo exterior. Algumas dão a impressão de continuar vivendo simplesmente porque este é um hábito do qual não conseguem se livrar.

O guarda civil nos levou até o posto de polícia local, onde conseguimos camas e fomos convidados a comer. Depois da refeição, saímos para um passeio pela cidade, e depois para a cama por algum tempo, já que partiríamos às três da manhã em um caminhão de passageiros para Puno, que iria nos levar gratuitamente, graças ao guarda civil.

NOS DOMÍNIOS DE PACHAMAMA

Às três da manhã, os cobertores da polícia peruana tinham provado seu valor, fazendo-nos reviver com seu calor. Fomos então acordados agitadamente pelo policial de plantão e tristemente obrigados a deixá-los (os cobertores) para trás, e tomamos o caminhão que nos levaria para Ilave.

Era uma noite magnífica, mas terrivelmente fria. Tivemos o privilégio de receber uma tábua para sentarmos, o que nos separou da carga humana cheia de pulgas que viajava um pouco abaixo de nós, exalando um emocionante mas caloroso mau cheiro. Quando o caminhão começou a subir a montanha, percebemos a real extensão do tal privilégio: o fedor não atingia nossas narinas e nenhuma pulga seria atlética o suficiente para saltar em nosso refúgio, mas, por outro lado, o vento chicoteava nossos corpos e, em poucos minutos, nós estávamos literalmente congelados. O caminhão continuou a subir, o que só fez o frio se tornar mais e mais intenso. Tínhamos de manter nossas mãos fora do abrigo relativo de nossos lençóis para nos segurar e não cair; de outro modo, o menor movimento teria nos arremessado para o fundo do caminhão.

Já perto do amanhecer, paramos por causa de algum problema no carburador que aflige quase todos os motores nessa altitude; estávamos próximos do ponto mais alto da estrada, perto de cinco mil metros acima do nível do mar. O sol estava nascendo e uma luz fraquinha substituía a escuridão total na qual havíamos viajado até então. O sol tem um efeito psicológico esquisito: ainda não tinha se levantado acima do horizonte e nós já nos sentíamos reconfortados, apenas de imaginar a temperatura agradável que nos traria.

Em um dos lados da estrada crescia uma espécie de fungo semicircular gigantesco – a única vegetação por ali. Fizemos uma fogueira ridícula com ele, que só deu mesmo para esquentar alguma água a partir de neve derretida. O espetáculo de nós dois tomando nossa estranha bebida deve ter parecido tão interessante para os índios quanto suas vestimentas típicas

pareciam para nós, pois vários deles vieram nos perguntar com seu espanhol errado por que estávamos colocando água quente naquele artefato peculiar. O caminhão se recusava sem rodeios a nos levar em frente, e todos nós tivemos de andar cerca de três quilômetros na neve. Foi impressionante observar como os pés cheios de calos dos índios pisavam a estrada sem parecer se incomodar, enquanto nossos dedos estavam completamente congelados, apesar de nossas botas e meias de lã. Com um passo cansado mas firme, eles caminhavam em fila única, como um comboio de lhamas.

Depois de consertar seu defeito indecente, o caminhão passou por nós com entusiasmo renovado e nós pulamos para dentro dele. Logo cruzamos o desfiladeiro, onde havia um estranho marco feito com pedras irregulares e com uma cruz no topo. Quando passamos em frente, quase todos cuspiram e alguns fizeram o sinal-da-cruz. Intrigados, perguntamos o significado do estranho ritual, mas só recebemos silêncio como resposta.

O sol começava a nos esquentar e a temperatura subia. Descemos para o vale seguindo o curso de um rio cuja nascente nós havíamos visto no topo da montanha e que agora tinha crescido para um tamanho razoável. Com picos cobertos de neve impassíveis à nossa volta, rebanhos de lhamas e alpacas nos olhando e com uma tímida vicunha fugindo dos intrusos, o caminhão seguiu viagem.

Em uma de nossas muitas paradas, um índio se aproximou timidamente de nós com seu filho que falava bem o espanhol e começou a nos perguntar tudo a respeito da maravilhosa “terra de Perón”. Com nossas imaginações acesas pela paisagem estonteante que nos rodeava, foi fácil para nós descrever eventos extraordinários, enfeitar as façanhas do “Chefe” com toda fantasia e impressionar nossos interlocutores com histórias sobre a beleza idílica da vida em nosso país.

O homem fez seu filho nos pedir uma cópia da Constituição argentina com sua declaração de direitos dos idosos, e nós, entusiasticamente, prometemos enviar-lhe uma depois. Quando o caminhão se pôs na estrada novamente, o homem nos ofereceu uma espiga de milho com um aspecto delicioso que ele tirou de dentro do poncho. Nós a aceitamos rapidamente, e dividimos os grãos democraticamente.

No meio da tarde, com o céu cinza como chumbo sobre nossas cabeças, passamos por um lugar estranho, onde a erosão tinha transformado as rochas enormes que ladeavam a estrada em castelos medievais com muralhas, gárgulas nos olhando perturbadoramente e uma tropa de monstros fabulosos que pareciam estar vigiando o local, garantindo que as personagens místicas que ali habitavam fossem deixadas em paz. A garoa que já roçava nossos rostos há algum tempo começou a engrossar e logo se tornou um verdadeiro toró. O motorista chamou pelos “médicos argentinos” e nos convidou para dentro de sua cabine, o luxo supremo naquela situação. Nós imediatamente fizemos amizade com um professor primário de Puno, que tinha sido demitido pelo governo por fazer parte da APRA²⁰. Esse fato não significava muito para nós, mas o homem também tinha sangue índio e era extremamente bem versado na cultura e nos costumes indígenas, e nos presenteou com milhares de histórias e reminiscências de sua vida como professor. Contou, por exemplo, como esteve do lado dos aimarás no interminável debate dos estudantes da região contra os *coyas*, que ele chamou de maliciosos e covardes.

Ele também nos apresentou a chave para entender o estranho comportamento de nossos companheiros de viagem algumas horas antes. Disse que os índios vão depositando todo seu infortúnio sob a forma de pedras em Pachamama, a Mãe Natureza; estas pedras acumuladas vão formando um marco como o que havíamos visto. Bem, quando os espanhóis conquistaram a região, imediatamente tentaram reprimir a crença e destruir esse ritual, mas foi inútil. Então, os monges decidiram aceitar o inevitável e simplesmente colocaram uma cruz em cima de cada pilha de pedras. Tudo isso aconteceu cerca de quatro séculos atrás (de fato, Garcilaso de la Vega²¹ conta a história) e, a julgar pelo número de índios que se benzeram ao passarmos por ali, os monges não tiveram muito sucesso. Com os meios de transporte modernos, os fiéis agora cospem a folha de coca mascada no marco, em vez de colocar uma pedra, e isso faz com que seus problemas descansem em paz com Pachamama.

A voz do professor adquiria um ar estranhamente inspirado sempre que falava a respeito de seus índios, a antes rebelde raça aimará, famosa por deter os exércitos incas durante séculos, e mudava para um desânimo profundo quando falava da condição atual dos índios, brutalizados pela civilização moderna. Ou quando falava dos mestiços impuros, seus terríveis inimigos, que se vingam dos aimarás por sua própria posição ambígua, nem peixe nem ave. Ele nos falou da necessidade de montar escolas para ajudar as pessoas a valorizar seu próprio mundo e capacitá-las a desempenhar um papel digno dentro dele; da importância de reformar completamente o atual sistema de educação, que, nas raras ocasiões em que oferece aos índios alguma educação (educação, claro está, de acordo com os critérios dos brancos), os preenche apenas com vergonha e ressentimento, deixando-os incapazes de ajudar a seus irmãos índios e em uma tremenda desvantagem na sociedade branca, que lhes é hostil e não os quer aceitar.

O destino dessa gente infeliz é vegetar em algum serviço burocrático obscuro e morrer esperando que, graças ao poder milagroso de uma gota de sangue espanhol em suas veias, um ou outro de seus filhos possa, de alguma maneira, chegar ao objetivo aspirado por eles até o fim de seus dias. Enquanto falava, seu punho compulsivamente apertado denunciava o espírito de um homem atormentado por seu próprio infortúnio e por aquele mesmo desejo que ele atribuía a seu exemplo hipotético. Não era ele, na verdade, o típico produto de uma educação que prejudica a pessoa que a recebe, apenas para demonstrar o poder mágico daquela preciosa “gota de sangue”, mesmo que esta tenha vindo de alguma pobre mulher mestiça vendida a um cacique local ou tenha sido resultado do estupro de uma serviçal índia pelo senhor espanhol bêbado?

Nossa jornada estava próxima do fim e o professor ficou calado. A estrada fez uma curva e cruzou uma ponte sobre um rio largo, que nós tínhamos visto mais cedo como um pequeno córrego. Chegamos a Ilave.



Alberto Granado e La Poderosa II (novembro de 1949).



Granado (à direita) às margens de um rio chileno (fevereiro de 1952).
Foto de Ernesto Che Guevara



“Dois especialistas em leprologia argentinos percorrem a América do Sul de motocicleta.
Estão em Temuco e desejam visitar Rapa-Nui”.
Diário Austral, de Temuco, Chile (19 de fevereiro de 1952).



Granado e a equipe do leprosário de San Pablo pescando no rio Amazonas.
Foto de Ernesto Che Guevara.



Ernesto Che Guevara, o terceiro à esquerda, agachado, no *Mambo-Tango*, com alguns doentes de lepra e médicos do leprosário de San Pablo, Peru.



Granado e índios Yaguá, próximo ao leprosário de San Pablo.
Foto de Ernesto Che Guevara.

MINISTERIO DE SALUD PUBLICA DE LA NACION

MATRICULA PROFESIONAL DE ENFERMERO

Nº 13.424

1950 22 de Agosto de 1950

Fecha 22 de Agosto de 1950

Apellido y Nombre GUEVARA Ernesto

Clase 1928 Distr. 43

Nº I. N° 6.460.503

Céd. I. N° 3.524.272

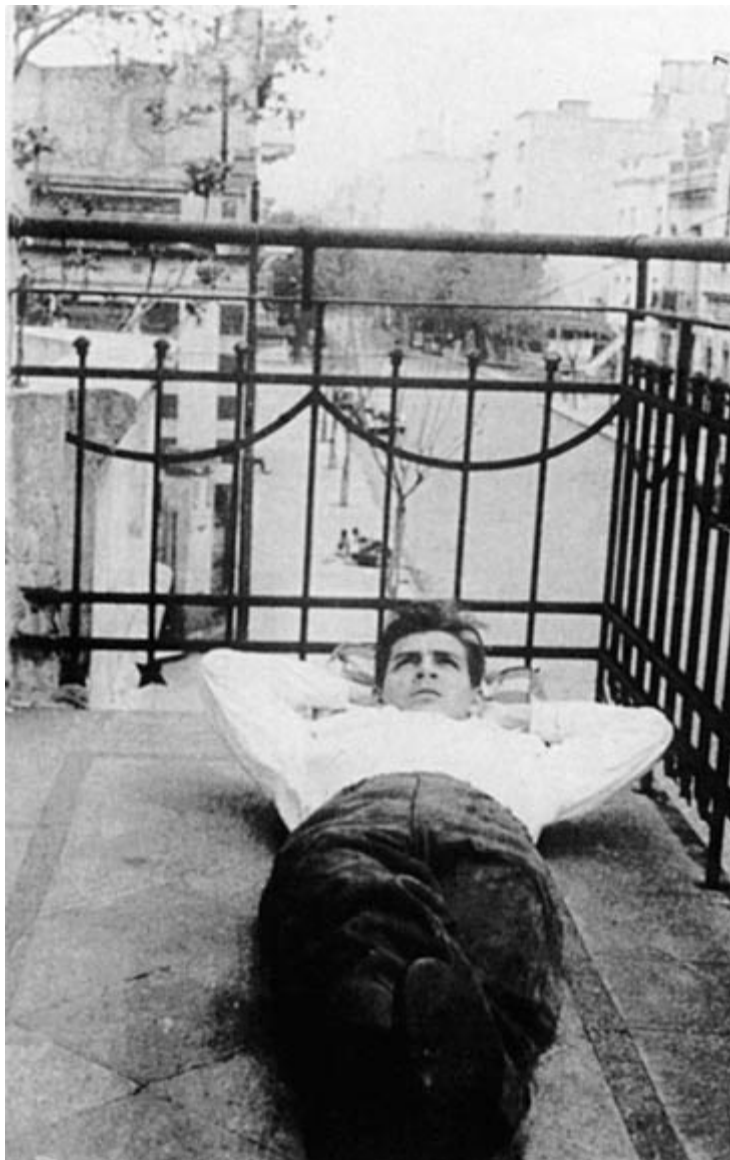
de Capital Fede

VALIDO ÚNICAMENTE PARA CREDITAR A

FIRMA DEL INTERESADO



Reprodução da carteira profissional de enfermeiro de Ernesto Che Guevara (1950).



Ernesto Che Guevara em 1950, em Buenos Aires. Foto tirada por seu pai, Ernesto Guevara Lynch, no balcão de sua casa na rua Arsoz.

O LAGO DO SOL

Só conseguimos ver uma pequena parte da enorme beleza do lago sagrado, porque os promontórios na entrada da baía onde fica a cidade de Puno escondiam o resto de nós. Aqui e ali, canoas feitas de junco surgiam para cima e para baixo nas águas calmas e uns poucos barcos pesqueiros deixavam a baía, adentrando o grande lago. O vento estava muito frio e o céu pesado e melancólico refletia nosso estado de espírito. Embora tivéssemos chegado a Puno sem ter de parar em Ilave e conseguido acomodação temporária e uma boa refeição no quartel local, nossa sorte parecia ter nos abandonado. O oficial comandante educadamente nos mostrou a porta da rua, afirmando que aquele era um posto de fronteira e que era estritamente proibido que civis estrangeiros passassem ali a noite.

Mas nós não queríamos deixar a cidade sem explorar o lago, então fomos até o atracadouro para ver se não encontrávamos alguém disposto a nos ajudar a apreciar sua magnitude em um barco. Tivemos de usar um intérprete para a operação, porque nenhum dos pescadores, todos aimarás puros, sabia qualquer coisa de espanhol. Pela modesta soma de cinco soles, conseguimos que um barco nos levasse para um passeio junto com o guia turístico oficioso, que agora não desgrudava de nós. Até pensamos em nadar no lago, mas mudamos de ideia quando testamos a temperatura com as pontas dos dedos (Alberto passou por todo o ritual de tirar as botas e as meias, apenas para ter de colocá-las outra vez, é claro).

Algumas ilhas apareceram no horizonte, pontos esparsos na imensidão cinza da água. Nosso guia nos falou dos pescadores que viviam nelas, alguns dos quais talvez jamais tivessem visto um homem branco, e que continuavam a viver segundo seus costumes ancestrais, comendo a mesma comida e pescando com os mesmos métodos usados há quinhentos anos, preservando seus hábitos, rituais e tradições intactos.

Quando voltamos para o porto, nos dirigimos a uma das balsas que fazem a travessia entre Puno e um porto boliviano, para tentar completar nosso estoque de mate, que estava no fim. Mas a erva não é muito consumida na parte norte da Bolívia, quase não se ouve falar dela, e tudo o que conseguimos foi menos de meio quilo. Ficamos observando a tal balsa, projetada na Inglaterra e montada aqui; seu luxo contrastava com a pobreza generalizada que nós havíamos visto na região.

Nosso problema de alojamento foi resolvido pelo posto da Guarda Civil, onde um tenente bastante amigável nos colocou na enfermaria. Ficamos os dois em uma só cama, mas confortável e quente, por fim. No dia seguinte, depois de uma visita interessante à catedral, encontramos um caminhão que estava indo para Cuzco. O médico local de Puno nos deu uma carta de apresentação para um certo Dr. Hermosa, que já havia trabalhado com leprosos e agora vivia naquela cidade.

A primeira parte da viagem não foi muito longa, e o motorista nos deixou em Juliaca, onde tínhamos de encontrar outro caminhão que nos levasse mais para o norte. Seguindo a orientação de um guarda civil de Puno, nos dirigimos para a delegacia de polícia, e lá encontramos um sargento meio alcoolizado que gostou de nós e nos convidou para beber com ele. Fomos até um bar próximo, e ele pediu umas cervejas, que todo mundo bebeu prontamente, exceto eu.

“Qual é o problema, meu amigo argentino? Você não bebe?”

“Não é isso, é que na Argentina não estamos acostumados a beber assim. Não me leve a mal, mas lá nós só bebemos acompanhando alguma comida.”

“Mas, *che-e-e*”, disse ele, prolongando nosso patronímico onomatopéico com uma voz anasalada, “por que você não falou antes?” E, com um bater de palmas, ele ordenou que trouxessem alguns belos sanduíches de queijo, que caíram muito bem. Depois disso, ele se empolgou e começou a se gabar de suas proezas. Contou então como todo mundo da região tinha medo dele, por causa de suas habilidades com uma pistola.

Para provar o que dizia, sacou sua arma e apontou-a na direção de Alberto, dizendo: “Olhe, *che-e-e*, fique em pé a uns vinte metros de distância com um cigarro na boca e, se eu não o acender para você na primeira tentativa, te pago cinquenta soles”. Alberto não gostava tanto assim de dinheiro, e não ia se levantar da cadeira por apenas cinquenta soles. “Aumento para cem.” Nenhum sinal de interesse da parte de Alberto.

Na hora em que o montante chegou a duzentos soles – já ali, na mesa – podia-se ver um brilho nos olhos de Alberto, mas seu instinto de autopreservação falou mais alto, e ele permaneceu impassível. Então o sargento tirou o próprio quepe e, fazendo a mira através de um espelho, jogou o chapéu para trás e disparou o gatilho. O quepe continuou intacto, é claro, mas a parede não; a dona do bar ficou fula e foi até a delegacia dar queixa.

Alguns minutos depois, um oficial apareceu para tentar saber o que tinha acontecido e chamou o sargento num canto para uma conversa. Quando retornaram para a mesa onde estávamos, o sargento disse para Alberto, fazendo sinais para que ele entendesse a jogada: “Ei, argentino, você ainda tem algum daqueles fogos de artifício como o que você acabou de soltar?” Alberto percebeu o estratagema e falou, com toda a inocência do mundo, que aquele tinha sido o último. O oficial lhe disse então qualquer coisa sobre ser proibido soltar fogos de artifício em locais públicos e se virou para a dona, dizendo que nenhum tiro tinha sido dado, que ele não estava vendo nenhum furo na parede e que considerava o caso encerrado. A mulher pensou em pedir ao sargento para se mover alguns centímetros para o lado de onde ele estava em pé, encostado na parede, mas fez um rápido cálculo mental dos prós e dos contras e decidiu ficar calada, contentando-se em extravasar sua raiva em Alberto.

“Esses argentinos pensam que são donos do lugar”, disse, juntando alguns palavrões que se perderam na distância enquanto saíamos do bar, um de nós pensando com tristeza na cerveja que tínhamos perdido e o outro, nos sanduíches.

Seguimos viagem em outro caminhão, e conhecemos dois rapazes de Lima, determinados a provar sua superioridade sobre os índios silenciosos, que ignoravam seus insultos como se não tivessem ouvido. No começo, nós viramos para o outro lado e tentamos ignorá-los;

entretanto, com o tédio da viagem em uma planície sem fim, depois de algumas horas acabamos forçados a conversar com os dois únicos outros brancos a bordo, as duas únicas pessoas com quem conseguíamos falar, já que os índios ofereciam apenas monossílabos em resposta às perguntas dos forasteiros, nós. Na verdade, aqueles garotos de Lima até que eram bastante normais, só queriam deixar claras as diferenças entre eles e os índios. Logo uma enxurrada de tangos começou a jorrar sobre nossas companhias insuspeitas, enquanto mascávamos as folhas de coca que nossos novos amigos gentilmente nos cederam.

Quando a luz do dia começou a desaparecer, chegamos a uma vila, de nome Ayaviry, onde ficamos em um hotel pago pelo chefe da Guarda Civil local. “O quê, dois médicos argentinos dormindo mal porque não têm dinheiro? Não vou permitir isso”, ele nos respondeu, quando tentamos recusar delicadamente sua generosidade inesperada. Mas, apesar da cama bem aquecida, não conseguimos pregar os olhos: a coca se vingou de nós com ondas de enjoo, diarreia e dores de cabeça.

Logo cedo, na manhã seguinte, partimos no mesmo caminhão, em direção a Sicuani, onde chegamos no meio da tarde, depois de algumas horas de frio, chuva e fome. Como de costume, passamos a noite no posto da Guarda Civil e, como de costume, fomos muito bem tratados. Um riacho chamado Vilcanota atravessa Sicuani, e nós iríamos seguir por suas águas diluídas em oceanos de lama durante a próxima fase de nossa viagem.

Estávamos no mercado em Sicuani, admirando a maravilhosa diversidade de cores nas barracas misturar-se aos refrões monótonos dos vendedores e com o zumbido monotônico da multidão, quando notamos algumas pessoas reunidas em uma esquina e fomos ver do que se tratava.

Um grupo silencioso acompanhava uma procissão, liderada por uma dúzia de monges em hábitos coloridos. Logo atrás, alguns dos notáveis da vila, em roupas escuras e com rostos adequadamente taciturnos, carregavam um esquife. Isso marcou o final do cortejo silencioso, e as pessoas, reunidas, começaram a fazer ruídos e barulhos. A procissão parou e um dos homens sérios de terno preto apareceu em uma sacada com algumas folhas de papel na mão e começou: “Compete-nos, neste momento de adeus a homem tão valoroso...” Depois de um interminável blablablá, a procissão voltou a se mover, andou mais uma quadra, parou novamente, e outra pessoa de preto apareceu em outra sacada. “Fulano-de-tal está morto, mas a memória de suas boas ações, de sua integridade irrepreensível...” E, assim, o pobre Fulano-de-tal seguiu seu caminho para aquele conhecido último descanso, perturbado por seus concidadãos, que descarregavam seu pesar com um dilúvio de oratória em cada esquina.

Então, depois de outro dia de viagem bastante parecido com os anteriores, por fim: CUZCO!

O CENTRO DO MUNDO

Se eu tivesse de resumir Cuzco em uma palavra, a única capaz de fazer isso adequadamente

é “evocativa”. Uma poeira impalpável de outras épocas cobre suas ruas, levantando-se em nuvens como um lago lamacento cada vez que se perturba sua calmaria. Mas existem duas ou três Cuzcos distintas, ou melhor, duas ou três maneiras pelas quais se pode evocar a cidade.

Quando Mama Occllo deixou cair sua cunha ao solo e o objeto enterrou-se sem esforço na terra, os primeiros incas souberam que este era o lugar que Viracocha havia escolhido como lar permanente para seu povo. Gente que abandonou a existência nômade para chegar, como conquistadores, à terra prometida. Com as narinas dilatadas em seu entusiasmo por novos horizontes, os incas viram seu formidável império crescer e seus olhos miraram além da frágil barreira das montanhas que circundam sua cidade inicial. Enquanto os antigos nômades expandiam os limites de Tahuantinsuyu, fortificaram o centro das terras por eles conquistadas, o centro do mundo – Cuzco²². Para defender seu centro, eles construíram o maciço forte de Sacsahuamán, que guarda a cidade das alturas, protegendo seus palácios e templos da fúria dos inimigos do Império. Esta é a Cuzco cuja voz queixosa pode ser ouvida na fortaleza destruída pela estupidez dos iletrados conquistadores espanhóis; que pode ser ouvida nos templos violados e arruinados, nos palácios saqueados, nos índios brutalizados. Esta Cuzco o convida a transformar-se em guerreiro e, arma em punho, defender a liberdade e a vida do inca.

Mas existe outra Cuzco, que pode ser vista de cima, no lugar da fortaleza arruinada: a Cuzco dos telhados vermelhos, com sua harmonia delicada quebrada pela cúpula de uma igreja; a Cuzco vista nas ruas estreitas pelas quais você passa, com os nativos vestidos em suas roupas tradicionais, com todas as cores locais. Esta Cuzco o convida a tornar-se um turista um tanto relutante, a admirar as coisas superficialmente e a se divertir sob a beleza do céu cinza do inverno.

E existe ainda outra Cuzco, uma cidade vibrante que testemunha a coragem formidável dos soldados que conquistaram a região em nome da Espanha, expressada em seus monumentos, museus e bibliotecas, na decoração de suas igrejas e nos traços distintivos dos líderes brancos da cidade, que ainda se orgulham da Conquista. Esta Cuzco o convida a vestir uma armadura e, montado em um cavalo forte e vigoroso, abrir caminho através da carne indefesa de um rebanho de índios nus, cuja muralha humana desmorona sob os quatro cascos da fera galopante.

Cada uma destas Cuzcos pode ser admirada por si só, e nós passamos uma boa parte de nossa estada olhando cada uma delas.

A TERRA DOS INCAS

Cuzco é totalmente cercada por montanhas, que representam tanto perigo para seus habitantes quanto fator de defesa. Para defender-se, os incas construíram a fortaleza gigantesca de Sacsahuamán. Pelo menos, essa é a versão aceita por quase todos, uma versão que eu não posso refutar, por razões óbvias. Mas é possível, no entanto, que a fortaleza tenha sido, na

realidade, o centro original da cidade. Em uma época imediatamente posterior ao abandono da vida nômade por parte dos incas, quando eles eram apenas uma tribo ambiciosa e defender-se contra um adversário numericamente superior era essencial para a sobrevivência da população ali assentada, as muralhas de Sacsahuamán ofereciam a proteção ideal.

A dupla função da cidade-fortaleza explica algumas das características misteriosas de sua construção, que não fariam sentido se servissem simplesmente para repelir o invasor, além do fato de que Cuzco foi deixada vulnerável em todos os seus outros flancos – ainda que se deva notar que a fortaleza está situada de tal modo a controlar os dois vales escarpados que levam à cidade. As muralhas serrilhadas possibilitavam alvejar o inimigo de três lados, sempre que ele atacasse. E, se os agressores conseguissem penetrar essa linha de defesa, eles dariam de frente com uma muralha semelhante e, depois, com uma terceira. Isso dava aos defensores espaço para manobrar e concentrar-se no contra-ataque.

Tudo isso, junto às glórias subsequentes da cidade, sugere que os guerreiros quíchuas eram imbatíveis na defesa de seus fortes. Embora as fortificações obviamente reflitam um povo extremamente inventivo, bem-versado em matemática, elas parecem – pelo menos para mim – pertencer a um estágio pré-inca dessa civilização, antes que eles aprendessem a apreciar o conforto material, porque, ainda que a arquitetura e as belas-artes jamais tenham sido de importância capital para uma raça sóbria como os quíchuas, eles de fato alcançaram uma expressão interessante nesses campos.

Os sucessos contínuos dos quíchuas na guerra empurraram os inimigos cada vez mais para longe de Cuzco, e assim eles abandonaram o confinamento da fortaleza, que, de todo modo, tornou-se pequena demais para sua população crescente, e se espalharam pelo vale vizinho, ao lado do riacho cujas águas utilizavam. Conscientes de seu presente então glorioso, eles começaram a olhar para seu passado, à procura de uma explicação para sua superioridade, e é por isso, para honrar o deus onipotente que os transformou no povo dominante na região, que eles criaram os templos e a casta dos sacerdotes. A grandeza dos quíchuas se expressou então em blocos de pedra, e foi assim que a imponente Cuzco que os espanhóis conquistaram gradualmente assumiu sua forma.

Mesmo hoje, quando o ódio bestial dos conquistadores rudes pode ser visto em cada ato por eles tomados para consolidar a Conquista, e passado tanto tempo desde que o povo inca desapareceu como potência dominante, seus blocos de pedra ainda são impregnados com uma força misteriosa, intocada pela passagem do tempo. Quando as tropas espanholas saquearam a cidade derrotada, descarregaram sua fúria sobre os templos incas, juntando à sua avidez pelo ouro que adornava as paredes com representações de Inti, o deus Sol, um prazer sádico em substituir o símbolo cheio de vida e de alegria de um povo triste pelo ídolo cheio de sofrimento de um povo alegre. Os templos dedicados a Inti foram arrasados por completo ou tiveram suas paredes usadas para construir as igrejas de uma nova religião. A catedral da cidade foi construída no que restou de um grande palácio, enquanto as paredes do Templo do Sol serviram como base para a Igreja de Santo Domingo, uma lição e um castigo do conquistador orgulhoso.

E, apesar de tudo, o coração da América, cheio de indignação, ainda faz estremecer as

encostas dóceis dos Andes vez ou outra, mandando ondas gigantescas de suas profundezas até a superfície. O domo da orgulhosa Santo Domingo já cedeu três vezes sob o rugido dos ossos quebrados, e suas paredes já cambalearam, ruíram e caíram também. Mas as fundações sobre as quais tais paredes foram construídas, o bloco de pedra cinza do Templo do Sol, permanecem impávidas e, por maior que seja o desastre que desabe sobre o usurpador, nenhuma de suas rochas gigantescas se move.

A vingança de Kon, entretanto, não é nada se comparada à magnitude do ultraje. As rochas cinza cansaram-se de implorar a seus deuses para destruir a odiosa raça de conquistadores e agora não mostram nada além da fadiga dos objetos inanimados, adequados apenas para os gritos de admiração de um ou outro turista. De que serviu o labor paciente dos índios que construíram o Palácio de Inca Roca, habilmente dando forma à pedra gigante, se comparado à energia violenta do conquistador branco e seu domínio técnico sobre tijolos e arcos arredondados?

O índio, aguardando ansiosamente pela vingança terrível de seus deuses, viu, em vez disso, multidões de igrejas subindo aos seus céus, sufocando até mesmo a possibilidade de que ele pudesse ter um passado orgulhoso. As paredes de seis metros de altura do Palácio de Inca Roca, usadas pelos conquistadores como fundações de seus palácios coloniais, refletem em suas formas perfeitas o lamento do guerreiro derrotado.

Mas a raça que criou *Ollantay*²³ deixou mais do que apenas a cidade de Cuzco como memorial de suas glórias passadas. Por cerca de cem quilômetros seguindo o curso do rio Vilcanota ou Urubamba, existem vestígios do passado inca. Os mais importantes deles estão no alto das montanhas, onde suas fortalezas são impenetráveis, a salvo de qualquer ataque-surpresa. Depois de uma longa subida que durou cerca de duas horas através de uma estreita trilha na montanha, nós alcançamos o pico de Pisac. No entanto, bem antes de nós, a espada do soldado espanhol também chegou aqui, destruiu seus defensores, suas defesas e seu templo. Ao ver as pedras dispersas, pode-se imaginar como era o forte, o sítio de Intiwatana, onde o sol do meio-dia era “amarrado”, e as residências dos sacerdotes. Mas resta tão pouco daquilo tudo!

Seguindo o curso do Vilcanota e passando por alguns sítios menos importantes, chegamos a Ollantaytambo, a grande fortaleza que resistiu às tropas de Hernando Pizarro quando Manco II²⁴ rebelou-se contra os espanhóis para fundar a dinastia menor dos quatro imperadores incas que coexistiu com o Império Espanhol até que seu último e afeminado representante foi executado por mando do vice-rei de Toledo, na praça principal de Cuzco.

Uma formação rochosa de mais de cem metros de altura despenca verticalmente no Vilcanota. A fortaleza foi construída no topo dessa formação e seu único flanco vulnerável, que se liga aos montes vizinhos por passagens estreitas, é também defendido por estruturas de pedra que impedem o acesso fácil a uma força atacante comparável em números aos defensores. A parte mais baixa é puramente defensiva, com as áreas menos inclinadas tendo sido divididas em vinte terraços fáceis de serem defendidos, que tornam o atacante vulnerável a contra-ataques pelos lados. Os alojamentos dos soldados ocupam a parte de cima do forte, que é coroado por um templo, onde provavelmente ficavam todos os tesouros da fortaleza,

todos os objetos feitos com metais preciosos. Mas agora nem mesmo a memória permanece e até os blocos enormes que formavam o templo foram retirados.

Na estrada que leva de volta a Cuzco, próximo a Sacsahuamán, existe uma típica piscina inca onde, de acordo com nosso guia, os imperadores se banhavam. Eu achei um pouco estranho, dada a distância que o local fica de Cuzco, a menos que fosse uma espécie ritualística de banho para o monarca. De todo modo, se essa versão for mesmo verdadeira, os antigos imperadores incas deviam ter as peles ainda mais grossas do que as de seus descendentes, porque a água, ainda que tivesse um gosto delicioso, era fria de doer. O local, com três nichos de forma trapezoidal no topo (essa forma específica e sua função ainda estão para ser explicadas), chama-se Tambomachay e fica na entrada do Vale dos Incas.

Mas o sítio que, tanto em termos arqueológicos quanto turísticos, sobrepuja todos os outros na região é, sem dúvida, o de Machu Picchu. Na língua local, seu nome quer dizer “velha montanha”, uma denominação que se conecta muito pouco ao lugar que abrigou, dentro de suas muralhas, os últimos sobreviventes de um povo livre. Bingham, o arqueólogo que descobriu as ruínas, acreditava que o lugar não havia sido o último refúgio dos quíchuas contra os invasores, porém seu nascedouro original e lugar sagrado para aquele povo. Para ele, foi apenas depois, durante a Conquista espanhola, que Machu Picchu tornou-se também um refúgio para as tropas derrotadas. À primeira vista, diversos fatores sugerem que o arqueólogo norte-americano estava correto. Em Ollantaytambo, por exemplo, as construções defensivas mais importantes olham na direção oposta de Machu Picchu, mesmo levando em conta que o declive atrás delas não é íngreme o suficiente para garantir segurança total aos defensores se o ataque viesse por aquele lado, o que sugeriria a crença de que eles tinham a retaguarda bem guardada daquele lado. Outra indicação é a preocupação óbvia em manter o lugar escondido dos forasteiros, mesmo depois que toda a resistência havia sido esmagada. O último imperador inca foi capturado bem longe de Machu Picchu, onde Bingham encontrou apenas esqueletos de mulheres, que ele descreveu como sendo o de virgens do Templo do Sol, uma ordem religiosa que os espanhóis nunca conseguiram desbaratar.

Coroando a cidade, como geralmente acontece com as construções desse tipo, está o Templo do Sol, com seu famoso Intiwatana. Este, em especial, é feito da mesma rocha que forma seu pedestal e uma sucessão de pedras polidas indica que está em lugar muito importante. Olhando para o rio estão três janelas na forma típica trapezoidal da arquitetura quíchua, as quais Bingham, de maneira um tanto fantasiosa, em minha opinião, identificou como as três janelas das quais os irmãos Ayllus, da mitologia inca, surgiram para o mundo exterior para mostrar ao povo escolhido o caminho para sua terra prometida. Desnecessário dizer que essa interpretação tem sido questionada por diversos pesquisadores de prestígio, e há debate também sobre a função do Templo do Sol, que Bingham afirmou ser uma sala de formato circular, similar ao Templo do Sol de Cuzco. Qualquer que seja a verdade, a forma e o corte preciso das pedras provam ser esta uma construção importante, e acredita-se que sob as rochas enormes que formam a base do templo esteja a tumba de um ou mais imperadores incas.

Pode-se observar aqui também as distinções entre as várias classes sociais da cidade, pois

cada uma delas ocupava um lugar diferente de acordo com a categoria, mais ou menos independente do resto. É uma pena que eles soubessem fazer apenas telhados de palha, o que significa dizer que não existem telhados remanescentes, mesmo nos prédios mais luxuosos. Mas o fato é que era muito difícil para arquitetos que não sabiam fazer arqueação resolver o problema. No prédio reservado para os soldados, nós vimos uma espécie de reentrância na parede, parecida a um pórtico, com um buraco em cada lado, grande o suficiente para passar o braço de um homem. Aparentemente, era um local usado para castigos; a vítima era forçada a colocar ambos os braços nos buracos e era então puxada para trás, até que seus ossos se partissem. Eu não fiquei muito convencido com a explicação e coloquei meus braços da maneira indicada. Alberto me deu um pequeno empurrão e eu imediatamente senti uma dor terrível, pensando que fosse ser partido em dois se ele continuasse a pressionar meu peito.

A vista mais impressionante de todo o forte é a que se vê de Huayna Picchu (montanha jovem), a uns duzentos metros de distância. Provavelmente era utilizada como um posto de observação e não como residência ou fortaleza, porque as construções não são muito imponentes. Machu Picchu é impenetrável em dois lados, defendida por um desfiladeiro de cerca de trezentos metros de altura que cai no rio e por uma garganta estreita que a conecta à “montanha jovem”; seu flanco mais vulnerável é protegido por uma fileira de terraços que torna qualquer ataque arriscado, enquanto na frente, que é voltada ligeiramente para o sul, fortificações pesadas e o estreitamento do pico tornam o ataque também difícil. E, se lembrarmos que o Vilcanota circunda a base da montanha, fica claro que os primeiros habitantes de Machu Picchu fizeram uma escolha sábia.

Não importa muito, de todo modo, qual tenha sido a origem da fortaleza, ou melhor, é mais fácil deixar o debate para os arqueólogos. O que é inegável, entretanto, o mais importante, é que temos à nossa frente uma expressão pura da mais poderosa raça indígena das Américas, intocada pelo contato com a civilização invasora e cheia de tesouros imensamente evocativos em suas paredes, paredes que morreram em decorrência do tédio de não mais existir. A paisagem magnífica ao redor do sítio forma o pano de fundo ideal para inspirar os sonhos de qualquer um que passeie através das ruínas; os turistas da América do Norte, sempre inflexíveis com sua visão prática do mundo, conseguem colocar representações do povo caído que eles viram em sua viagem em meio a estas paredes, sem se aperceber da distância moral que as separa, já que apenas o espírito semi-indígena da América do Sul pode agarrar as sutis diferenças.

NOSSO SENHOR DOS TERREMOTOS

Pela primeira vez desde o recente terremoto, o Maria Angola estava soando. De acordo com a tradição, este famoso sino, que figura dentre os maiores do mundo, tem vinte e sete quilos de ouro em sua composição. Aparentemente, foi doado por uma senhora chamada María Angulo, mas o nome mudou por razões eufônicas.²⁵

As torres da catedral, destruídas no terremoto de 1950, tinham sido restauradas pelo governo do Generalíssimo Franco, e, como sinal de agradecimento, ordenaram que a banda tocasse o hino nacional espanhol. Ao som das primeiras notas, o chapéu vermelho do bispo ficou ainda mais vermelho enquanto ele agitava os braços no ar, como uma marionete. “Parem, parem, tem alguma coisa errada”, ele gritou, enquanto um espanhol exclamou indignado: “Dois anos de trabalho, e é isso que eles tocam!” Com ou sem intenção, a banda estava tocando o hino da República Espanhola.

À tarde, a imagem de Nosso Senhor dos Terremotos aparece, vinda de seu altar na catedral. É uma imagem de Cristo pintada em cores escuras, e segue então em procissão através da cidade, parando em todas as principais igrejas. À sua passagem, uma multidão de desocupados compete para jogar punhados e punhados de uma pequena flor que cresce abundantemente nos sopés das montanhas vizinhas, e que os nativos chamam de *nucchu*. O vermelho vivo das flores, o bronze profundo do Senhor dos Terremotos e o prateado do altar no qual a imagem é carregada dão à procissão um ar de festival pagão. O efeito é ressaltado ainda mais pelas roupas multicoloridas dos índios, que se vestem com seus melhores trajes tradicionais, como expressão de uma cultura e de um modo de vida que ainda ostentam valores bastante vivos. Em contraste, um grupo de índios com vestes europeizadas carrega faixas à frente da procissão. Suas expressões resignadas e hipócritas refletem aquelas dos quíchuas que fizeram ouvidos moucos à chamada de Manco II e uniram-se a Pizarro, sufocando o orgulho e a independência de sua raça pela degradação da derrota.

Elevando-se sobre os grupos de pequenos indiozinhos reunidos para ver a passagem da procissão, pode-se ocasionalmente ver a cabeça aloirada de um norte-americano que, com sua câmera em punho e sua camisa esportiva, assemelha-se (e, de fato, é) um emissário de um outro mundo nesta esquina perdida do Império Inca.

LAR DOS VENCEDORES

A esplêndida antiga capital do Império Inca manteve muito de seu brilho durante séculos, por pura inércia. Novos homens aproveitavam suas riquezas, porém as riquezas eram as mesmas. Durante algum tempo, elas não foram simplesmente mantidas, mas aumentaram, graças às minas de ouro e de prata que foram abertas na região. A diferença é que Cuzco não era mais o centro do mundo, e sim apenas um ponto de sua periferia como qualquer outro; seus tesouros emigravam para novos lugares do outro lado do oceano para adornar outra corte imperial. Os índios não mais trabalhavam a terra barrenta com a mesma devoção e os conquistadores com certeza não tinham vindo para arrancar seu sustento da terra, tinham vindo para fazer fortuna fácil por meio de feitos heroicos ou de pura mesquinha. A glória de Cuzco foi desaparecendo aos poucos, foi sendo deixada de lado, perdida nas montanhas, enquanto na costa do Pacífico sua rival Lima crescia em importância, graças aos impostos cobrados pelos intermediários da riqueza que fluía para fora do Peru. Ainda que nenhum

cataclisma tenha marcado a transição, a reluzente capital inca gradualmente se tornou o que é agora, uma relíquia de dias há muito passados. Apenas recentemente os prédios mais modernos começaram a ser erguidos, perturbando a harmonia arquitetônica, mas, mesmo assim, todos os monumentos do esplendor colonial estão ainda intactos.

A catedral fica bem no centro da cidade. O exterior sem luxos, típico daquela era, a faz parecer-se mais com um forte do que com uma igreja. Na parte de dentro, o brilho reflete seu passado glorioso; os afrescos gigantescos nas paredes laterais não se comparam às riquezas contidas no santuário, mas, ainda assim, não parecem fora de lugar, e um São Cristóvão emergindo das águas me deu a impressão de ser uma peça até bastante boa. O terremoto deixou suas marcas ali também: as molduras dos quadros estão quebradas e as próprias telas, arranhadas e amassadas. Os frisos dourados e as portas para os altares laterais, também douradas e com as dobradiças rangendo, passam uma sensação estranha, como que mostrando as pústulas da idade avançada. O ouro não tem a mesma dignidade tranquila da prata, que parece adquirir um novo encanto com o passar dos anos; assim, as paredes laterais da catedral se assemelham a uma coroa exageradamente pintada. O prêmio artístico de maior monta vai para os camarotes de madeira do coro, entalhados por algum artesão índio ou mestiço. Os entalhes na madeira de cedro retratam passagens das vidas dos santos e misturam o espírito da Igreja Católica com a alma enigmática dos habitantes dos Andes. Uma das gemas preciosas de Cuzco, merecidamente presente em qualquer itinerário turístico, é o púlpito da Basílica de San Blas. É a única coisa digna de nota ali, mas com certeza merece reservar algum tempo para admirar os belos entalhes que, como os camarotes do coro da catedral, mostram a fusão de duas raças, inimigas mas, de algum modo, quase complementares. A cidade toda é uma imensa exibição: as igrejas, evidentemente, mas cada casa, cada sacada em cada rua evoca os tempos idos. Nem todas têm o mesmo mérito, é claro. Porém, enquanto escrevo, tão longe dali, a partir de notas que agora me parecem tão artificiais e sem cor, acho difícil dizer o que mais me impressionou. De toda nuvem de igrejas que visitei, me lembro especialmente da imagem melancólica da Capela de Belém. Com suas torres gêmeas tombadas de lado pelo terremoto, ela parecia um animal sem patas ao lado de um monte.

Na verdade, existem poucas obras de arte individuais que reclamam um exame mais aprofundado, não se vai a Cuzco para admirar isto ou aquilo em particular. É a cidade como um todo que exala uma calma, mas por vezes desconfortável, sensação de conhecer uma civilização há muito morta e enterrada.

CUZCO EM RESUMO

Se tudo o que há em Cuzco fosse riscado da face da Terra e uma pequena cidade sem história alguma fosse posta em seu lugar, ainda haveria algo a ser dito sobre ela. Nós geralmente misturamos todas as nossas impressões em um só coquetel. A quinzena que nós passamos na cidade ainda tinha o mesmo aspecto de “vadiagem” que foi característico de toda

nossa viagem. Nossa carta de apresentação ao Dr. Hermosa mostrou-se ao fim bastante útil, mesmo que ele não fosse o tipo de homem que necessitasse de uma apresentação formal para ajudar os outros. Para ele, bastou saber que Alberto havia trabalhado com o Dr. Fernández, um dos mais eminentes leprólogos das Américas; e Alberto soube jogar o jogo com sua habilidade usual. Nossas longas conversas com o Dr. Hermosa nos deram um quadro geral da vida no Peru e a chance de visitar o Vale dos Incas em seu carro. Ele foi muito amável conosco e também nos comprou o bilhete de trem que nos levou a Machu Picchu.

A velocidade média dos trens que partem de Cuzco é entre dez e vinte quilômetros por hora, porque eles em geral estão em estado lastimável e têm de enfrentar subidas e descidas bastante íngremes. Além disso, para conseguir sair da cidade, o trilho teve de ser construído de tal maneira que a locomotiva primeiro vai para a frente e depois volta para outro trilho que sobe um pedaço, e essa manobra é repetida diversas vezes até que se alcance o topo e o trilho inicie uma descida ao lado de um riacho que deságua no Vilcanota. No vagão nós conhecemos dois charlatães chilenos que estavam vendendo ervas e lendo a sorte. Eles foram bastante amigáveis e dividiram a comida que tinham em troca do mate que nós oferecemos. Quando chegamos às ruínas, passamos por um grupo jogando futebol e fomos convidados a participar. Depois de umas boas defesas, admiti com toda a humildade que havia jogado em um time da primeira divisão em Buenos Aires com Alberto, que demonstrava suas habilidades no centro do pequeno campo, que os locais chamavam de pampa. Nossa relativamente estupenda habilidade nos garantiu a simpatia do dono da bola, que era também o gerente do hotel e nos convidou a passar dois dias hospedados com ele, até que o próximo carregamento de americanos chegasse em seu trem fretado. Além de ser uma pessoa extremamente agradável, o sr. Soto era também bastante culto e, depois de esgotarmos a discussão sobre esportes, seu assunto predileto, ele passou a nos contar muitas coisas sobre a cultura inca.

Ficamos bastante tristes quando chegou o momento de partir. Tomamos um último e delicioso café preparado pela sra. Soto antes de embarcar em um pequeno trem que demoraria doze horas até nos levar de volta a Cuzco. Era um trem de terceira classe, usado pelos índios locais – igual aos que são usados para transportar gado na Argentina, com exceção de que o cheiro do estrume de vaca é muito mais agradável do que o equivalente humano. A noção um tanto quanto primitiva que os índios têm de higiene pode ser resumida no fato de que, independentemente do sexo ou da idade, eles fazem suas necessidades pelo caminho, as mulheres limpando-se em suas saias e os homens, nem isso, e continuam como se nada tivesse acontecido. As anáguas das índias com filhos são verdadeiros depósitos de excremento, já que elas passam o pano na bunda das crianças toda vez que estas se agacham. Os turistas que viajam nos trens mais confortáveis só conseguem ter uma ideia muitíssimo vaga de como os índios vivem, que colhem rapidamente, ao passar com seu trem zunindo pelo nosso, parado para lhes dar passagem. O fato de que tenha sido o arqueólogo norte-americano Bingham quem descobriu as ruínas de Machu Picchu e que ele tenha publicado seus achados em artigos com uma linguagem acessível ao grande público fez com que o lugar se tornasse muito famoso nos Estados Unidos, e a maioria dos norte-americanos que visitam o Peru vem até aqui (normalmente, voam diretamente para Lima, passam por Cuzco, visitam as ruínas e vão

correndo de volta para casa, sem se importar em ver mais nada).

O Museu Arqueológico de Cuzco não é muito bom. Quando as autoridades perceberam o tamanho do tesouro que estava sendo contrabandeado para fora do país, já era tarde demais. Caçadores de tesouros, turistas, arqueólogos estrangeiros e, na verdade, qualquer pessoa com algum interesse mínimo no assunto já saquearam sistematicamente a área e o que está no museu local hoje são as sobras, pouco mais do que resíduos do que havia antes. Ainda assim, para pessoas como nós, que não sabíamos nada sobre arqueologia e tínhamos apenas uma vaga noção do que foi a civilização inca, com nossa imersão recente, o museu tinha até bastante coisa para ver, e nós passamos alguns dias nele. O curador era um mestiço muito culto, com um interesse apaixonado pela raça cujo sangue lhe corria nas veias. Ele nos falou das glórias passadas e da pobreza atual, da necessidade premente de educar os índios como um primeiro passo na direção de sua reabilitação completa. Insistiu que a melhora o mais rapidamente possível do nível de vida das famílias indígenas era a única maneira de mitigar o efeito soporífico da coca e do álcool, e nos falou sobre a ideia de espalhar conhecimento real sobre a nação quíchua para que as pessoas dessa raça pudessem sentir-se orgulhosas de seu passado, em vez de, ao olhar para o seu presente, sentirem vergonha de suas condições como índios ou mestiços. O problema da coca estava sendo debatido nas Nações Unidas na época, e nós contamos a ele nossa experiência infeliz com a folha. Ele disse que o mesmo tinha ocorrido com ele, e começou a xingar os que fazem lucro fácil envenenando um número enorme de pessoas. Juntos, os *collas* e os quíchuas formam o maior grupo étnico no Peru, e são eles que consomem a coca. As feições meio índias do curador e seus olhos brilhando de entusiasmo e fé no futuro eram mais dois dos tesouros do museu. O seu “museu” era um museu vivo, prova de uma raça que ainda luta por sua própria identidade.

HUAMBO

Sem mais portas nas quais pudéssemos bater, decidimos seguir os conselhos de Gardel e nos voltamos para o norte²⁶. Fomos forçados a parar em Abancay, porque era dali que saíam os caminhões que iam para Huancarama, a cidade vizinha à colônia de leprosos de Huambo. Nosso método para conseguir alojamento para dormir (Guarda Civil ou hospitais) não mudou, assim como não mudou também nosso método para conseguir uma carona, exceto pelo fato de que tivemos de esperar dois dias para conseguir uma, porque estávamos na Semana Santa e havia poucos caminhões a serviço. Passamos esses dias errando pela cidade, sem encontrar nada interessante o suficiente para desviar nossas mentes da fome, já que a comida do hospital era muito pouca para nós. Deitados em um gramado ao lado de um córrego, estávamos observando as cores do céu mudarem ao se aproximar a noite, sonhando com amores passados, ou enxergando em cada nuvem uma versão mais tentadora de um prato de comida.

Quando voltávamos para a delegacia de polícia para dormir, resolvemos pegar um atalho e nos perdemos completamente. Depois de passar por campos e muros, acabamos por parar no

pátio de uma casa. Estávamos escalando um muro de pedra quando vimos os vultos de um cachorro e seu dono contra a luz da lua cheia. O que não percebemos é que nós, escondidos pela penumbra, devíamos estar parecendo muito mais aterrorizantes. Bom, de todo modo, a resposta ao meu “boa-noite” educado foi uma sequência de sons ininteligíveis, no meio do que eu pensei ter ouvido a palavra “Viracocha!”²⁷, antes que o homem e o cachorro fugissem para dentro da casa, ignorando nossas saudações e desculpas. Nós saímos calmamente pelo portão principal e alcançamos um caminho que pareceu mais familiar.

Em um momento de tédio, fomos à igreja local assistir a uma cerimônia. O pobre padre estava tentando produzir um sermão de três horas, mas – apenas noventa minutos depois de começar – já tinha esgotado todas as superficialidades possíveis. Olhou então para sua congregação com olhos suplicantes e apontou para algum ponto da igreja com a mão trêmula. “Vejam, vejam, o Senhor veio, o Senhor está conosco, Seu espírito nos guia.” Depois de um momento de pausa, o padre começou a despejar mais um monte de baboseiras e, sempre que parecia que sua fala ia empacar de novo, ele, dramaticamente, lançava alguma frase parecida. Após a quinta ou sexta vez que o pobre Cristo foi anunciado, nós saímos de lá correndo com um sorriso amarelo no rosto.

Eu não sei bem o que provocou o ataque de asma (se bem que, com certeza, um dos fiéis sabe), mas o fato é que quando chegamos a Huancarama eu mal conseguia ficar de pé. Como não tinha uma dose de adrenalina comigo, minha asma ficava pior a cada momento. Enrolado em um cobertor da polícia, eu ficava olhando a chuva e fumando um cigarro atrás do outro, já que o tabaco escuro ajudava a aliviar minha fadiga. Só fui conseguir dormir com o dia já amanhecendo, encostado em uma das pilastras da varanda. Pela manhã, eu estava um pouco melhor e, depois de tomar uma dose de adrenalina que Alberto encontrou e uma boa quantidade de aspirinas, eu fiquei novo em folha outra vez.

Nós nos apresentamos para o governador-tenente, uma espécie de prefeito da vila, e pedimos dois cavalos para nos levar até a colônia de leprosos. Ele nos deu boasvindas calorosas e prometeu deixar os cavalos prontos para nós na delegacia de polícia em cinco minutos. Enquanto esperávamos, vimos um grupo de rapazes com traços rudes sendo colocado em forma pelas ordens berradas de um soldado que havia sido extremamente gentil conosco no dia anterior. Quando nos viu, ele veio falar conosco com todo o respeito, e depois continuou a latir instruções para todo tipo de exercícios que os recrutas sob seu comando tinham de cumprir. No Peru, apenas um de cada cinco jovens na idade devida presta, de fato, o serviço militar, mas o restante está obrigado a fazer um monte de exercícios todos os domingos, e estas eram as vítimas daquele turno. A bem da verdade, todos ali eram vítimas: os conscritos tinham de aguentar o instrutor raivoso e este tinha de aguentar a letargia de seus pupilos. Sem entender direito espanhol ou o porque de terem de se virar para um lado e para o outro e marchar e parar só porque o oficial mandou, eles faziam tudo com uma má vontade suficiente para fazer qualquer um perder a paciência.

Os cavalos chegaram e o soldado nos arranjou um guia que falava apenas quíchua. Partimos por uma trilha nas montanhas que para qualquer outro cavalo teria sido impossível subir, liderados pelo guia, que andava a pé e segurava nossas rédeas nas partes mais difíceis.

Tínhamos andado mais ou menos dois terços do caminho quando uma mulher apareceu com um garoto. Eles tomaram nossas rédeas nas mãos e começaram a falar alucinadamente, e eu só pude entender uma palavra que parecia vagamente “cavalo”. A princípio achamos que eles estavam vendendo cestas de vime, porque a mulher carregava várias delas. “Eu não querer comprar, eu não querer”, eu lhe dizia; eu continuaria tranquilamente se Alberto não me recordasse que nós estávamos falando com um quíchua, e não com algum parente distante de Tarzan ou de macacos. Finalmente, encontramos um homem que vinha na direção contrária e que falava espanhol. Ele nos explicou que aqueles índios eram os donos dos cavalos que nós estávamos usando; estavam passando com eles na frente da casa do governador-tenente quando ele exigiu que entregassem os cavalos para poder nos dar. Meu cavalo, na verdade, pertencia a um dos conscritos, que tinha andado sete léguas para cumprir com suas obrigações militares, e a pobre mulher vivia na direção oposta à que nós estávamos tomando. O que mais poderíamos fazer a não ser entregar--lhes os cavalos e seguir a pé? O guia seguiu então à nossa frente, carregando nossas coisas. Assim, caminhamos a última légua e chegamos à colônia de leprosos, onde demos um sol a nosso guia, pelo que ele nos agradeceu profusamente, ainda que fosse apenas uma miséria.

Fomos recebidos pelo chefe da clínica, o sr. Montejo. Ele disse que não podia nos acolher, mas que iria nos encaminhar para uma casa vizinha, onde morava um proprietário de terras, o que acabou fazendo. O dono da casa nos deu um quarto com duas camas e comida, tudo o que precisávamos. Na manhã seguinte, fomos visitar os pacientes no pequeno hospital. As pessoas que o administram fazem um trabalho digno de louvor, apesar de ser pouco reconhecido. O hospital está em condição calamitosa; trinta e um pacientes sem esperanças passam suas vidas em uma área menor do que cinquenta metros quadrados, dois terços da qual reservados para os doentes. Eles esperam pela morte com indiferença (pelo menos, eu acho que é assim). As condições sanitárias são terríveis e, ainda que isso não incomode muito os índios das montanhas, pessoas vindas de outros lugares, mesmo as que são apenas um pouco mais bem-educadas, com certeza ficarão extremamente desgostosas com o quadro. A ideia de ter de passar o resto de sua vida entre essas quatro paredes de pau-a-pique, cercado por pessoas que falam outra língua e por quatro enfermeiros que só aparecem poucas vezes por dia, pode causar um colapso mental.

Entramos em uma sala com teto de palha e chão de terra batida. Uma garota de pele clara estava lendo *O Primo Basílio*, de Eça de Queiroz. Enquanto conversávamos, a garota começou a chorar compulsivamente, dizendo-nos que a vida era um calvário. A pobre menina vinha da área da Floresta Amazônica e, quando chegou a Cuzco, teve a doença diagnosticada. Alguém lhe disse então que ela seria mandada a um lugar muito melhor para curar-se. Mesmo que o hospital em Cuzco não fosse, de jeito algum, excelente, tinha uma dose mínima de conforto. Eu acho que a palavra que essa garota usou para descrever seu caso, “calvário”, estava absolutamente correta. A única coisa digna no hospital era o tratamento médico, o resto só poderia ser aceito pela natureza resignada e fatalística dos índios das montanhas peruanas. A ignorância da gente local só tornava as coisas piores, tanto para os pacientes quanto para a equipe de médicos. Um dos enfermeiros nos contou que o cirurgião da clínica tinha de

executar uma operação arriscada demais para ser feita em uma mesa de cozinha e sem equipamento adequado. Quando ele pediu para fazer a operação em um hospital vizinho, na cidade de Andahuaylas, até mesmo no necrotério, se fosse preciso, a resposta foi negativa. Assim, a paciente não teve tratamento algum e morreu.

O sr. Montejo nos contou que, quando a colônia foi criada, graças aos esforços do eminente leprologista Dr. Pesce, ele próprio foi o responsável por organizar o início dos serviços. Quando chegou a Huancarama, nenhum dos hotéis queria arranjar-lhe um quarto para passar a noite, os poucos amigos que tinha na cidade recusaram-se a lhe dar acomodação e, como estava chovendo, ele foi forçado a passar a noite em um chiqueiro. A paciente que eu mencionei antes teve de andar para chegar à colônia, porque ninguém queria emprestar um cavalo a ela e à sua companhia, e isso aconteceu muitos anos após a fundação da colônia.

Depois de receber uma recepção calorosa, fomos levados para ver um novo hospital que estava sendo construído a alguns quilômetros do antigo. Os olhos dos enfermeiros brilhavam de orgulho quando nos perguntaram o que achávamos da obra, como se tivessem participado da construção tijolo a tijolo, com suas próprias mãos, e, por isso, nós achamos que não seria muito educado fazer críticas. Mas a nova colônia tem as mesmas desvantagens da antiga: não há laboratório nem instalações cirúrgicas e, para piorar as coisas, fica em uma área infestada de mosquitos, o que é uma verdadeira tortura para uma pessoa forçada a ficar ali o tempo todo. É claro, existe espaço para acomodar 250 pacientes, um médico residente e condições sanitárias melhores, mas ainda há muito o que melhorar.

Depois de dois dias na região, minha asma começou a piorar. Então, nós decidimos sair de lá e conseguir tratamento adequado.

Com cavalos providenciados pelo dono do rancho que nos alojou, partimos de volta em direção à cidade, ainda com o mesmo guia quíchua lacônico, que, o proprietário insistiu, acabou carregando nossas bagagens. Para as pessoas ricas desta área, é perfeitamente natural que um serviçal carregue o que é pesado e aguente o desconforto, mesmo que ele esteja a pé e nós, montados. Esperamos até desaparecermos em uma curva, e tomamos nossas bagagens do guia, mas não havia nenhum sinal em seu rosto enigmático que indicasse se ele apreciou nosso gesto ou não.

De volta a Huancarama, ficamos mais uma vez no posto da Guarda Civil, até encontrarmos um caminhão que fosse mais para o norte. E, para nossa sorte, isso foi logo no dia seguinte. Depois de uma viagem exaustiva, chegamos à cidade de Andahuaylas, onde eu segui para o hospital para me recuperar.

AINDA EM DIREÇÃO AO NORTE

Depois de dois dias no hospital e estando ao menos parcialmente recuperado, nós apelamos mais uma vez à caridade de nossos grandes amigos da Guarda Civil, que nos acolheram com sua tradicional boa vontade. Tínhamos tão pouco dinheiro que mal nos arriscávamos a comer, mas não queríamos conseguir trabalho algum até chegar a Lima. Isso porque tínhamos muito mais chances de sermos mais bem pagos lá, e poderíamos economizar um pouco para continuar nossa jornada, já que ainda não se mencionava nem mesmo a ideia de retornar.

A primeira noite de espera foi muito agradável. O tenente de serviço, um camarada bastante obsequioso, nos convidou para jantar com ele e nós pudemos economizar para o que viesse pela frente. Os dois dias seguintes, entretanto, foram marcados tão-somente pela fome, agora nossa companheira constante, e pelo tédio; não podíamos nos afastar muito do posto, já que era ali que os motoristas dos caminhões tinham que passar para ter a documentação checada, antes de prosseguir suas viagens.

Ao fim do terceiro dia, nosso quinto em Andahuaylas, finalmente encontramos um caminhão que ia para Ayacucho. Na hora exata, a bem da verdade, porque Alberto havia discutido com um dos guardas quando o viu insultando uma índia que tinha vindo trazer comida para seu marido preso. A reação dele deve ter parecido muito estranha para gente que considera os índios como objetos, aos quais se permite viver e nada mais, e, com isso, perdemos a hospitalidade que havíamos recebido até aquele dia.

Ao anoitecer deixamos a cidade da qual as circunstâncias haviam nos mantido prisioneiros por tantos dias. O caminhão teve de subir muito para cruzar as montanhas que bloqueiam o acesso norte de Andahuaylas, e a temperatura caía a cada minuto. Para piorar as coisas, um daqueles temporais violentos, típicos dessa parte do mundo, nos ensopava, e não tínhamos defesa alguma contra ele. Estávamos presos na carroceria de um caminhão que levava dez bois para Lima, dos quais devíamos tomar conta, ao lado de um rapaz índio que agia como se fosse assistente do motorista. Passamos a noite em uma vila chamada Chincheros. Estávamos com tanto frio que esquecemos que éramos párias sem nenhum tostão e comemos uma refeição modesta em uma hospedaria. Pedimos para dividir uma cama entre os dois, tudo bem acompanhado, é desnecessário dizer, por lágrimas e relatos de infortúnios que, por fim, tiveram algum efeito sobre o dono do lugar: ele nos deixou ficar por cinco soles.

No dia seguinte, continuamos nosso caminho, passando através de ravinas profundas e do que eles chamam de “pampas”, os planaltos no topo das cadeias de montanhas em todo o Peru; não existem planícies em toda a topografia irregular do país, exceto pelas áreas de floresta da Amazônia. Nosso trabalho ficou mais e mais difícil com o passar do tempo, pois a camada de serragem onde os bois estavam pisando desapareceu e, cansados de ficar parados na mesma posição por horas, absorvendo todos os solavancos do caminhão, eles começaram a cair uns sobre os outros. E nós tínhamos de recolocá-los em pé porque, se um deles fosse pisoteado por outro, poderia morrer.

Em determinada hora, Alberto pensou que o chifre de um animal estava ferindo o olho de outro e foi avisar o índio assistente do motorista. Encolhendo os ombros de uma maneira que expressava todo o espírito de sua raça, ele disse: “Para que se preocupar? Tudo o que ele vai ver na vida é merda”, e calmamente voltou a amarrar um nó, exatamente como estava fazendo antes de ser interrompido.

Por fim, chegamos a Ayacucho, famosa na história das Américas por conta da batalha decisiva que Bolívar venceu nas planícies próximas à cidade. A iluminação pública inadequada que atormenta todas as cidades das montanhas peruanas parecia ser a pior possível ali; as luzes elétricas deixavam escapar apenas um fragilíssimo brilho laranja durante a noite. Um senhor cujo hobby era acolher amigos estrangeiros nos convidou a dormir em sua casa e nos arranhou uma carona em um caminhão que seguia para o norte no dia seguinte. Assim, nós só conseguimos visitar uma ou duas das trinta e três igrejas das quais a cidade se vangloria. Demos adeus a nosso novo amigo e seguimos para Lima.

ATRAVÉS DO PERU CENTRAL

Nossa jornada continuou parecida, comendo às vezes apenas quando alguma alma caridosa tivesse piedade de nossa pobreza. Mesmo assim, nunca comíamos muito, e as coisas ficaram ainda piores quando, naquela noite, nós fomos avisados de que havia um deslizamento de terra mais adiante na estrada e tivemos de passar a noite em uma pequena vila chamada Anco. Saímos de lá cedo em nosso caminhão, porém, não muito depois, chegamos ao local onde estava o deslizamento e passamos o dia ali, famintos mas curiosos, observando os operários dinamitarem as rochas gigantescas que haviam obstruído a estrada. Para cada trabalhador havia pelo menos cinco chefes de obra officiosos, berrando e atrapalhando as ordens dos verdadeiros encarregados, que tampouco formavam um grupo muito aplicado.

Tentamos esquecer nossa fome nadando no rio, mas a água estava muito gelada para ficar dentro dela, e pode-se dizer que nenhum de nós dois aguenta o frio muito bem. No final, depois de outra de nossas histórias tristes, um homem nos deu algumas espigas de milho e outro, o coração de um boi e algumas vísceras. Uma senhora nos emprestou uma panela, mas, quando íamos cozinhar nossa refeição, os operários conseguiram limpar a pista e os caminhões começaram a se mover. A senhora então pediu a panela de volta e nós tivemos de comer as espigas cruas e guardar a carne para outra ocasião. Para aumentar ainda mais nossa miséria, um toró horroroso transformou a estrada em uma perigosa banheira de lama e a noite já se aproximava. Os veículos que vinham na outra direção, do outro lado da avalanche, passaram primeiro, porque só havia espaço para um caminhão; depois foi a vez do nosso lado. Estávamos quase no começo da longa fila, mas a peça estabilizadora do primeiro caminhão quebrou quando o trator que estava ajudando na manobra puxou um pouco forte demais, e nós ficamos presos novamente. No entanto, um jipe com um guincho na frente apareceu vindo de cima do morro e puxou o tal caminhão para o lado da estrada, e nós pudemos passar. Nosso

caminhão seguiu viagem noite adentro e, como de costume, atravessamos vales até bastante abrigados e aqueles congelantes pampas peruanos, onde o vento gelado penetrava cortante através de nossas roupas encharcadas. Alberto e eu ficamos abraçados, com os dentes batendo, fazendo turnos para esticar as pernas, para evitar as câibras. Naquele momento, nossa fome causou um incômodo estranho que não se resumia a uma parte em particular de nossos corpos, mas que se espalhava, nos tornando irritadiços e de mau humor.

Quando chegamos a Huancayo, ao nascer do sol, tivemos de andar cerca de quinze quarteirões para ir de onde o caminhão nos deixou até o posto da Guarda Civil, nossa hospedaria habitual. Compramos pão, fizemos mate e estávamos nos preparando para tirar os famosos coração e vísceras de dentro da mochila, mas nem mesmo tínhamos acendido o fogo quando um caminhão ofereceu-nos uma carona até Oxapampa. Nosso interesse no lugar vinha do fato de que a mãe de um amigo nosso da Argentina vivia ali, ou pelo menos nós pensávamos que ela vivia. Esperávamos que ela pudesse aliviar nossa fome por alguns dias e, talvez, nos oferecer um sol ou dois antes de partirmos. Assim, fomos embora de Huancayo sem nem mesmo conhecer a cidade, levados pelos gritos de nossos estômagos vazios.

A primeira parte da viagem, passando por diversas vilas, foi tranquila, mas, às seis da tarde, começamos a descer uma ladeira muito perigosa, em uma estrada na qual mal cabia um veículo por vez. O tráfego normalmente era restrito a uma única direção a cada dia, mas aquele dia em particular era, por uma razão ou outra, uma exceção. Os caminhões passando um pelo outro, aquela gritaria toda, manobras e rodas traseiras quase penduradas na boca de precipícios que pareciam não ter fundo... a situação não era exatamente reconfortante. Alberto e eu ficamos encolhidos, um em cada canto do caminhão, prontos para saltar se fosse necessário, mas os índios que viajavam conosco não se moveram mais do que dois centímetros. Nossos medos eram bem justificáveis, no entanto, pois um bom número de cruzeiras brancas se enfileiravam neste trecho da montanha, marcando os feitos de colegas menos afortunados dentre os motoristas. E cada caminhão que caía levava consigo seu terrível carregamento humano cerca de duzentos metros para baixo no abismo, onde um rio de correntezas colocava fim a quaisquer chances mínimas de sobrevivência. De acordo com os nativos, todos os que caíram da beirada morreram, e nem uma única alma sobreviveu, ferida, para contar a história.

Por sorte, desta vez nada de desagradável aconteceu, e nós chegamos a uma vila chamada La Merced por volta das dez da noite. A vila, situada em uma área tropical mais baixa, se parecia a uma típica vila na selva. Outra alma caridosa nos ofereceu uma cama e uma refeição robusta. A comida, por sinal, foi incluída no último momento, quando nosso anfitrião veio ver se estávamos confortáveis e nós não tivemos tempo de esconder as cascas de algumas laranjas que tínhamos colhido para aplacar nosso sofrimento famélico.

No posto da Guarda Civil, nós não ficamos nada felizes ao descobrir que os caminhões não tinham de passar por ali para serem registrados. Isso dificultava nossas abordagens por caronas. Mas, enquanto estávamos lá, ouvimos duas pessoas dando parte de um assassinato; uma delas era o filho da vítima, e a outra, um mulato um tanto quanto incongruente, que dizia ser um amigo íntimo do homem morto. O caso todo tinha acontecido misteriosamente uns dias

antes, e o principal suspeito era um índio, cuja foto os dois homens tinham trazido. O sargento nos mostrou a fotografia, dizendo: “Vejam, senhores, o clássico exemplo de um assassino”. Nós concordamos entusiasmados, mas, quando saímos do posto, eu perguntei a Alberto quem ele achava que tinha sido o assassino. Ele pensava igual a mim, que o mulato parecia ser mais culpado do que o tal índio.

Durante as longas horas de espera por nossa carona, fizemos amizade com um rapaz que disse poder arranjar tudo de graça para nós. Ele de fato falou com um motorista de um caminhão, que concordou em nos levar. Mas, quando subimos a bordo, descobrimos que o homem tinha simplesmente convencido o motorista a aceitar que nós pagássemos cinco soles a menos do que os vinte que cobrava normalmente. Quando nós insistimos que estávamos completamente duros, sem dinheiro, o que era muito próximo da verdade, ele prometeu pagar a nossa parte.

Ele cumpriu a palavra e, quando chegamos, nos levou para dormir na sua casa, como parte da barganha. Ainda que fosse mais larga do que a anterior, a estrada era bastante estreita, mas passava por paisagens bem bonitas, através de florestas ou plantações de frutas tropicais: bananas, papaias e algumas outras. Seguimos subindo e descendo o tempo todo até chegarmos a Oxapampa, que fica a mil metros acima do nível do mar. Chegamos então a nosso destino e ao fim da estrada.

No caminhão em que viajamos, estava também o tal mulato que havia informado o assassinato no posto policial. Em uma das paradas, ele nos comprou comida e nos deu uma aula sobre café, papaia e escravos negros no Peru. Contou-nos que seu avô tinha sido escravo. Disse isso abertamente, mas ficou claro que ele se envergonhava do fato. Em todo caso, Alberto e eu concordamos em exonerá-lo de qualquer culpa pelo assassinato de seu amigo.

NOSSAS ESPERANÇAS SÃO FRUSTRADAS

Para nosso desgosto, descobrimos na manhã seguinte que nosso amigo de Buenos Aires tinha nos dado uma informação errada, e sua mãe não morava mais em Oxapampa já há algum tempo. No entanto, um cunhado seu vivia lá ainda, e teve de herdar o peso morto, nós. A recepção foi magnífica e nós engolimos uma refeição deliciosa, mas logo percebemos que éramos bem-vindos somente por conta da tradicional hospitalidade peruana. Decidimos ignorar tudo o que não fosse uma ordem de despejo direta, porque estávamos absolutamente sem dinheiro e com um legado de diversos dias de jejum, e só iríamos conseguir o que comer na casa desse nosso relutante amigo.

Tivemos um dia maravilhoso; nadamos no rio, hospedados de graça, boa comida em boas quantidades, um café delicioso. Mas tudo o que é bom um dia acaba e, na noite do segundo dia, o engenheiro – sim, por que nosso “anfitrião” era engenheiro – apareceu com uma solução que era não apenas efetiva, como barata; um inspetor rodoviário amigo seu tinha se oferecido a nos dar uma carona até Lima. Adoramos a ideia, uma vez que o panorama parecia um tanto

desanimador por lá e nós queríamos chegar à capital para tentar nossa sorte; assim, caímos na cilada, com isca, anzol e linha.

Naquela mesma noite subimos na parte traseira de um carro tipo picape que, após um aguaceiro que nos deixou encharcados, chegou às duas da manhã em San Ramón, menos da metade do caminho até Lima. O motorista nos disse que tinha de trocar de carro e deixou seu assistente conosco, para despistar quaisquer suspeitas. Dez minutos depois, ele também desapareceu para comprar cigarros, e este par de espertalhões argentinos amanheceu às cinco da manhã percebendo amargamente que tinha sido enganado o tempo todo. Eu só espero que o tal motorista receba o troco qualquer dia... (eu tive um estranho pressentimento a respeito daquela história toda, mas o cara parecia tão legal que nós acabamos acreditando em tudo... até mesmo na inacreditável troca de carro). Logo antes de o sol nascer, cruzamos com uma dupla de bebedores, e decidimos nosso brilhante plano “aniversário”. Consiste no seguinte:

1 – Um de nós fala qualquer coisa em voz alta que nos identifique imediatamente como argentinos, alguma coisa com um *che* no meio ou outras expressões e pronúncias típicas. A vítima então pergunta de onde nós somos, e nós começamos a conversar.

2 – Passamos a relatar nossas aventuras sem fazer muito alarde a respeito, o tempo todo com o olhar perdido no horizonte.

3 – Aí então, eu entro e pergunto qual é a data do dia. Alguém responde e Alberto suspira e diz: “Que coincidência. Faz exatamente um ano”. A vítima pergunta o que aconteceu há um ano, e nós respondemos que faz exatamente um ano que nós começamos nossa viagem.

4 – Então Alberto, que é muito mais cara-de-pau do que eu, solta um tremendo suspiro e fala: “Que pena que nós estejamos tão sem dinheiro, não vamos poder celebrar” (fala isso meio de lado para mim). A vítima imediatamente oferece-se para pagar, nós fingimos recusar por alguns instantes, dizendo que não teríamos como pagá-lo de volta etc., mas por fim aceitamos.

5 – Após o primeiro copo, eu me recuso totalmente a continuar bebendo, e Alberto começa a rir de mim. Nosso anfitrião se irrita e insiste, eu continuo a recusar, mas não digo o porquê. A vítima continua a indagar, até que eu confesso, um tanto quanto envergonhado, que na Argentina não existe o costume de beber sem comer.

Quanto nós conseguimos utilizando esse plano depende de cada momento, mas a técnica nunca falha.

Tentamos outra vez em San Ramón e, como de costume, ajudamos a engolir uma quantidade estúpida de bebida com algo mais sólido. Durante toda a manhã ficamos deitados à margem do rio, em um lugar adorável, mas nossa percepção estética estava um pouco embaçada por visões aterrorizantes de comidas deliciosas, de todo tipo. Próximo dali, as tentadoras formas arredondadas de algumas laranjas se mostravam atrás de uma cerca. Nosso banquete foi bárbaro, porém triste, já que em um minuto nossos estômagos estavam cheios e ácidos e, no seguinte, começamos a sentir as dores daquela fome atormentadora outra vez.

Estávamos tão famintos que decidimos esquecer quaisquer resquícios de vergonha e nos dirigimos ao hospital local. Desta feita, Alberto ficou estranhamente embaraçado e fui eu quem teve de entoar o diplomático discurso a seguir:

“Doutor”, encontramos um no hospital, “eu sou um estudante de medicina, meu amigo aqui é um bioquímico. Nós dois somos argentinos e estamos com fome. Queremos comer.” O pobre médico ficou tão surpreso com o ataque frontal que não teve saída a não ser comprar-nos uma refeição no restaurante em que geralmente come. Fomos audazes.

Sem mesmo agradecer ao médico, porque Alberto teve vergonha, fomos tentar encontrar outro caminhão, o que por fim conseguimos. Estávamos agora a caminho de Lima, instalados confortavelmente na cabine do motorista. Ele nos comprou café algumas vezes.

Estávamos escalando a estrada estreita que tinha nos aterrorizado tanto na vinda, e o motorista nos contava alegremente as histórias de cada cruz que passava ao lado da pista quando, de repente, ele caiu dentro de um buraco enorme no meio da estrada, um buraco que até um cego teria visto. Começamos a achar que ele não sabia nada de volante, mas a simples lógica nos dizia que isso não podia ser verdade, porque, nesta estrada, qualquer um que não fosse um motorista experiente já teria caído na ribanceira há muito tempo. Com tato e paciência, Alberto conseguiu arrancar a verdade dele aos poucos. O homem tinha sofrido um acidente que havia afetado sua visão, e por isso ele caía sempre em buracos. Tentamos fazê-lo perceber quanto aquilo era perigoso, não só para ele, mas também para as pessoas que viajavam com ele. Mas o motorista foi enfático: aquele era o seu trabalho, ele era muito bem pago por um chefe que nunca perguntava *como* ele chegava ao destino, mas apenas *se* ele chegava lá. Além disso, sua carteira de motorista tinha lhe custado muito dinheiro por conta do suborno gigantesco que ele teve de pagar para consegui-la.

O dono do caminhão subiu a bordo um pouco mais à frente. Ele não via problema em nos levar até Lima, mas eu, que estava mais acima na cabine, tive de me esconder quando passamos pelos postos policiais do caminho, porque eles não tinham permissão para transportar passageiros em veículos tão bons quanto aquele. O dono do caminhão era um bom sujeito também, e nos comprou comida durante todo o trajeto até Lima. Antes de terminar a viagem, passamos por La Oroya, uma cidade mineira que tivemos vontade de visitar. La Oroya fica a cerca de quatro mil metros acima do nível do mar, e pode-se perceber quão difícil é a vida nas minas apenas olhando para o lugar. Chaminés altas arrotavam uma fumaça preta que cobria tudo de ferrugem. Os rostos dos mineiros nas ruas também estavam impregnados com aquela tristeza sem idade da fumaça que tudo cobre com o mesmo cinza monótono, o acompanhamento perfeito para aqueles dias cinzentos nas montanhas. Ainda durante o dia, passamos pelo ponto mais alto da estrada, 4.853 metros acima do nível do mar. Fazia um frio intenso, mesmo de dia. Enrolado em meu cobertor, eu olhava para a paisagem que passava por todos os lados, recitando todo tipo de versos, ninado pelo rugido do motor do caminhão.

Naquela noite nós dormimos bem próximos à cidade, e no dia seguinte chegamos a Lima.

A CIDADE DOS VICE-REIS

Havíamos chegado ao final de uma das mais importantes etapas de nossa viagem. Não tínhamos um centavo sequer, as chances de conseguir dinheiro a curto prazo eram praticamente nulas, mas estávamos felizes.

Lima é uma cidade atraente que já enterrou há muito seu passado colonial (pelo menos em comparação a Cuzco) sob novos edifícios. Sua reputação como uma cidade bonita não é, entretanto, justificada, apesar dos belos bairros residenciais, das largas avenidas e dos lugares extremamente prazerosos ao longo da costa. Vias expressas levam os habitantes desde Lima até o porto de Callao em poucos minutos. O porto não tem nada de especial (todos os portos parecem ter sido construídos na mesma linha de montagem), exceto pelo forte, cenário de muitas batalhas. Parados ao lado das muralhas gigantescas, relembramos as façanhas incríveis de Lord Cochrane, que, comandando os marinheiros sul-americanos, atacou e tomou este bastião de resistência em um dos mais gloriosos episódios da história da libertação da América do Sul.

A parte mais notável de Lima é o centro da cidade, ao redor da magnífica catedral, tão diferente da massa monolítica de Cuzco, onde os conquistadores celebravam cruelmente sua própria grandeza. Em Lima, ao contrário, a arte é mais estilizada, eu diria quase efeminada: as torres são altas e delgadas, talvez as mais delgadas de todas as catedrais construídas nas colônias espanholas. Esta obra suntuosa não é entalhada em madeira, como em Cuzco, mas trabalhada em ouro. As naves são leves e altas, em comparação com as cavernas escuras e hostis da capital inca. Os afrescos também são leves, quase alegres, executados por escolas posteriores aos mestiços herméticos que pintaram seus santos em tons escuros, acorrentados pela raiva. A fachada da igreja e seus altares demonstram o alcance completo da arte churrigueresca, com seu amor pelo ouro. Foi exatamente por causa desta vasta opulência que a aristocracia local resistiu às armas americanas até o último momento. Lima é o exemplo acabado de um Peru que nunca emergiu de seu estado feudal e colonial. Ainda aguarda o sangue de uma revolução verdadeiramente libertadora.

Mas o lugar desta cidade aristocrática que nós mais apreciamos, e para onde sempre íamos reavivar nossas impressões de Machu Picchu, foi o Museu Arqueológico e Antropológico. Criado por um acadêmico de puro sangue índio, Don Julio Tello, o museu contém coleções extraordinariamente valiosas, que refletem culturas inteiras.

Não se parece tanto assim a Córdoba, mas tem a mesma aparência de uma cidade colonial, ou antes, provincial. Fomos ao consulado argentino receber nossa correspondência e, depois de ler nossas cartas, tentamos nossa sorte ao sermos apresentados a um escrivão do Ministério das Relações Exteriores, que, desnecessário dizer, não nos deu atenção alguma. Depois disso, fomos de uma delegacia de polícia para outra – em uma delas ganhamos até mesmo um prato de arroz – e, à tarde, fomos encontrar o Dr. Hugo Pesce, o especialista em leprologia, que foi incrivelmente amigável para alguém tão famoso. Ele nos arranhou alojamento em um hospital de leprosos e nos convidou para jantar naquela noite. Ele se mostrou uma pessoa fascinante com quem conversar. Saímos da casa dele bastante tarde.

No dia seguinte, acordamos tarde também, e fomos tomar café da manhã, mas não havia ninguém para nos oferecer comida. Decidimos então dar um passeio até Callao, para visitar o

porto. Foi cansativo, porque, como era Primeiro de Maio, não havia transporte público, e tivemos de andar todos os 14 quilômetros a pé. Não há nada de especial para se ver em Callao. Não havia nem mesmo um barco argentino. Cada vez mais ousados, conseguimos um pouco de comida em um quartel e depois subimos de volta para Lima, onde jantamos outra vez na casa do Dr. Pesce. Ele nos contou histórias sobre os diferentes tipos de lepra.

Na manhã seguinte, fomos ao Museu Arqueológico e Antropológico. É um lugar magnífico, mas nós não tivemos tempo para ver tudo o que havia ali. À tarde, fizemos uma visita guiada ao hospital de leprosos²⁸ com o Dr. Molina, que, além de leprólogo, aparentemente também é um excelente cirurgião de tórax. Depois, corremos para o jantar na casa do Dr. Pesce mais uma vez.

Toda a manhã de sábado foi desperdiçada no centro da cidade, tentando trocar cinquenta coroas suecas; conseguimos depois de muito esforço. Passamos a tarde no laboratório, sobre o qual nem vale a pena comentar; a bem da verdade, deixava muito a desejar. Os registros bibliográficos, por outro lado, eram excelentes, metodologicamente organizados de forma clara e bastante abrangentes. Dr. Pesce no jantar, é óbvio, acompanhado do papo animado de costume.

O domingo foi um grande dia para nós. Era a primeira vez que assistíamos a uma tourada e, ainda que fosse o que eles chamam de uma *novillada*, com touros e toureiros de pouca expressão, ficamos extremamente excitados, tanto que eu tive dificuldade de me concentrar na leitura de um dos livros de Tello que peguei pela manhã na biblioteca. Chegamos quando a tourada estava para começar, e logo vimos um toureiro novato matando um touro, mas não com o tradicional método *coup de grâce*. O resultado foi que o touro ficou deitado no chão, agonizando, por cerca de dez minutos, enquanto o toureiro tentava finalizar o golpe e o público vaiava. O terceiro touro produziu uma excitação considerável quando chifrou espetacularmente o toureiro e o jogou no ar, mas isso foi tudo. A festa terminou com a morte inglória do sexto touro. Não consegui ver arte nenhuma naquilo tudo. Coragem, até certo ponto; habilidade, não muita; diversão, relativa. No fim, tudo depende do que há para fazer em um domingo.

Na manhã da segunda-feira, fomos outra vez ao museu, e depois seguimos para a casa do Dr. Pesce, no fim da tarde. À noite, conhecemos o Dr. Valenza, um professor de psiquiatria, também bem-falante, que nos contou histórias de guerra e outros casos: “Certo dia fui ver um filme de Cantinflas num cinema aqui perto. Todo mundo estava rindo, e eu não entendi nada. Mas eu não era o único, ninguém mais entendeu nada também. Então por que eles riem? Na verdade, estão rindo de si mesmos; todos riem de uma parte de si mesmos. Nós somos um país jovem, sem tradições, sem educação, acabamos de ser descobertos. Então eles estão rindo de todos os defeitos de nossa civilização infantil... Será que a América do Norte cresceu, apesar de seus arranha-céus, seus automóveis, seus luxos? Será que ela amadureceu? Não, as diferenças são superficiais, não fundamentais, a América toda é assim. Assistindo a Cantinflas, eu compreendi o pan-americanismo!”

A terça-feira não foi diferente em relação a museus, mas às três da tarde fomos nos encontrar com o Dr. Pesce e ele deu uma camisa branca para Alberto e um jaleco da mesma

cor para mim. Todo mundo concordou que nós parecíamos quase humanos. O resto do dia não foi importante.

Vários dias se passaram, e nós tínhamos de partir logo, mas ainda não sabíamos exatamente quando. Devíamos ter partido dois dias atrás, porém o caminhão que ia nos levar ainda estava aqui. Os vários aspectos de nossa viagem corriam bem. No que toca à expansão de nossos conhecimentos, fomos a museus e bibliotecas. O único realmente bom é o Museu Arqueológico e Antropológico do Dr. Tello. Do ponto de vista científico, do estudo da lepra, quero dizer, conhecemos o Dr. Pesce; todos os outros são apenas seus discípulos e estão longe de produzir qualquer coisa digna de nota. Não existem bioquímicos no Peru, então os médicos especialistas fazem o trabalho de laboratório, e Alberto conversou com alguns deles, para lhes dar alguns contatos em Buenos Aires. Ele se deu bem com dois deles, mas o terceiro... O problema foi que Alberto se apresentou como Dr. Granado, especialista em lepra etc., e eles acharam que ele era médico. Então, o imbecil com quem ele estava falando apareceu com essa: “Não, nós não temos bioquímicos aqui. Existe uma lei que proíbe os médicos de abrirem laboratórios de química, por isso nós não deixamos os farmacêuticos se meterem em coisas que eles não conhecem”. Como Alberto estava a ponto de explodir, eu o cutuquei nas costelas e ele se acalmou.

Ainda que tenha sido muito simples, uma das coisas que mais nos emocionaram em Lima foi o presente de despedida que recebemos dos pacientes do hospital. Eles arrecadaram 100,50 soles, que nos presentearam junto com uma carta muito grandiloquente. Depois de um discurso, muitos deles vieram falar pessoalmente conosco, e alguns tinham lágrimas nos olhos ao nos agradecer por termos vindo, por termos passado tempo com eles, aceitado seus presentes, sentado para ouvir futebol no rádio com eles. Se alguma coisa vai fazer com que nós nos especializemos de fato em lepra, vai ser a afeição que os pacientes nos mostraram em qualquer lugar a que tenhamos ido.

Como cidade, Lima não está à altura de sua longa tradição como sede de Vice-reino, mas seus bairros residenciais são bastante atraentes e suas novas avenidas, agradáveis e largas. Um detalhe interessante foi a presença policial ao redor da embaixada colombiana. Não menos do que cinquenta homens, uniformizados ou à paisana, montam guarda permanentemente, ao redor de todo o quarteirão.

O dia de nossa saída de Lima não teve nada de especial. Vimos a estrada que leva a La Oroya, mas a maior parte da viagem fizemos à noite, e chegamos a Cerro de Pasco ao amanhecer. Viajamos com os irmãos Becerra, conhecidos por Cambalache, ou Camba. Os dois eram bons sujeitos, especialmente o mais velho. Rodamos o dia inteiro, baixando até climas mais quentes, e a dor de cabeça e a náusea generalizada que eu estava sentido desde Ticlio, o ponto mais alto acima do nível do mar, a 4.853 metros de altitude, começou a diminuir. Logo depois de passarmos Huánuco e nos aproximando de Tingo María, o eixo dianteiro quebrou, mas, por sorte, não capotamos, pois a roda ficou presa no pára-lama. Tivemos de passar a noite no local, e eu precisava aplicar uma injeção em mim, mas a seringa quebrou.

O dia seguinte transcorreu cheio de tédio e de asma, porém, a noite teve um desfecho

afortunado quando Alberto mencionou com uma voz melancólica que nós estávamos na estrada há exatos seis meses. Aquele foi o sinal para o pisco começar a fluir. Por volta da terceira garrafa, Alberto cambaleou nos próprios pés e o macaquinho que ele estava segurando desapareceu correndo. Camba “menor” continuou a beber por mais meia garrafa, mas acabou caindo ali mesmo.

Na manhã seguinte saímos correndo antes que o dono do estabelecimento acordasse; nós não tínhamos pago a conta e os Cambas estavam com pouco dinheiro, por causa do eixo quebrado. Viajamos o dia inteiro, até que finalmente tivemos de parar em uma daquelas barreiras na estrada que o exército arma quando chove.

Saímos no dia seguinte, e logo encontramos outra barreira. Eles não deixaram a caravana se mover até o final da tarde, e nós paramos em uma cidade chamada Nescuilla, nosso objetivo do dia.

Como a estrada continuou fechada no dia seguinte, fomos até o posto do exército pedir ração para todos. Deixamos a cidade à tarde, levando conosco um soldado ferido, o que nos possibilitou passar pelos bloqueios de estrada do exército. E, de fato, alguns quilômetros mais à frente, quando os caminhões estavam sendo parados, eles nos deixaram passar para Pucallpa, onde chegamos depois de escurecer. Camba “menor” pagou um jantar para a gente e, como despedida, bebemos quatro garrafas de vinho que o fizeram ficar todo sentimental e jurar eterno amor a nós dois. Depois, ele nos pagou um quarto de hotel.

O problema agora era descobrir como fazer para chegar a Iquitos. Nosso primeiro alvo foi o prefeito, um tal de Cohen. Havia nos dito que ele era judeu, mas do tipo bom; não havia dúvidas de que ele fosse judeu, o problema era descobrir se era do tipo bom mesmo. Ele nos mandou procurar uns agentes de navios, que, por sua vez, nos mandaram falar com o capitão, que nos recebeu bem e prometeu, como concessão máxima, deixar que nós pagássemos o valor do bilhete de terceira classe para viajar na primeira. Não contentes com isso, fomos tentar a sorte com o comandante da guarnição, que disse não poder fazer nada por nós. E depois um deputado, após um interrogatório desgastante no qual pôde mostrar quão estúpido ele era, prometeu ajuda.

À tarde, nadamos no rio Ucayali, que se parece bastante com o Alto Paraná. Encontramos-nos com o tal deputado, que disse ter conseguido algo bem interessante para nós: como um favor especial para ele, o capitão do barco concordou em nos cobrar o preço da terceira classe para viajarmos na primeira, grande coisa.

No lugar onde estávamos nadando, havia alguns peixes meio estranhos, que os nativos chamam de *bufeo*. Existe uma lenda de que eles comem homens, estupram mulheres e fazem milhares de outras coisas malucas. Parecem golfinhos de água doce e têm, dentre outras características meio estranhas, genitais idênticos aos de uma mulher. Os índios os utilizam como substitutos, mas eles têm de sacrificar os animais depois do coito, porque uma contração na área genital impede que o pênis consiga sair do orifício.

À noite, nós executamos a, em geral, triste tarefa de pedir a nossos colegas do hospital um lugar para dormir. A recepção foi, naturalmente, gelada, e não teríamos conseguido nada caso nossa passividade não tivesse ganhado o dia. Recebemos assim duas camas nas quais

pudemos deitar nossos ossos cansados.

DESCENDO O UCAYALI

Com nossas mochilas nas costas, parecendo exploradores, subimos a bordo do *La Cenepa* poucos minutos antes que ele partisse. Como prometido, o capitão nos colocou na primeira classe, onde nos misturamos com os passageiros privilegiados. Após alguns estrondos de aviso, o navio se afastou do porto e nós começamos a segunda etapa de nossa jornada até San Pablo. Quando as casas em Pucallpa se perderam na distância e o cenário passou a ser somente a mesma vegetação de selva ininterrupta, as pessoas saíram de suas cadeiras e se juntaram ao redor de mesas de carteados. Estávamos com receio de jogar, mas Alberto, inspirado, ganhou noventa soles em um jogo chamado vinte-e-um, mais ou menos equivalente ao nosso sete-e-meio. Essa vitória não o tornou muito popular com os outros jogadores a bordo, porque ele tinha jogado com uma aposta inicial de apenas um sol.

Não houve muita oportunidade para conhecer os outros passageiros naquele primeiro dia no navio, e ficamos na nossa, sem nos misturar à conversa geral. A comida era muito ruim, e pouca. Não foi possível navegar à noite porque o rio estava em um nível muito baixo. Havia uns poucos mosquitos, e, ainda que tivessem nos dito que isso não era comum, nós não acreditamos, pois já tínhamos nos acostumado à maneira com que as pessoas exageram quando querem descrever qualquer situação difícil.

Na manhã seguinte, logo cedo, seguimos viagem. O dia transcorreu sem grandes novidades, exceto por termos feito amizade com uma garota um pouco mal-humorada que provavelmente pensou que tínhamos algum dinheiro, apesar das lágrimas aflitas que derramamos toda vez que o assunto era mencionado. No fim da tarde, quando o navio encostou para atracar às margens do rio, os mosquitos estavam determinados a provar que de fato existiam; um enxame deles nos atacou durante a noite. Enrolado no saco de dormir e com uma rede envolvendo a cara, Alberto conseguiu cochilar um pouco, mas eu senti que um ataque de asma se aproximava, então, por conta disso e dos mosquitos, não consegui pregar os olhos até a manhã seguinte. Minha memória daquela noite não está tão clara agora, mas ainda posso sentir como minha pele cresceu a proporções paquidérmicas por causa das picadas.

Passei todo o dia seguinte cochilando em um canto ou outro, tirando sonecas rápidas em redes emprestadas. Como parecia que a asma não ia desaparecer, tive de tomar algumas atitudes drásticas e acabei arranjando um remédio antiasmático pelo prosaico método de pagar pela mercadoria. Pelo menos, ajudou a acalmar o ataque. Ficamos admirando a selva tentadora ao lado do rio, cheia de mistérios verdejantes. Minha asma e os mosquitos tentaram cortar, de algum modo, as asas do meu pensamento, mas florestas virgens exercem tanta fascinação sobre espíritos como os nossos que os problemas físicos e todas as forças que a natureza pudesse reunir só serviram para aumentar o meu desejo.

Os dias se passaram com monotonia. A única diversão era o jogo, que não era muito

acessível a nós, por conta de nossos apuros financeiros. Mais um dia, e depois outro, em que nada aconteceu. Normalmente, essa travessia dura quatro dias, mas, com o nível da água do rio tão baixo, tivemos de parar todas as noites, o que não apenas prolongou nossa viagem como nos transformou em vítimas ofertadas em sacrifício aos mosquitos. Na primeira classe, entretanto, a comida é bem melhor e não existem tantos mosquitos, porém não tenho certeza se fizemos realmente um bom negócio. Teríamos nos dado melhor com marinheiros rudes do que com aquela gente de classe média que, rica ou não, está muito apegada ao que já foi um dia para prestar qualquer atenção a dois viajantes sem dinheiro. Eles são tão ignorantes quanto qualquer outra pessoa, mas essa sua vitória insignificante na vida subiu-lhes à cabeça, e as opiniões banais que costumam proferir vêm, em geral, acompanhadas da arrogância que exalam. Minha asma piorou, mesmo seguindo minha dieta à risca.

Um carinho simples da tal garota mal-humorada, condoída pelo meu estado físico lamentável, fez ressurgirem memórias adormecidas de minha vida pré-aventureira. Naquela noite, os mosquitos me mantiveram acordado e eu fiquei pensando em Chichina, que agora era apenas um sonho distante, um sonho muito bonito que havia terminado de forma um tanto quanto inusitada nessas situações, com mais mel em minha memória do que fel. Mandeí-lhe um beijo gentil e sereno, o beijo de um velho amigo que a conhece e a compreende; depois, minha mente viajou até chegar ao Malagueño, em cujo salão ela provavelmente deveria estar sussurrando aquelas suas frases intrincadas e estranhas para um novo pretendente, naquele exato momento. A cúpula imensa do céu estrelado sobre minha cabeça brilhava alegremente, como se respondesse afirmativamente à dúvida que emergiu do fundo de minha alma: “Será que isto tudo vale a pena?”

Dois outros dias: nada de novo. A confluência do Ucayali e do Marañon, onde começa o maior rio da Terra, não tem nada de espetacular: é simplesmente o encontro de duas massas de água que passam a formar uma só torrente – um pouco mais larga, provavelmente mais profunda, mas nada além disso. As pílulas de adrenalina haviam acabado, e minha asma piorava a cada dia; comia pouco mais de um punhado de arroz e bebia mate. No último dia de viagem, quando estávamos quase chegando ao nosso destino, encontramos uma tempestade feroz e o barco teve de parar. Os mosquitos nos atacaram mais vorazmente do que nunca, como se estivessem se vingando do fato de que nós logo estaríamos longe do seu alcance. A noite parecia interminável, cheia de tapas desesperados e gritos impacientes, jogos de cartas sem fim para sedar nossos sentidos e frases aleatórias pronunciadas apenas para manter a conversação e fazer o tempo passar mais rapidamente. Na manhã seguinte, avistei uma rede desocupada estendida e corri para deitar nela. Como em um transe, senti um salto mortal dando cambalhotas dentro de mim, jogando-me em espiral para os céus, ou então para as profundezas de um abismo, quem sabe exatamente qual... Acordei com Alberto me balançando com força. “*Pelao*”, ele disse, “chegamos.” O rio tinha se alargado para revelar, à nossa frente, uma pequena cidade com alguns prédios mais altos, cercada pela floresta e colorida por uma terra vermelha.

Era domingo o dia em que chegamos a Iquitos. Logo que atracamos no porto, fomos falar com o chefe do Serviço de Cooperação Internacional, já que o homem a quem deveríamos nos

apresentar, o Dr. Chávez Pastor, não estava na cidade. De todo modo, fomos bem tratados pelo pessoal do Serviço, conseguimos ser escalados para o Setor de Febre Amarela e recebemos alimentação e alojamento no hospital. Eu ainda estava com asma e não conseguia respirar sem ofegar e assobiar alto, mesmo com até quatro injeções de adrenalina por dia.

Não tinha melhorado nada no dia seguinte, e tive de passá-lo na cama, me “adrenalizando”.

No outro dia, me convenci a seguir uma dieta matutina rígida e uma não tão restrita assim na parte da noite, evitando comer arroz. Melhorei um pouco, mas não muito. À noite, assistimos a *Stromboli*, filme de Rossellini com Ingrid Bergman. A única crítica possível é a negativa.

Quarta-feira foi um dia importante para nós; soubemos que partiríamos no dia seguinte. A notícia serviu para nos alegrar um pouco, já que minha asma tinha me imobilizado e nós acabamos passando os dias deitados na cama.

No dia seguinte estávamos psicologicamente preparados para deixar a cidade. Mas o dia passou e ainda não levantamos âncora; a partida foi marcada para a tarde seguinte.

Certos de que a inércia dos donos do barco poderia fazer-nos sair mais tarde, jamais mais cedo, dormimos muito, passeamos e fomos a uma biblioteca, onde o atendente teve de nos apressar porque *El Cisne* partia às 11h30 e já eram 11h05. Juntamos nossas coisas correndo e, por causa de minha asma, tomamos um táxi que nos cobrou meia libra peruana por uma corrida de oito quarteirões em Iquitos. Quando chegamos ao porto, descobrimos que o barco só sairia às três da tarde, mas nós tínhamos de subir a bordo à uma. Não ousamos desobedecer e ir almoçar no hospital; além do mais, seria bom para nós evitar a clínica, pois assim poderíamos “esquecer” uma seringa que eles haviam nos emprestado. Comemos mal e caro no restaurante de um índio da tribo Yagua, estranhamente coberto com uma saia de palhiço vermelho e com colares do mesmo material; seu nome era Benjamín, mas ele não falava espanhol muito bem. Tinha uma cicatriz um pouco acima da omoplata, de um tiro que ele tomou quase à queimadura, por causa de uma “vinganza”, como ele disse.

As hordas noturnas de mosquitos se digladiaram sobre nossas carnes virgens. Aquele foi um momento psicologicamente importante da viagem, porque descobrimos que podíamos ir de Manaus à Venezuela pelo rio. O dia passou sem transtornos, e tivemos uma boa dose de sono para recuperar o que havíamos perdido para os mosquitos. À noite, por volta da uma hora, fui acordado logo depois que consegui pegar no sono, para ser avisado de que havíamos chegado a San Pablo. O Dr. Bresciani, diretor-médico da colônia, foi informado de nossa chegada e nos recebeu calorosamente, arranjando-nos um quarto para passar a noite.

CARTA DE ERNESTO A SEU PAI: IQUITOS, 4 DE JUNHO DE 1952

As margens do grande rio estão completamente civilizadas. Para encontrar tribos selvagens, deve-se seguir os afluentes, adentrando profundamente no interior da floresta – uma jornada que, pelo menos desta vez, não pretendemos fazer. As

doenças infecciosas desapareceram, mas, ainda assim, fomos vacinados contra as febres tifóide e amarela e temos um bom estoque de cloranfenicol e de quinina.

Pode ocorrer uma série de disfunções em decorrência de desordens metabólicas causadas por deficiências nutricionais na comida disponível aqui na selva, mas os casos mais sérios acontecem apenas quando se fica sem vitaminas por uma semana, e este seria o tempo mais longo que ficaríamos sem a alimentação adequada se descêssemos o rio. Nós ainda não estamos certos sobre se faremos isso, pois temos estudado a possibilidade de tomar um avião até Bogotá ou, pelo menos, até Leguisamo, a partir de onde as estradas já são boas. Isso não porque nós achemos que a viagem por terra possa ser perigosa, mas para economizar dinheiro, que me pode ser importante mais à frente.

Exceto pelos centros científicos, onde somos reduzidos um pouco de tamanho, nossa viagem começa a se tornar algo parecido a um evento para as equipes dos hospitais anti-lepra, e eles nos tratam com o respeito devido a dois pesquisadores visitantes. Tenho me entusiasmado bastante por leprologia, mas não sei durante quanto tempo isso vai durar. A reunião de despedida com a qual os pacientes do hospital em Lima nos brindaram foi suficiente para nos encorajar a seguir em frente; eles nos deram um forno de primeira categoria e cerca de cem soles, o que, nas circunstâncias financeiras deles, é uma fortuna. Além disso, diversos deles nos deram adeus com lágrimas nos olhos. Seu apreço veio do fato de que nós não usamos sobretudos ou luvas, de que apertamos suas mãos como teríamos feito com qualquer outra pessoa, sentamos ao seu lado, conversando sobre assuntos variados, e jogamos futebol com eles. Isso tudo pode parecer uma bravata sem sentido, mas o benefício psicológico de essas pobres pessoas – que, geralmente, são tratadas como animais – serem vistas como seres humanos normais é incalculável, e o risco de ser contaminado, incrivelmente remoto. Até hoje, os únicos membros de equipes a terem sido contaminados pela doença foram um enfermeiro da Indochina que vivia com seus pacientes e um monge zeloso, sobre o qual eu não gostaria de tecer nenhum juízo de valor.

A COLÔNIA DE LEPROSOS DE SAN PABLO

O dia seguinte, um domingo, nos encontrou despertos e prontos para um giro de reconhecimento da colônia, mas, como isso significava ter de tomar um barco e subir o rio, e sendo fim de semana, ficamos impedidos de fazê-lo. Em vez disso, visitamos a freira que administra a colônia, a meio masculinizada Madre Sor Alberto. Depois, tivemos um jogo de futebol no qual tivemos uma péssima atuação. Minha asma começou a ceder.

Na segunda-feira, depois de colocar algumas de nossas roupas para lavar, fomos visitar o

complexo onde ficam os pacientes. Seiscentos deles vivem em típicas cabanas de selva, de maneira bastante independente, fazendo o que bem entendem, trabalhando em ocupações próprias, em uma organização que adquiriu características e ritmo próprios. Existem juízes, policiais e funcionários locais. O Dr. Bresciani é completamente respeitado, e claramente coordena a colônia inteira, tanto protegendo como construindo pontes entre os grupos que entram em luta uns contra os outros.

Visitamos o complexo novamente na terça-feira, acompanhando o Dr. Bresciani em sua ronda, quando ele examinava o sistema nervoso dos pacientes. Ele está trabalhando em um estudo detalhado das formas nervosas de lepra, baseado em quatrocentos casos. Será uma pesquisa bastante interessante, porque a maioria dos casos de lepra nesta região ataca o sistema nervoso. De acordo com o Dr. Bresciani, o Dr. Souza Lima estava interessado em sinais precoces da doença manifestados por crianças que vivem na colônia.

Visitamos a parte do complexo reservada para as mais ou menos setenta pessoas sadias da colônia. Carece de confortos básicos, como luz elétrica todos os dias, uma geladeira e um laboratório, mas, aparentemente, estas instalações serão feitas até o final do ano. Eles precisariam, pelo menos, de um bom microscópio, de um micrótomo, de um técnico de laboratório – no momento, esta função é exercida pela Madre Margarita, que é muito simpática, mas pouco competente – e também de um cirurgião capaz de operar nervos, olhos etc. É importante notar que, apesar dos enormes problemas relativos aos nervos, pouquíssimas pessoas são cegas por conta da doença, o que pode, talvez, ajudar a demonstrar a que o (...) ²⁹ tem algo a ver com isso, já que a maioria não teve tratamento algum.

Na quarta-feira, fizemos as rondas novamente, com um pouco de pescaria ou de natação entre elas. À noite, eu geralmente jogo xadrez com Dr. Bresciani ou então nós conversamos. O dentista, Dr. Alfaro, é um homem muito tranquilo e amigável.

Na quinta-feira, a colônia não funciona, de modo que não fomos ao complexo. Jogamos futebol durante a tarde e eu não me saí tão mal no gol. Pela manhã, tínhamos tentado pescar, mas em vão.

Na sexta, eu voltei para o complexo, enquanto Alberto ficou na base para fazer umas baciloscopias com a freira simpática, Madre Margarita. Pesquei dois tipos de *sumbi*, conhecidos por *mota*, um dos quais eu dei para o Dr. Montoya.

DIA DE SÃO GUEVARA

No sábado, 14 de junho de 1952, eu, quase uma criança, fiz vinte e quatro anos. Entrei na ante-sala daquele transcendental quarto de século, das bodas de prata de uma vida, que até este momento não tem me tratado muito mal. Pela manhã logo cedo, eu fui para o rio mais uma vez tentar a sorte contra os peixes, mas pescar é como apostar: começa-se ganhando e acaba-se perdendo. À tarde, tivemos um jogo de futebol, eu na minha posição tradicional, no gol, mas desta vez com mais sucesso do que em ocasiões anteriores. À noitinha, depois de um banquete maravilhoso na casa do Dr. Bresciani, houve uma festa para nós no salão de jantar da colônia, com grandes quantidades da bebida nacional peruana, o pisco. Alberto é quase um especialista nos efeitos dessa bebida no sistema nervoso central. Quando todos estávamos com os espíritos já elevados, o diretor da colônia propôs um brinde a nós, algo muito tocante, e eu, já bastante “piscozado”, produzi algo parecido ao que se segue:

“Bem, é meu dever responder ao brinde proposto pelo Dr. Bresciani com algo mais do que um gesto convencional. Tendo em conta nosso estado precário atual, tudo o que temos a oferecer são palavras, e eu gostaria de usá-las para expressar meus agradecimentos do fundo do coração, e os de meu amigo também, a toda a equipe da colônia, que, apesar de ter nos conhecido há muito pouco tempo, veio demonstrar sua afeição de maneira maravilhosa, celebrando meu aniversário como se fosse o de vocês próprios. E quero acrescentar, também, mais uma coisa. Dentro de poucos dias estaremos deixando o Peru, então estas palavras podem ser encaradas como uma espécie de despedida, e eu gostaria de expressar minha gratidão a todo o povo deste país, que desde o primeiro dia em que cheguei, em Tacna, nos demonstrou sua hospitalidade calorosa. E gostaria de acrescentar também mais uma coisa, que nada tem a ver com este brinde. Ainda que nós sejamos insignificantes demais para sermos porta-vozes de causa tão nobre, nós acreditamos, e essa jornada só tem servido para confirmar essa crença, que a divisão da América em nações instáveis e ilusórias é uma completa ficção. Somos uma raça mestiça com incontestáveis similaridades etnográficas, desde o México até o Estreito de Magalhães. Assim, em uma tentativa de nos livrarmos de qualquer provincialismo imbecilizante, eu proponho um brinde ao Peru e a uma América Unida”.

Meu discurso foi recebido com muitos aplausos. A festa, que por aqui consiste em beber tanto álcool quanto possível, continuou até as três da manhã, quando finalmente fomos dormir.

Na manhã do domingo, visitamos uma tribo de Yaguas, os índios da palha vermelha. Andamos durante cerca de trinta minutos em uma trilha que desmente todos os rumores sobre uma selva profunda e chegamos a um grupo de ocas. Foi interessante ver como eles vivem, embaixo de tábuas de madeira e em uma cabana bem pequena feita de palha e hermeticamente fechada, para se proteger dos mosquitos que chegam à noite em formação de ataque. As mulheres substituíram os trajes tradicionais por roupas comuns – não se pode admirar seus pares de seios. As crianças têm barriga grande, mas são bem magras. Os idosos, ao contrário, não mostram sinais da deficiência de vitaminas que é comum entre as pessoas mais desenvolvidas que vivem na floresta. A alimentação consiste basicamente de iúca (uma flor),

de bananas, da fruta da palmeira e de animais que eles caçam com rifles. Seus dentes são todos podres. Falam sua própria língua, mas compreendem o espanhol, pelo menos alguns deles. Na parte da tarde, nós jogamos futebol e eu me saí um pouco melhor, mas levei um gol. À noite, Alberto acordou com uma forte dor de estômago, na cavidade ilíaca direita; eu estava cansado demais para me preocupar com as dores de outra pessoa, então lhe receitei coragem, virei de lado e dormi até de manhã.

A segunda-feira é o dia em que os remédios são distribuídos no complexo. Alberto, bem cuidado pela sua amada Madre Margarita, tomava uma dose de penicilina religiosamente a cada quatro horas. O Dr. Bresciani me disse que estava esperando chegar uma balsa com alguns animais a bordo e também que nós poderíamos juntar algumas tábuas e cordas para fazer uma balsa para nós mesmos. Gostamos da ideia e começamos a fazer planos de ir até Manaus etc. Como estava com o pé machucado, fiquei no banco no jogo da tarde; conversei com o Dr. Bresciani sobre tudo que há debaixo do sol, e acabei indo dormir bastante tarde.

Na manhã de terça, Alberto já estava recuperado. Fomos até o complexo, onde o Dr. Montoya estava operando a ulna de um paciente, aparentemente com resultados brilhantes, ainda que a técnica deixasse muito a desejar. À tarde, fomos pescar em um lago ali perto. Não fismos nada, é claro. Na volta, decidimos nadar um pouco no Amazonas, o que levou duas horas, para desespero do Dr. Montoya, que não queria esperar tanto. À noite, tivemos uma festa aconchegante, que terminou com uma briga séria com o Sr. Lezama Beltrán, uma alma introvertida e infantil que, provavelmente, é um pervertido. O pobre homem estava bêbado e furioso porque não tinha sido convidado para a festa, e começou a falar alto e a delirar, até que alguém lhe deu um olho roxo e uma boa surra. O incidente nos deixou bastante aborrecidos, porque o pobre homem, independentemente de ser um pervertido e muito chato, foi muito simpático conosco e deu dez soles para cada um de nós, totalizando a grande soma de: eu 479, Alberto 163,50.

A manhã de quarta-feira foi bastante chuvosa, por isso não fomos até o complexo. De fato, foi um dia desperdiçado. Li um pouco de García Lorca e, mais tarde, já à noite, vimos a balsa ser amarrada no cais.

Na quinta pela manhã, dia de folga da equipe de médicos, acompanhamos o Dr. Montoya até mais abaixo no rio, para comprar comida. Descemos um afluente do Amazonas e compramos papaias, iúca, milho, peixe e cana-de-açúcar, tudo muito barato; depois, pescamos um pouco. Montoya fismou um peixe de tamanho normal, e eu, um *mota*. Na volta, um vento forte deixou o rio mais bravo e o capitão, Roger Alvarez, ficou assustado ao ver as ondas inundando sua canoa. Eu pedi para controlar o leme, mas ele não deixou, e nós tivemos de parar na margem do rio até que as coisas ficassem mais calmas. Só chegamos em casa às três da tarde. Cozinhamos os peixes, mas eles não satisfizeram totalmente nossa fome. Roger deu uma camisa para cada um de nós e uma calça para mim, o que fez aumentar meu bem-estar espiritual.

Nossa balsa já estava pronta, exceto pelos remos. Um grupo de pacientes da colônia veio até a sede, para uma festa de despedida para nós dois, com um homem cego que cantava canções locais. A banda era formada por um flautista, um violonista, um tocador de bandônion

literalmente sem dedos e alguns não-pacientes ajudando com um saxofone, outro violão e alguma percussão. Depois da música, veio a parte dos discursos; quatro pacientes falaram da melhor maneira que puderam, um tanto quanto atrapalhados. Um deles ficou empacado em uma frase e, para sair da situação, gritou “três vivas aos doutores”. Alberto então lhes agradeceu a recepção com palavras acaloradas, dizendo que a beleza natural do Peru se empalideceria em comparação com a beleza emocional daquele momento, que estava profundamente tocado e que lhe faltavam palavras, exceto para dizer, com os braços abertos, imitando os gestos e a entonação de Perón, “um grande obrigado a todos vocês”.

Ao fim da festa, os pacientes se afastaram do cais ao som de uma canção folclórica, com a fraca luz das lanternas dando à cena um aspecto meio fantasmagórico. Seguimos então para a casa do Dr. Bresciani, onde tomamos uns drinques, conversamos um pouco e depois fomos para a cama.

Sexta-feira foi o dia da partida. Fomos dizer adeus aos pacientes e, depois de tirar algumas fotos, um deles veio carregando dois esplêndidos abacaxis, presentes do Dr. Montoya. Tomamos banho e comemos. Às três da tarde começamos a nos despedir e, meia hora depois, nossa balsa, a que demos o nome de *Mambo-Tango*, começou a descer o rio carregando nossa tripulação de duas pessoas, eu e Alberto. Por um momento, o Dr. Bresciani, o Dr. Alfaro e Chávez, que construiu a balsa, ficaram com a gente.

Eles nos levaram até o meio do rio, deixando-nos depois com nossos próprios recursos.

NOSSO PEQUENO KONTIKI

Dois ou três mosquitos não foram suficientes para impedir minha necessidade de sono e, em poucos minutos, eu estava dormindo. Foi uma vitória pírrica, entretanto, porque a voz de Alberto me resgatou do estado de limbo onde eu me encontrava. A luz pálida de uma cidade, que parecia ser Letícia, aparecia na margem esquerda do rio. Começamos então a árdua tarefa de fazer a balsa se voltar para as luzes e foi aí que aconteceu o desastre: o barco se recusou terminantemente a se mover em direção à margem e seguiu, determinado, a corrente do rio. Nós remamos com toda a nossa força e, quando parecia que iríamos conseguir, virávamos para a direita e voltávamos para a corrente outra vez.

Com um desespero crescente, víamos as luzes desaparecerem na distância. Exaustos, decidimos vencer, pelo menos, a batalha contra os mosquitos, e dormimos até o amanhecer, quando tentaríamos pensar no que fazer. Nossa situação não era muito animadora. Se continuássemos descendo o rio, teríamos de ir até Manaus, que, de acordo com as fontes mais confiáveis, estava a dez dias de distância. Graças a um acidente no dia anterior, estávamos sem anzóis para pescar, quase sem provisões, não sabíamos se conseguiríamos atracar quando quiséssemos, e isso tudo sem mencionar o fato de que tínhamos entrado no Brasil clandestinamente e sem conhecer a língua. Estas preocupações, no entanto, desapareceram rapidamente e nós caímos no sono. Acordei com o sol em minha cara e me desvencilhei de

meu mosquito para tentar descobrir onde estávamos.

Com a pior má vontade do mundo, nosso pequeno Kontiki tinha se depositado na margem direita do rio, e estava ali, esperando calmamente, próximo a uma espécie de atracadouro de uma casa. Decidi deixar a inspeção para depois, porque os mosquitos ainda continuavam me atacando e me dando umas boas picadas. Alberto estava dormindo como uma pedra, e eu pensei em fazer o mesmo. Um cansaço mórbido e uma espécie de letargia incômoda tomaram conta de mim. Estava incapaz de tomar qualquer decisão, mas me agarrei à ideia de que, por piores que as coisas ficassem, não havia razão para supor que não pudéssemos administrá-las.

CARTA DA COLÔMBIA: BOGOTÁ, 6 DE JULHO DE 1952

Querida mamãe,

Aqui estou, alguns quilômetros mais adiante e alguns pesos mais pobre, me preparando para ir para a Venezuela. Antes de mais nada, deixe-me desejar-lhe o indispensável feliz aniversário; espero que tenha passado a data tão feliz como sempre, com nossa família. Agora, serei organizado e lhe darei um resumo sucinto de minha grande aventura ao sair de Iquitos. Partimos da cidade mais ou menos de acordo com o planejado; viajamos por duas noites, acompanhados fielmente pelos mosquitos, e chegamos à colônia de San Pablo ao amanhecer, onde recebemos alojamento.

O diretor-médico, um homem espetacular, nos acolheu imediatamente e, de maneira geral, nos demos bem com todos na colônia, exceto pelas freiras, que sempre nos perguntavam por que não íamos à missa. Acontece que essas freiras eram as patrocinadoras do lugar, e qualquer um que não fosse à missa tinha suas rações cortadas (nós ficamos sem, mas as crianças nos ajudavam e nos arranjavam algo todos os dias). Além dessa pequena guerra fria, a vida se passava de forma incrivelmente agradável. No dia 14, eles me fizeram uma festa com muito pisco, uma espécie de gim que faz qualquer um ficar alegremente bêbado. O diretor-médico propôs um brinde a nós, e eu, inspirado pela bebida, respondi com um discurso extremamente pan-americanista, que recebeu muitos aplausos da audiência, todos já bem altos. Ficamos um pouco mais de tempo do que o imaginado, mas por fim partimos para a Colômbia. Na noite anterior, um grupo de pacientes da zona de doentes da colônia veio para a sede em uma canoa bem grande; eles nos fizeram uma serenata de despedida no cais e alguns discursos tocantes. Alberto, que se vê como o herdeiro natural de Perón, construiu uma fala tão impressionantemente demagógica que nossa simpática turma caiu na gargalhada. A cena foi uma das mais interessantes de toda a nossa viagem. A banda musical era composta por um sanfoneiro sem dedos na mão direita, usando alguns pauzinhos amarrados a seu

pulso, um cantor cego, e quase todos os outros eram horrivelmente deformados, por conta da forma nervosa que a doença desenvolve normalmente nessa área. Com a luz das lâmpadas e lanternas refletindo nas águas do rio, tudo parecia uma cena de um filme de terror. O lugar todo é muito agradável, cercado pela selva, com tribos aborígenes a pouco menos de dois quilômetros, as quais visitamos, é claro. Com uma abundância de peixes e caça para comer por todo lado e uma riqueza potencial que nos fez sonhar em cruzar o Mato Grosso por rio, do Paraguai para o Amazonas, praticando a medicina por onde passarmos, e por aí vai... um sonho como ter sua própria casa... talvez um dia... Estávamos nos sentindo um pouco mais como exploradores de verdade, e decidimos descer o rio em uma balsa fantástica que o pessoal da colônia construiu para nós. O primeiro dia correu bem, mas à noite, em vez de montar guarda, caímos confortavelmente no sono, protegidos por um mosquiteiro que também nos deram, e acordamos para descobrir que tínhamos encalhado em uma das margens do rio.

Comemos como tubarões. O dia seguinte transcorreu tranquilo, e nós decidimos montar turnos de vigília de uma hora cada, para evitar mais problemas, já que ao pôr-do-sol a corrente havia nos carregado para perto da margem e alguns galhos meio submersos quase viraram a balsa. Durante um dos meus turnos, perdi alguns pontos quando umas das galinhas que nós estávamos levando para servir de comida caiu no rio e foi levada pela corrente. Eu, que em San Pablo já havia atravessado um rio a nado, não tive coragem de nadar atrás do bicho, em parte porque nós tínhamos visto jacarés aqui e ali e, em parte, porque eu nunca consegui de fato superar meu medo da água à noite. Você teria resolvido tudo se estivesse lá, assim como Ana María, pois vocês duas não têm esses complexos noturnos estúpidos que eu tenho. Um de nossos anzóis fисgou o maior peixe que eu já vi na vida, e nós tivemos um belo trabalho para trazê-lo a bordo. Mantivemos a vigilância até a manhã seguinte, quando atracamos o barco na margem e nos enfiamos embaixo do mosquiteiro, pois havia uma quantidade extra de mosquitos rondando.

Depois de um bom cochilo, Alberto, que prefere peixe a galinha, descobriu que dois de nossos anzóis tinham desaparecido durante a noite, o que o deixou com o humor ainda pior. Como havia uma casa próxima, decidimos tentar descobrir a quanto tempo estávamos de Letícia. Quando o dono do lugar nos falou, em português bem claro, que Letícia estava a sete horas subindo o rio e que estávamos agora no Brasil, tivemos uma discussão um tanto quanto séria sobre qual de nós tinha caído no sono durante seu turno. Aquilo não nos levou a lugar algum. Demos ao dono o peixe e um abacaxi de quase quatro quilos que os leprosos tinham nos dado; ele nos deixou passar a noite em sua casa e nos levou rio acima para Letícia no dia seguinte. A viagem de volta foi bastante rápida, mas cansativa, porque tivemos de remar por pelo menos sete horas em uma canoa, e não estávamos acostumados.

Fomos bem tratados em Letícia; deram-nos cama, comida etc. na delegacia de

polícia, mas não conseguimos um desconto maior do que 50% em nossas passagens aéreas, e tivemos de pagar 130 pesos colombianos, além de outros quinze por excesso de bagagem, um total de mais ou menos 1.500 pesos argentinos. O que salvou o dia, no entanto, foi o fato de que nos contrataram como treinadores de um time de futebol enquanto esperávamos o avião, que é quinzenal. A princípio, pensamos em treinar apenas o suficiente para não fazer nenhum papelão, mas, como eles eram muito ruins, decidimos jogar também, com um resultado brilhante: a equipe, que era considerada a mais fraca de todas e chegou ao início do torneio totalmente reorganizada, foi finalista e perdeu a taça nos pênaltis. Alberto estava inspirado e, com sua figura que lembra, de certo modo, Pedernera³⁰ e com seus passes milimétricos, ganhou o apelido de Pedernerita. Eu, de minha parte, agarrei um pênalti que vai ficar na história de Letícia.

A comemoração toda teria sido ótima se eles não tivessem decidido tocar o hino colombiano e eu não tivesse me abaixado para limpar um pouco de sangue do meu joelho no meio da execução, o que detonou uma reação bastante violenta do Coronel, gritando comigo. Eu estava me preparando para gritar de volta quando relembrei toda a nossa jornada etc. e mordi a língua.

Após um belo voo em um avião que parecia uma coqueteleira, chegamos a Bogotá. Durante o percurso, Alberto conversou bastante com outro passageiro. Contou uma experiência terrível que nós tivemos uma vez em um vôo transatlântico, quando fomos participar de uma conferência internacional de leprologistas em Paris, e como nós quase mergulhamos para dentro do oceano quando três dos quatro motores falharam. Terminou seu relato com alguma coisa do tipo: “Honestamente, esses Douglas...”; sua história foi tão convincente que até eu fiquei assustado.

Nós nos sentimos como se já tivéssemos dado duas voltas ao redor do mundo. Nosso primeiro dia em Bogotá não teve nada de mais; comemos no campus da universidade, mas não conseguimos acomodação, porque o local estava cheio de estudantes bolsistas de cursos oferecidos pela ONU. Nenhum argentino, é claro. Só depois da uma da manhã é que conseguimos finalmente um lugar no hospital. Esse lugar que eu digo é, na verdade, uma cadeira onde pudemos passar a noite. Não estamos assim tão sem dinheiro, mas exploradores de nossa estatura preferem morrer a pagar pelo conforto burguês de um hotel. Depois disso, o hospital de leprosos nos acomodou, mesmo tendo desconfiado de nós no primeiro dia, por conta da carta de apresentação que trouxemos do Peru, que nos era muito lisonjeira, mas que tinha sido assinada pelo Dr. Pesce, que joga na mesma posição de Lusteau³¹. Alberto agitou então um monte de diplomas no nariz deles e eles mal tiveram tempo de respirar antes que eu próprio os pegasse pelo colarinho, falando sobre meu trabalho com alergias, e os deixasse tontos. O resultado disso? Nós dois recebemos ofertas de emprego. Eu não tinha intenção alguma de aceitar, mas Alberto, por motivos óbvios, considerou a possibilidade.

Acontece que, por me ver fazendo um esboço qualquer sobre alguma coisa com uma faca na rua, nós tivemos de lidar com dois policiais que nos assediaram tão terrivelmente que decidimos partir o quanto antes para a Venezuela. Assim, quando você receber esta carta, eu provavelmente já terei partido. Se quiser arriscar, escreva para Cúcuta, Santander del Norte, Colômbia, ou então o mais rápido possível aqui para Bogotá. Amanhã eu vou ver os Millonarios jogarem com o Real Madrid na arquibancada mais barata, já que nossos compatriotas são mais difíceis de grampear do que ministros.

Aqui existe mais repressão individual do que em qualquer outro país em que tenhamos estado; a polícia patrulha as ruas carregando rifles e pede nossos papéis diversas vezes, papéis que alguns deles lêem de cabeça para baixo. A atmosfera é tensa e uma revolução pode estar sendo tramada. O campo está em revolta aberta e o exército não tem forças para acalmá-lo. Os conservadores digladiam-se entre si sem chegar a um acordo, e a memória do 9 de abril de 1948³² ainda pesa bastante na cabeça de todos. Resumindo, a situação é sufocante por aqui. Se a Colômbia quiser agüentar isso tudo, boa sorte para eles, mas nós estamos saindo daqui o mais rápido possível. Alberto, aparentemente, tem boas chances de conseguir um emprego em Caracas também.

Espero que alguém escreva algumas linhas para mim, para que eu saiba como vocês estão e não tenha de saber de tudo por intermédio de Beatriz (eu não vou escrever para ela porque nós estamos nos limitando a uma carta por cidade, e é por isso que um bilhete para Alfredito Gabela está anexo a esta).

Um beijo grande do filho de vocês, que sente muita saudade. Estou torcendo para que o velho consiga ir para a Venezuela, o custo de vida lá é maior do que o daqui, mas o salário é bem melhor e isso deve satisfazer um sujeito avarento (!) como ele. De todo modo, se ele ainda estiver cheio de amores pelo Tio Sam depois de viver aqui por algum tempo... Mas não vamos nos desviar do assunto, papai consegue ler nas entrelinhas.

Tchau.

PARA CARACAS

Depois das perguntas desnecessárias de costume, de nos aborrecer por causa dos passaportes e dos olhares inquisitoriais típicos de policiais suspeitos, eles nos deram um selo oficial com a data de partida do dia 14 de julho, e nós começamos a caminhar pela ponte que une e separa, ao mesmo tempo, os dois países. Um soldado venezuelano, com a mesma insolência rabugenta de seu colega colombiano – aparentemente, um traço comum a todos os elementos militares –, checkou nossa bagagem e depois nos submeteu a seu próprio

interrogatório, só para nos mostrar quem mandava. Todos eles nos mantiveram durante um bom tempo em San Antonio de Táchira, por puras formalidades administrativas, após o que entramos no micro-ônibus que havia nos prometido levar a San Cristóbal.

Na metade do caminho existe um posto da alfândega, onde nós e nossa bagagem passamos por uma revista completa. A famosa faca que causou tanto constrangimento em Bogotá tornou-se outra vez uma desculpa perfeita para uma longa discussão, que nós conduzimos com maestria e argumentos experientes, tanto quanto isso é possível com pessoas cultas como sargentos de polícia. O revólver passou sem problemas, porque estava no bolso de minha jaqueta de couro, em um pacote tão coberto de sujeira que assustou os guardas da fronteira. A faca, que tinha sido recuperada por nós com tanta dificuldade, tornou-se outra vez um tormento, porque havia postos de alfândega por toda a estrada até Caracas, e nós não tínhamos certeza se sempre encontraríamos cérebros que aceitassem as desculpas elementares que nós lhes dávamos. A estrada que liga as duas cidades fronteiriças está bem asfaltada, principalmente do lado venezuelano, e me lembrou bastante a serra ao redor de Córdoba. Parece-me que este país é, em geral, mais próspero do que a Colômbia.

Quando chegamos a San Cristóbal, teve lugar uma discussão entre os donos das companhias de transporte e nós dois, que queríamos viajar da maneira mais barata possível. Pela primeira vez em nossa viagem, a tese que aventava a possibilidade de viajar de micro-ônibus durante dois dias, em vez de seguir de ônibus por três, foi a vencedora. Ansiosos para começar com os planos futuros e tratar minha asma adequadamente, decidimos gastar uns vinte bolívares³³ extras, sacrificando-os em honra de Caracas. Gastamos o tempo até o começo da noite caminhando pela cidade e lendo a respeito do país, em uma biblioteca até bastante boa que eles têm ali.

Às onze da noite, partimos em direção ao norte, deixando qualquer traço de asfalto para trás. Em um banco pequeno demais até para três pessoas, eles apertaram quatro de nós; não havia esperança alguma de conseguir dormir. Além disso, um pneu furado nos retardou uma hora e a minha asma ainda me incomodava. Subindo devagar até o topo da serra, a vegetação ficava mais escassa, mas nos vales cresciam as mesmas culturas que na Colômbia. As estradas mal conservadas causam um monte de pneus furados, e tivemos vários deles no segundo dia. A polícia tem postos de controle que revistam extensivamente todos os micro-ônibus, e nós estaríamos em grandes apuros não fosse pela carta de recomendação que uma das passageiras tinha; o motorista dizia que a bagagem era dela, e fim de conversa. As refeições se tornaram mais caras e, de um bolívar por cabeça, subiram para três e meio. Decidimos gastar o mínimo possível e não comer na parada de Punta del Águila, mas o motorista sentiu pena de nós e nos comprou um bom prato. Punta del Águila é o ponto mais alto dos Andes venezuelanos, a 4.108 metros acima do nível do mar.

Eu tomei meus últimos dois comprimidos e dormi bastante bem. De manhã, o motorista parou para dormir durante uma hora, porque tinha dirigido durante dois dias sem parar. Deveríamos ter chegado a Caracas naquela noite, mas nos atrasamos outra vez por causa dos pneus furados, da parte elétrica meio defeituosa e da bateria, que não queria carregar. O clima tinha se tornado tropical, com mosquitos ferozes e bananas por todos os lados. O último

pedaço da estrada, que eu vi meio dormindo, com um forte ataque de asma, era perfeitamente asfaltado e parecia ser bem bonito (como estava escuro, não pudemos ver claramente).

O dia estava amanhecendo quando chegamos a nosso destino. Eu estava absolutamente exausto. Caí em uma cama que nós alugamos por 0,50 bolívar e dormi o sono dos justos, com a ajuda de uma injeção de adrenalina que Alberto me ministrou.

ESSE ESTRANHO SÉCULO XX

O pior de minha asma já passou e eu me sinto quase bem, mesmo que, de vez em quando, eu tenha de recorrer à minha mais nova aquisição, um inalador francês. É extraordinário quanto eu sinto falta de Alberto. É como se meus flancos estivessem desprotegidos de um hipotético ataque. Estou sempre me virando para lhe dizer algo, e então percebo que ele não está mais comigo.

Bem, não há muito do que reclamar: tenho sempre alguém para tomar conta de mim, comida boa em abundância e a expectativa de voltar logo para casa, recomeçar meus estudos e finalmente conseguir o diploma que vai regularizar a prática de minha profissão. Mesmo assim, a ideia de dizer adeus definitivamente não me deixa totalmente feliz; todos estes meses que nós estivemos juntos passando por poucas e boas e criando o hábito de sonhar os mesmos sonhos em situações similares nos aproximaram mais ainda.

Revirando todas essas ideias confusas dentro de minha cabeça, me afasto do centro de Caracas e caminho em direção aos subúrbios da cidade, onde as casas estão muito mais afastadas umas das outras. Caracas estende-se por longo e estreito vale, que a confina e limita lateralmente, de maneira que não se pode ir muito longe sem ter de subir os montes que a circundam. Ali, com a cidade agitada sob seus pés, pode-se perceber uma nova característica de sua feição heterogênea. Os negros, aqueles exemplos magníficos da raça africana que conservaram sua pureza racial por não possuírem afinidade alguma com qualquer tipo de miscigenação, viram seu espaço ser invadido por um novo tipo de escravo: o português. E assim, as duas antigas raças agora dividem uma experiência comum, repleta de disputas e querelas. A discriminação e a pobreza as unem na batalha diária pela sobrevivência, mas suas diferentes atitudes com relação à vida as separam completamente: o negro é indolente e perdulário, gasta seu dinheiro com frivolidades e bebida; o europeu tem uma tradição de trabalho e economia que o acompanha até este canto da América e o empurra para a frente, independentemente de suas próprias aspirações individuais.

Aqui, no topo do monte, as casas de concreto deram lugar totalmente às cabanas de pau-a-pique. Espio dentro de uma delas. É uma sala dividida ao meio por uma parede, com uma mesa sem nada em cima em um dos lados e montes de feno do outro, que parecem servir como camas. Vários gatos bastante magros e um cachorro sarnento estão brincando com três meninos negros nus. A fumaça acre vinda de um fogão enche a sala. A mãe, com cabelos crespos e seios caídos, prepara o almoço, ajudada por uma menina, de mais ou menos quinze anos,

vestida. Começamos a conversar um pouco e, depois de algum tempo, eu pergunto se posso tirar uma foto. Elas recusam categoricamente, a menos que eu lhes dê a fotografia tão logo a tire. Tento explicar que antes é preciso revelar o filme, mas não, elas querem a foto logo, ou nada feito. Acabo concordando com sua exigência, porém agora elas estão desconfiadas e não querem cooperar. Um dos meninos sai correndo para brincar com seus amigos, e eu continuo a conversar com a família. No final, fico parado ao lado da porta, com minha câmera pronta, e finjo clicar qualquer um que ponha sua cabeça para fora da casa. Ficamos brincando desse jeito por algum tempo, até que vejo o menininho vir correndo em nossa direção em cima de uma bicicleta nova; coloco-o em foco e aperto o disparador, mas o resultado é desastroso. Para fugir da foto, tenta desviar, cai no chão e começa a chorar. Todos eles, no mesmo instante, deixam a vergonha da câmera e vêm correndo para fora da casa, atirando insultos em minha direção. Tento operar uma retirada, mas é difícil, porque eles são excelentes arremessadores de pedras. Os projéteis são seguidos pelos mais diversos xingamentos, dentre os quais, o máximo de desprezo: “português”.

Aqui e ali, ao lado de uma estrada, existem diversos contêineres usados antigamente para transportar carros, nos quais costumam viver os portugueses. Em um deles, ocupado por uma família negra, percebo uma frigideira nova em folha, e música vinda de rádios ligados a todo volume sai de muitas outras dessas “casas”. Carros brilhando de novos estão estacionados ao lado dessas moradias miseráveis. Aviões de todos os tipos voam por sobre minha cabeça, semeando barulho e brilhos prateados no céu. Enquanto isso, sob meus pés, está Caracas, a cidade da eterna primavera. Seu centro histórico está ameaçado pela invasão de telhados vermelhos ou sem telhas dos prédios modernos. Mas há algo que fará os tons amarelados das construções coloniais sobreviver mesmo após seu desaparecimento: o espírito de Caracas, impenetrável pelo modo de vida do Norte e teimosamente enraizado em seu passado colonial semipastoral e retrógrado.

REFLETINDO MELHOR³⁴

As estrelas riscavam os céus daquela pequena cidade de montanha, e o silêncio e o frio materializavam a escuridão. Era como se – eu não sei explicar de fato – todas as substâncias sólidas tivessem se evaporado no espaço etéreo ao nosso redor, negando nossas individualidades e nos fazendo submergir, rígidos, na negridão imensa. Não havia uma única nuvem para dar uma noção perspectiva, bloqueando uma porção do céu noturno. A poucos metros de mim, a pálida luz da lâmpada já desaparecia na escuridão que nos cercava.

O rosto do homem se perdia nas sombras; tudo o que eu conseguia ver eram as faíscas em seus olhos e o branco de seus quatro dentes frontais. Ainda não sei se foi a atmosfera ou a personalidade do homem que me preparou para a revelação, mas já tinha ouvido aqueles mesmos argumentos diversas vezes, de pessoas diferentes, e eles não tinham exercido impressão alguma sobre mim. O falante era, de fato, um homem muito interessante. Tendo

fugido da faca do dogmatismo de um país europeu quando jovem, ele provou o medo (uma das únicas experiências que nos fazem dar valor à vida) e depois, errando de país em país, de aventura em aventura, acabou parando nessa região isolada, para esperar pacientemente a chegada do grande momento.

Após as trivialidades e simpatias introdutórias, quando a conversa começava a vacilar e nós nos preparávamos para seguir nossos caminhos diversos, ele deixou escorregar, com aquela sua risada um tanto quanto prepotente acentuando as disparidades entre seus quatro incisivos frontais: “O futuro pertence ao povo e, gradual ou subitamente, ele vai chegar ao poder, aqui e em todo o mundo”.

“O problema”, continuou, “é que o povo deve ser educado, e isso não pode ser feito antes que ele tome o poder, só depois. Ele só pode aprender a partir de seus próprios erros, e estes serão muito sérios e custarão muitas vidas inocentes. Ou talvez não, talvez essas vidas não sejam inocentes porque pertencem àqueles que cometem os maiores pecados *contra natura*; em outras palavras, eles não têm habilidade para se adaptar. Todos eles, todos os que não conseguirem se adaptar – você ou eu, por exemplo – morrerão amaldiçoando o poder que ajudaram a fazer surgir com sacrifícios muitas vezes enormes. A revolução é impessoal, vai levar suas vidas e até mesmo utilizará suas memórias como um exemplo ou como instrumento para controlar os jovens que surgirem depois deles. Meu pecado é ainda maior porque eu, mais sutil ou mais experiente, chame do que quiser, vou morrer sabendo que o meu sacrifício está fundado apenas na teimosia que simboliza nossa civilização apodrecida e decadente. Eu sei também – e isso não mudará o curso da história ou mesmo sua impressão pessoal a meu respeito – que você morrerá com seu punho cerrado e sua mandíbula tensa, porque você não é um símbolo (um exemplo inanimado), mas sim um autêntico membro da sociedade que deve ser destruída; o espírito da colméia fala através de sua boca e move-se através de seus atos. Você é tão útil quanto eu, mas não percebe quão útil é sua contribuição para a sociedade que o sacrifica.”

Eu vi seus dentes e o riso forçado e jocoso com que ele contou toda a história, senti seu aperto de mão e, como um murmúrio distante, ouvi seu adeus bastante convencional. Aquela noite, que se abriu com o toque de suas palavras, fechou-se novamente a meu redor, deixando-me outra vez trancado dentro dela. Apesar de tudo o que ele disse, eu agora sabia... sabia que no momento em que o grande espírito-guia separar toda a humanidade em apenas duas frações antagônicas, eu estarei com o povo. E sei disso porque vejo impresso na noite em que eu, o dissecador eclético de doutrinas e psicanalista de dogmas, uivando como um homem possesso, tomarei de assalto as barricadas ou trincheiras, mancharei com sangue minha arma e, louco de fúria, degolarei quantos vencidos caíam em minhas mãos. E depois, como se um cansaço enorme derrubasse minha exaltação recente, vejo-me caindo imolado em nome da autêntica revolução que igualará todas as vontades, pronunciando exemplarmente o *mea culpa*. Já sinto minhas narinas dilatadas, saboreando o odor acre da pólvora e do sangue, da minha morte inimiga; já encurvo meu corpo, pronto para a briga, e preparo meu ser como se fosse um recinto sagrado, para que ele faça ressuscitar, com novas vibrações e novas esperanças, o grito bestial do proletariado triunfante.

- ¹ Na época, a data em que Perón foi solto da prisão era feriado nacional na Argentina. O general Juan Domingo Perón ocupou a presidência argentina de 1946 a 1955 e de 1973 até sua morte, no ano seguinte. (N. da edição inglesa)
- ² Uma motocicleta modelo Norton 500. (N. da edição inglesa)
- ³ Este é o nome do cãozinho que Ernesto está levando para sua namorada Chichina, que mora em Miramar, como símbolo de seu regresso. (N. da edição inglesa)
- ⁴ Miguel Otero Silva, poeta e escritor esquerdista venezuelano, nascido em 1908.
- ⁵ Eu escutava passos no barco / os pés descalços / e pressentia os rostos anoitecidos de fome. / Meu coração era um pêndulo entre ela e a rua. / Eu não sei com que forças me liberei de seus olhos / me libertei de seus braços. / Ela ficou, nublando de lágrimas sua angústia / atrás da chuva e do cristal / porém incapaz de gritar: Esperame, / eu vou contigo! (N. do T.)
- ⁶ O Partido Peronista. (N. da edição inglesa)
- ⁷ Fazenda de gado na Argentina. (N. da edição inglesa)
- ⁸ Piloto argentino, campeão de rali. (N. da edição inglesa)
- ⁹ Camponês chileno. (N. da edição inglesa)
- ¹⁰ No original em espanhol, a frase é: “nos deixou a meio caminho entre San Juan e Mendoza”, as duas principais províncias vinícolas da Argentina. (N. da edição italiana)
- ¹¹ A palavra *Che* é usada comumente na Argentina para dizer “cara”, “amigo”, etc. Por isso, os argentinos geralmente recebem o apelido de *Che* nos outros países da América Latina, daí “Che” Guevara. O vocábulo pode ter tido origem na palavra guarani para dizer “meu”; na palavra mapuche, que quer dizer “homem”; ou em uma expressão andaluz. (N. da edição italiana)
- ¹² “Merda” foi usada no lugar da bastante comum partícula expletiva chilena *huevos*. A frase original é: “*Están a la hueva de puro huevones. Por qué no se dejan de huevadas y se van a huevar a su huevona tierra?*” (N. da edição inglesa)
- ¹³ O Partido Comunista Chileno estava prescrito e vários militantes foram perseguidos, sob a assim chamada Lei para a Defesa da Democracia (1948–58). (N. da edição inglesa)
- ¹⁴ Carlos Ibañez del Campo foi presidente do Chile de 1952 a 1958. Era um populista e prometeu legalizar o Partido Comunista se fosse eleito. (N. da edição inglesa)
- ¹⁵ Gênero musical folclórico chileno. (N. do E.)
- ¹⁶ Na chamada Guerra do Pacífico, que durou de 1879 a 1883, o Chile lutou contra o Peru e a Bolívia, anexando o rico deserto do Atacama. (N. da edição inglesa)
- ¹⁷ A moeda peruana. (N. do E.)
- ¹⁸ Índios ou mestiços peruanos. (N. da edição inglesa)
- ¹⁹ Personagem de *Martín Fierro*, poema épico de José Hernández que descreve a vida do gaúcho. (N. da edição inglesa)
- ²⁰ Aliança Popular Revolucionária Americana, fundada em 1930 por Victor Raúl Haya de la Torre. (N. da edição inglesa)
- ²¹ O Inca Garcilaso, como era mais conhecido, era filho de uma princesa inca com um conquistador, e foi um dos cronistas da Conquista. (N. da edição inglesa)
- ²² Mama Occlo era a irmã/esposa de Manco Capac, o primeiro imperador inca. De acordo com a lenda, os dois nasceram extamente ao mesmo tempo, surgindo das profundezas do lago Titicaca, simbolizando assim a unidade e a igualdade do masculino e do feminino. Viracocha era o Deus/Criador inca. Tahuantinsuyu (que significa quatro esquinas) era o mundo inca, cujo centro ficava em Cuzco. (N. da edição inglesa)
- ²³ O drama épico do general inca Ollantay, que foi condenado à morte por ter se apaixonado por uma princesa inca. (N. da edição inglesa)
- ²⁴ Colocado no trono inca por Francisco Pizarro por ter ajudado a destronar Atahualpa, Manco II voltou-se contra os espanhóis. Sua primeira revolta foi esmagada em Ollantaytambo em 1536. (N. da edição inglesa)
- ²⁵ Porque senão rimaria com *culo* (cu em espanhol). (N. da edição inglesa)
- ²⁶ Alusão a um verso famoso do ator e compositor de tangos argentino Carlos Gardel. (N. da edição italiana)
- ²⁷ O deus criador inca. Às vezes, os índios usam o termo para significar homem branco. (N. da edição italiana)

²⁸ O Hospital de Guía. (N. do A.)

²⁹ Falha no texto original. (N. do E.)

³⁰ Jogador argentino. (N. da edição inglesa)

³¹ Jogador de futebol argentino que jogava na ponta esquerda. (N.. da edição inglesa)

³² Quando o político liberal radical Jorge Eliécer Gaitán foi assassinado. (N. da edição italiana)

³³ A moeda venezuelana. (N. da edição italiana)

³⁴ Este capítulo provavelmente foi escrito por Ernesto depois de voltar para a Argentina. Não se sabe ao certo nem em que país nem quando aconteceu o episódio narrado. (N. da edição inglesa)

EPÍLOGO

ERNESTO VAI PARA MIAMI E VOLTA A BUENOS AIRES

POR ERNESTO GUEVARA LYNCH

Enquanto Granado ficou na Venezuela, Ernesto seguiu para Miami em um avião que transportava cavalos de corrida. O avião estava programado para ficar lá apenas um dia, depois voltar para Caracas e então para a Argentina, mas o comandante decidiu fazer uma checagem geral dos motores em Miami, e um deles apresentou um sério defeito. Tiveram de reparar o problema, o que levou um mês inteiro. Ernesto, que tinha de voltar no mesmo avião, ficou encalhado em Miami com apenas um dólar no bolso. Hospedou-se em um pequeno hotel, prometendo pagar de Buenos Aires, o que acabou fazendo.

Quando chegou em casa, ele nos contou sobre os tempos difíceis que passou sem dinheiro. Um exagerado senso de orgulho o havia impedido de nos contar antes. Quase todos dias, caminhava de seu hotel no centro da cidade até as praias de veraneio, porque apenas raramente conseguia uma carona; se recordo direito, o percurso tinha cerca de quinze quilômetros. Mas ele se divertiu o quanto possível e pôde conhecer os Estados Unidos, pelo menos uma pequena parte do país.

Quando o avião ficou pronto, ele subiu a bordo para a jornada de volta. Chegando a Caracas, um cavaleiro que também tinha ficado preso em Miami o acordou para contar que o trem de aterrissagem do avião tinha sido avariado e que eles estavam voando em círculos sobre a capital venezuelana. O avião carregava uma carga enorme de cestas de frutas, mas eles eram os únicos passageiros. Ernesto pensou que o garoto estava brincando e voltou a dormir, apenas para acordar algum tempo depois e olhar pela janela para ver um batalhão de caminhões e carros de bombeiro. O trem de pouso tinha realmente quebrado e o comandante havia chamado a torre de controle, pedindo para que a equipe de resgate ficasse alerta, pois ele iria fazer um pouso forçado. Por sorte, conseguiram liberar o mecanismo do trem de pouso e aterrissaram um pouco depois, sem que acontecesse qualquer desgraça.

Uma manhã, em Buenos Aires, nós recebemos a mensagem de que Ernesto estaria chegando naquela tarde, em um avião cargueiro que vinha de Miami. Ele finalmente voltava para casa, depois de uma epopéia que durou oito meses e que o havia levado através de boa parte da América do Sul.

Toda a nossa família foi ao aeroporto de Ezeiza para recepcioná-lo. O céu daquela tarde estava nublado, com nuvens baixas atrapalhando a visibilidade. Poucas aeronaves estavam voando. O avião cargueiro devia chegar às duas da tarde, e nós já estávamos esperando há duas horas. Estávamos todos nervosos, porque não havia sinal do avião, e este ainda não tinha entrado em contato com a torre de controle. Os funcionários nos acalmaram, dizendo que

aviões de carga não tinham horários fixos e sempre apareciam no horizonte quando menos se esperava.

E assim foi. O Douglas apareceu de repente, voando baixo através das nuvens e sobrevoando o aeroporto antes de pousar sem problema algum. Alguns momentos depois, com uma jaqueta protegendo-o da garoa, Ernesto apareceu e correu na direção do terminal. Eu estava no terraço e, com as mãos em forma de megafone, gritei o mais alto que consegui. Ele ouviu o berro, mas não sabia de onde vinha. Depois, nos viu no terraço e eu ainda me lembro do sorriso em seu rosto ao acenar em nossa direção. Era setembro de 1952.

RESUMO BIOGRÁFICO

1928 – Ernesto Guevara de la Serna nasce em Rosário, Argentina, no dia 14 de junho, filho de Ernesto Guevara Lynch, engenheiro civil, e de Célia de la Serna. Ele é o primogênito de cinco filhos.

1932 – A família muda-se de Buenos Aires para Alta Gracia, Córdoba, por causa dos sérios ataques de asma do pequeno Ernesto. Os Guevara são uma numerosa e próspera família de classe média alta, com ideias liberais e até mesmo radicais. Ernesto Guevara Lynch foi anticlerical e pró-republicano durante a Guerra Civil Espanhola e apoiou os aliados durante a II Guerra Mundial. Era também um dedicado antiperonista.

1948 – Ernesto entra para a Escola de Medicina da Universidade de Buenos Aires. Tem um entusiasmado interesse por literatura, viagens e esporte – principalmente futebol e rúgbi, apesar de sua asma, que acaba dispensando-o do serviço militar obrigatório.

1950 – Ernesto faz uma viagem solitária de mais de 6 mil quilômetros em uma pequena moto pelo norte da Argentina.

1951/52 – Empreende a jornada através da América do Sul que é narrada neste livro. Ele viaja com Alberto Granado, seu amigo de faculdade, médico especializado em leprologia.

1953 – Forma-se em medicina, completando em três anos um curso que normalmente dura seis.

Começa sua segunda viagem através da América Latina.

Na Bolívia, testemunha uma mobilização de trabalhadores e a reforma agrária que se segue à Revolução Nacional de 1952.

1954 – Na Guatemala, vê o governo radical de Jacobo Arbenz ser derrubado por Castillo Armas, que é apoiado pelos Estados Unidos. Por conta disso, tem de fugir para o México. Ali, conhece Fidel Castro e junta-se a seu grupo, que está treinando para a já planejada invasão a Cuba. Ele é o único estrangeiro no grupo, e foi incluído por ser médico. Casa-se com uma peruana, Hilda Gadea, com quem tem depois uma filha, Hildita.

1956 – O grupo de Fidel desembarca em Cuba, vindo no navio *Granma*, e inicia a guerrilha de três anos contra a ditadura de Fulgencio Batista.

1959 – Após a vitória, Che é nomeado diretor do Banco Nacional no governo revolucionário de Fidel. Casa-se com Aleida March de la Torre, com quem tem quatro filhos.

1961 – É nomeado ministro da Indústria e, no encontro da Organização dos Estados Americanos, em Punta del Este, Uruguai, denuncia a “Aliança para o Progresso”, proposta política para a América Latina do presidente John Kennedy. Durante os quatro anos seguintes, Che viaja por todo o mundo como embaixador de Cuba.

1965 – Che deixa Cuba para engajar-se diretamente na luta revolucionária internacional. Viaja através da África, lutando no Congo.

1966 – Retorna à América Latina para organizar diversos grupos guerrilheiros, tentando detonar “vinte novos Vietnãs”. Entra na Bolívia disfarçado.

1967 – Depois de alguns meses de combates com o exército boliviano, Che é capturado no dia 8 de outubro, perto da vila de Vallegrande, e executado por ordem do presidente Barrientos.